



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
EMBRAPA AMAZÔNIA ORIENTAL
NÚCLEO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E DESENVOLVIMENTO RURAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGRICULTURAS AMAZÔNICAS

MYRLA FRANCO ANTUNES RESQUE

MOTIVAÇÃO DE JOVENS PARA O TRABALHO NA COMUNIDADE
PERSEVERANÇA, SÃO DOMINGOS DO CAPIM – PA

BELÉM - PA

2017

MYRLA FRANCO ANTUNES RESQUE

**MOTIVAÇÃO DE JOVENS PARA O TRABALHO NA COMUNIDADE
PERSEVERANÇA, SÃO DOMINGOS DO CAPIM – PA**

Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável. Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas, Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Pará. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Amazônia Oriental.
Área de concentração: Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável.

Orientadora Prof.^a Dalva Maria da Mota.

**BELÉM - PA
2017**

MYRLA FRANCO ANTUNES RESQUE

**MOTIVAÇÃO DE JOVENS PARA O TRABALHO NA COMUNIDADE
PERSEVERANÇA, SÃO DOMINGOS DO CAPIM – PA**

Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável. Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas, Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Pará. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Amazônia Oriental. Área de concentração: Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável Orientadora Profa. Dalva Maria da Mota.

Data da aprovação. Belém - PA: _____/_____/_____

Banca Examinadora

Dr^a. Dalva Maria da Mota Embrapa Amazônia Oriental- NCADR (Orientadora)

Dr^a. Angela May Steward NCADR– Universidade Federal do Pará – UFPA (Titular interno)

Dr. Joel Orlando Bevilaqua Marin
Universidade Federal de Santa Maria –UFSM
(Titular externo)

**BELEM-PA
2017**

Dedicatória
Para vovó Raimunda *in memoriam*

AGRADECIMENTOS

Desafio, tão grande quanto a conclusão desta dissertação, foi conseguir sintetizar em duas páginas a minha gratidão às pessoas que contribuíram para que este trabalho saísse do plano das ideias e se concretizasse.

Agradeço primeiramente a Deus por me permitir sentir sua presença todos os dias e por me fortalecer a cada passo na jornada da vida.

Agradeço aos meus pais Marília e Franco pelo carinho e amor, por não medirem esforços para fazerem o seu melhor em minha criação e na criação de minha irmã, priorizando sempre a boa educação e o respeito ao próximo. Vocês são os meus maiores exemplos de luta e força para a concretização de sonhos.

Agradeço a minha querida irmã Chey, por todo amor e cumplicidade, por acreditar em todos os meus projetos e por se fazer presente incondicionalmente com broncas e afagos nos momentos em que mais precisei.

Agradeço aos meus familiares Antunes e Prazeres, vovô Moacir, tios, tias, em especial tia Graci e tio Duda por serem minhas primeiras referências e exemplos de sucesso e dedicação na vida acadêmica. Também não poderia deixar de agradecer aos meus primos, amigos amados que a família me deu. Obrigada “primotes”, pela torcida em todas as minhas batalhas e por vibrarem com as minhas conquistas.

Agradeço ao meu amor, amigo e companheiro Gabriel. Grande incentivador do meu crescimento pessoal e profissional, o principal responsável por eu ter participado da seleção para o mestrado.

Agradeço aos meus sogros Matilde e Geraldo, pelo aconchego, carinho e apoio de sempre e também aos demais membros da família Resque, que estão sempre presentes em minha vida e hoje são também minha família.

Agradeço a minha querida e incansável orientadora professora Dalva da Mota. Obrigada por ter me acolhido e me ensinado tantas coisas que ultrapassam a fronteira da vida acadêmica. Nunca esquecerei das tardes e noites de leituras detalhadas que fez sobre meu trabalho, do jeito único que a Sra. se dispõe a ensinar, dos puxões de orelha e de sua dedicação a nós, seus “filhos” orientandos.

Agradeço a minhas amigas de Belém, Delma, Di, Juli, Josi e todo meu grupo de Betes, obrigada por tudo.

Agradeço as amigas do Rio Dani, Fernanda, Narla, Paula, Pri e Tati por não terem deixado a distância romper os nossos laços de amizade. Obrigada por serem entusiastas dos meus projetos e estarem sempre dispostas a me ouvir e aconselhar quando mais preciso.

Agradeço à UFPA, a todos os professores do NCADR. Em especial aqueles que ministraram as disciplinas no curso: Prof.^a Lívia Navegantes, Prof.^a. Noemi Porro, Prof.^o Gutemberg Guerra, Prof.^o Heribert Schmitz e Prof.^a Sonia Magalhães. Obrigada por toda a dedicação e compromisso, vocês contribuíram de maneira significativa para que eu me apaixonasse pela proposta desse mestrado.

O meu muito obrigada também para o Moacir Pereira, secretário do PPGAA/NCADR, que sempre atendeu minhas solicitações de maneira atenciosa e cordial.

Agradeço aos meus queridos colegas da turma MAFDS 2015, nosso companheirismo e amizade ficarão presentes para sempre em minha memória.

Não posso deixar de registrar aqui os meus agradecimentos aos companheiros do AFINS, dentre eles: Socorro, Daniel, Diocélia, Lissandra, Laiane e Suellen, pessoas que contribuíram de forma significativa para a elaboração deste trabalho. Sem vocês as reuniões do projeto e as tardes na Embrapa, não teriam sido ao mesmo tempo, tão agradáveis e produtivas.

Agradeço também a Elineuza por sua dedicação e eficiência que contribuíram em muito para a viabilidade da minha pesquisa.

Agradeço a todos que me receberam nas comunidades visitadas, especialmente os moradores e famílias de Perseverança, que cederam seu tempo e relatos de vida para que eu pudesse elaborar este trabalho. Em especial agradeço a Kivia e sua família, também a família de Dona Fátima e Seu Bio que juntamente a seus filho e nora, me receberam em São Domingos do Capim e me auxiliaram no que estava ao seu alcance para que minha pesquisa fosse realizada. Meu obrigada de coração.

E por fim, agradeço a meu filhote Lucas que já estava comigo nos momentos finais da pesquisa de campo, cresceu em minha barriga ao longo da escrita da dissertação e ao nascer só aumentou a minha vontade de concluir esta etapa. Obrigada por todas às vezes que você ficou com suas avós sem chorar ou dar trabalho, assim a mamãe pode finalizar este trabalho. Você é a luz da minha vida.

RESUMO

Nesta dissertação meu objetivo geral foi analisar a motivação de jovens para o trabalho em Perseverança, São Domingos do Capim, PA. O universo em que a pesquisa foi desenvolvida é caracterizado pela coexistência da produção familiar e empresarial, fator que gera novas possibilidades produtivas e de inserção no mercado de trabalho para os jovens. A pesquisa foi realizada por meio de abordagem predominantemente qualitativa, estudo de caso com entrevistas e observações diretas. Os procedimentos constaram de entrevistas (formulários fechados, roteiro semiestruturados e entrevistas não diretas) e de observações diretas. O estudo foi realizado com 60 jovens classificados em quatro grupos etários de acordo com a etapa de vida em que estes se encontravam na ocasião da pesquisa de campo. As principais conclusões mostram que a concepção de juventude é diferente entre os sexos. Para os rapazes ser jovem é possuir vigor físico para o trabalho, e para as moças está associado a não ter responsabilidades acarretadas pelo casamento e filhos. As motivações dos jovens para o trabalho assalariado são: a necessidade de ter uma renda própria, a falta de reconhecimento das atividades domésticas como trabalho e o acesso a vantagens trabalhistas. Em se tratando das motivações para o trabalho familiar são: a possibilidade de flexibilização do tempo, a proximidade com a família e das relações com o lugar em que vivem, o casamento. A escolha da profissão pelos jovens se encontra diretamente relacionada à valorização do trabalho e influência de seus pais. Os jovens estão satisfeitos com a vida rural e indicam que sua saída ou permanência estão ligadas à escassez de oportunidades de estudo superior e de trabalho na própria comunidade.

Palavras-chave: juventude, trabalho assalariado, trabalho familiar.

ABSTRACT

In this thesis my general objective was to analyze the motivation of young people to work in Perseverança, São Domingos do Capim, PA. The universe which the research was developed is characterized by the coexistence of family and corporate production, factor that generates new productive possibilities and market insertion for young people. The research was conducted through a predominantly qualitative approach, case study with interviews and direct observations. The procedures consisted of interviews (closed survey questionnaires, semi-structured guide and non-directive interviews) and direct observations. The study was made with 60 young people, classified into four age groups according to the stage of life which they were in at the time of field research. The main conclusions show that the conception of youth is different between both sexes. For young men the youth is to have physical strength for work, and for girls is associated with having no responsibilities entailed by marriage and children. The motivations of young people for paid employment are: the need to have their own income, the lack of recognition of domestic activities as work and access to labor advantages. In reference of the motivations for family work are: the possibility of time flexibility, the proximity to the family and the relationships with the place they live, marriage. The choice of their profession is directly related to the valorization of work and influence of their parents. The young people are satisfied with the rural life and indicate that their departure or permanence are linked to the lack of opportunities for higher education and work in the community itself.

Key words: youth, paid employment, family work.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1- Localização da área de estudo de Perseverança em São Domingos do Capim.....	33
Fotografia 1 - Árvores e flores em frente à casa de um morador de Perseverança.	37
Fotografia 2 - A pesquisadora e o trabalho de fazer farinha de mandioca.	41
Quadro 1- Jovens entrevistados na comunidade Perseverança	48
Fotografia 3 - Jovem de Perseverança assistindo um famoso desenho animado americano....	53
Fotografia 4 - Jogo de futebol de moças na arena de Perseverança.	55
Gráfico 1 - Atividades desenvolvidas e idades de inserção no trabalho.	59
Quadro 2 - Percentual de jovens de Perseverança beneficiados pelo PBF no período da infância/adolescência.....	62
Quadro 3- Trabalho familiar de Jovens em Perseverança	63
Quadro 4 - Jovens casados em Perseverança.	64
Quadro 5 -Tipos de atividades remuneradas realizadas pelos jovens em Perseverança.	69
Quadro 6 - Trabalho de moças e rapazes no estabelecimento familiar em Perseverança.	75
Quadro 7 - Destaque Grupo etário 1.....	78
Quadro 8 - Destaque Grupo etário 2.....	81
Quadro 9 - Destaque Grupo etário 3.....	82
Quadro 10- Destaque Grupo etário 4.....	82

LISTA DE SIGLAS

ADM – Archer Daniels Midland

AFInS – Agricultura Familiar e Inclusão Social

CLT – Consolidação das Leis do Trabalho

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

GE – Grupo Etário

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INSS – Instituto Nacional do Seguro Social

NEA – Núcleo de Estudo de Agroecologia

OIT – Organização Internacional do Trabalho

PBF – Programa Bolsa Família

PROJOVEM – Programa Nacional de inclusão de Jovens

SUAS – Sistema Único de Assistência Social

UFRA – Universidade Federal Rural da Amazônia

UPFA – Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1.	JUVENTUDE RURAL	17
2.2.	TRABALHO FAMILIAR E JOVENS	21
2.3	TRABALHO ASSALARIADO DE JOVENS RURAIS	25
2.4.	MOTIVAÇÃO DE JOVENS RURAIS PARA O TRABALHO FAMILIAR E/OU ASSALARIADO	28
3	REFERENCIAL METODOLÓGICO	33
3.1.	CONTEXTO DE PESQUISA	33
3.1.1	A comunidade Perseverança	35
3.2	INSERÇÃO NO CAMPO: DESAFIOS DE UMA “JOVEM” PESQUISADORA	39
3.3.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	45
3.3.1	Levantamento de dados	45
3.3.2	Entrevistas e observações	46
3.3.3	Tratamento, interpretação de dados e escrita da dissertação	49
4	JUVENTUDE E TRABALHO EM PERSEVERANÇA	50
4.1.	JUVENTUDE RURAL?	50
4.1.1	Como é ser jovem em Perseverança	52
4.3	“DESDE PEQUENO EU JÁ AJUDAVA”: A INSERÇÃO DOS JOVENS NO TRABALHO EM PERSEVERANÇA	58
4.3.1	“Serviço de jovem”: o trabalho dos jovens em Perseverança	65
5	MOTIVAÇÃO DE JOVENS PARA O TRABALHO EM PERSEVERANÇA: AS DIFERENÇAS DE PERSPECTIVAS EM RELAÇÃO AO TRABALHO FAMILIAR E ASSALARIADO	67
5.1	“TRABALHAR DE SALÁRIO É SEGURANÇA”: JOVENS E A MOTIVAÇÃO PARA O TRABALHO ASSALARIADO EM PERSEVERANÇA	68
5.1.1	O trabalho assalariado de jovens e sua relação com a família	73
5.2	“BEM MELHOR FAZER O NOSSO HORÁRIO TRABALHANDO COM O PAI”: JOVENS E A MOTIVAÇÃO PARA O TRABALHO FAMILIAR EM PERSEVERANÇA ..	74
5.2.1	A participação dos jovens no trabalho familiar em Perseverança	76

5.3. “A VIDA QUE EU QUERO LÁ NA FRENTE”: PROJETOS DE VIDA DOS JOVENS DE PERSEVERANÇA.....	77
6 CONCLUSÕES	86
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90

1 INTRODUÇÃO

A juventude e o seu lugar na sociedade se tornaram uma constante preocupação dos estudiosos na época moderna e na contemporaneidade, uma permanente “questão pública” (GROPPO, 2004), antes disto, o jovem não era visto como um ator social. A nova perspectiva, surgiu com a criação de instituições como escola, Estado, o direito, o mundo do trabalho industrial e a ciência, que tiveram papel crucial sobre o reconhecimento, criação e recriação de divisões sociais e de indivíduos por períodos referentes a fases diferentes da vida (CAPELO; MARTINS; AMARAL, 2007).

Durante muito tempo os estudos sobre juventude no Brasil, relacionavam-se a juventude urbana. Ainda no final da década de 90, a maioria da produção acadêmica sobre o tema enfocava o contexto urbano, relacionado sobretudo a educação, sexualidade, movimentos sociais e socialização (ABRAMO, 1997; MELUCCI, 1997; SPOSITO, 1999).

Weisheimer (2005), explica que neste mesmo período, a pesquisa brasileira começou a olhar para os jovens no universo rural com abordagem principal de dois aspectos: a participação dos jovens nas dinâmicas migratórias e a persistência do que chamou de invisibilidade social. Estudiosos também apontaram a saída ou permanência dos jovens do espaço rural atrelado ao contexto em que estes atores estariam inseridos, sobretudo com análises que privilegiaram a categoria trabalho e a reprodução social do grupo familiar (WOORTMAN, 1990; CAMARANO e ABRAMOVAY, 2014; WANDERLEY; 1999).

Estudos mais recentes sobre a juventude rural enfocaram migração do campo para a cidade e o desinteresse dos jovens pelo meio rural e, em especial, pelo trabalho na agricultura (FERRARI *et al.* 2004; STROPASOLAS, 2006; BRUMER, 2007; CAMARANO; ABRAMOVAY, 2014). Deste modo, ampliou-se o interesse sobre os temas relacionados a jovens no meio rural no Brasil, e outros temas foram abordados neste âmbito.

O trabalho dos jovens e a heterogeneidade das condições de vida como resultado de diferentes inserções produtivas e dos diversos padrões de sociabilidade e educação também inscreveram-se como objeto de reflexão (WEISHEIMER, 2005; STROPASOLAS, 2006; WANDERLEY, 2007; CARNEIRO, 2007; COSTA & RALISH, 2013; BRUMMER, 2013). Apesar deste “novo olhar” para o jovem, ator importante na configuração das relações no espaço rural, analiso que tanto no campo acadêmico como nas políticas públicas, persiste o desafio quanto a produção acadêmica que trate este tema no contexto nacional, quanto a

realidades distintas e as especificidades de cada região e localidades do Brasil.

De acordo com o levantamento bibliográfico realizado por mim, apesar das valiosas contribuições de Freire e Castro (2007), Silva (2008), Freire (2009), Alves e Mota (2013) e Souza (2015), imprescindíveis para a compreensão do tema juventude no Pará, tanto na dimensão dos dados quantitativos, quanto nas análises qualitativas, ainda são poucos os trabalhos acadêmicos que consideram jovens rurais e trabalho no estado.

Deste modo, o tema desta dissertação é a motivação do jovem para o trabalho. A juventude que aqui será retratada, inscreve-se na categoria juventude amazônica (FREIRE e CASTRO, 2007), tendo em vista que a investigação empírica foi realizada com os jovens de Perseverança, São Domingos do Capim, PA.

O universo em que a pesquisa foi desenvolvida é caracterizado pela coexistência da produção familiar (pimenta do reino, fruticultura, dendê) e empresarial (empreendimentos agrícolas e industriais), fator que gera novas possibilidades produtivas e de inserção no mercado de trabalho para os jovens. O contexto de análise é demarcado também pelas transformações políticas, econômicas e sociais que ocorreram no Brasil rural a partir dos anos 90.

Redin et al (2013), explica que a literatura deste período apresentou elementos e transformações em que a juventude rural surge inserida em um contexto de novas formas de sociabilidade e o envolvimento das famílias com a agricultura diminui gradualmente em meio a processos emergentes de atividades não-agrícolas no espaço rural.

A juventude rural do município de São Domingos do Capim, encontra-se num momento histórico na Amazônia, que coincide estruturas de produção relacionadas ao modelo familiar, formas artesanais de trabalho e a possibilidade de trabalho assalariado nas agroindústrias, cooperativas etc. (CASTRO e ACEVEDO, 2014). O contexto destas múltiplas situações podem influenciar ou não o jovem em seu projeto de vida, e evidenciam os dilemas que serão aqui tratados por mim ao que tange sua motivação para o trabalho familiar ou assalariado.

Considerando os aspectos levantados, me proponho a refletir sobre questões que ainda não foram abordados na literatura revisada sobre a juventude rural de São Domingos do Capim, PA, dentre as quais, a caracterização dos jovens quanto a sua trajetória e inserção no trabalho familiar e assalariado, a motivação dos jovens para o trabalho no universo rural e seus projetos futuros.

Minha aproximação do tema e interesse pelo estudo se deu no decorrer de experiência profissional, no contato com jovens do meio rural paraense no Baixo Tocantins. Atuei como

técnica de referência do Serviço Social no Projovem Adolescente¹ no período de dois anos de convivência semanal, no município de Igarapé-Miri. Nesta oportunidade, pude observar de perto alguns coletivos² e questões pertinentes ao universo dos jovens (da parte rural e urbana do município) no que diz respeito ao seu modo de vida, perspectivas, escolhas profissionais, reproduções de padrões culturais e os problemas enfrentados pelos mesmos. A rotina de trabalho da época, seguida dos cronogramas e diretrizes de atuação dadas pelas normas operacionais de mediação destes serviços de convivência, não foram o suficiente para elucidar alguns aspectos intrigantes da temática da juventude. A lacuna foi determinante para a escolha da categoria juventude como principal desafio neste estudo.

O objetivo geral desta dissertação é analisar a motivação de jovens para o trabalho em Perseverança, São Domingos do Capim, PA. A pergunta de pesquisa a ser respondida é: Considerando o contexto de coexistência de possibilidades de engajamento no trabalho familiar e assalariado, por que os jovens se motivam a trabalhar com a família ou para terceiros por meio do assalariamento? Os meus objetivos específicos são: a) Caracterizar a comunidade quanto sua criação, história e perfil social e econômico; b) Caracterizar os jovens quanto a sua trajetória e inserção no trabalho familiar e assalariado; c) Identificar e analisar a motivação dos jovens para o trabalho familiar e assalariado e seus projetos de vida.

Esta dissertação se estrutura da seguinte maneira: uma introdução; quatro capítulos e as conclusões. No primeiro Capítulo “Referencial teórico”, apresento as categorias centrais utilizadas no estudo, quais sejam: juventude rural, trabalho familiar de jovens, trabalho assalariado de jovens rurais e motivação de jovens rurais para o trabalho familiar e/ou assalariado; o segundo capítulo, “Referencial metodológico”, descreve as etapas e razões do estudo, neste apresento o contexto de pesquisa e a metodologia adotada na pesquisa; no terceiro capítulo, “Juventude e trabalho em Perseverança” descrevo o tipo de atividades produtivas desenvolvidas por rapazes e moças na comunidade em questão e sua inserção e trajetórias no âmbito do trabalho; o quarto capítulo “Motivação de jovens para o trabalho em perseverança: as diferenças de perspectivas em relação ao trabalho familiar e assalariado” analisa a motivação para o trabalho de jovens de Perseverança e seus projetos de vida, neste abordo aspectos do

¹ Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Adolescentes e Jovens de 15 a 17 anos, uma das quatro modalidades do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem). Atua principalmente de forma educativa, integrado as ações de Proteção Social Básica do Sistema Único de Assistência Social- SUAS.

² Denominação dada a grupos de jovens organizados para o desenvolvimento das atividades do programa.

trabalho familiar e assalariado dos jovens, seus planos e objetivos para o futuro, e as tendências apontadas no meio acadêmico para juventude rural e trabalho; por fim as conclusões.

O estado do Pará possui dimensões que implicam em uma grande heterogeneidade cultural, biodiversidade, particularidades e peculiaridades em cada uma de suas mesorregiões³. É fundamental compreender a juventude em suas múltiplas faces, como grupos que são influenciados por transformações, situados em espaços sociais e temporalidades que lhes atribuem significados únicos (FREIRE, 2009). Nesta perspectiva, compreender o universo do jovem paraense é privilegiar cada uma destas características e abranger toda a pluralidade em que a juventude amazônica se apresenta.

Diante dos pontos que apresentei nesta introdução, o presente estudo pretende contribuir para a reflexão sobre a juventude rural paraense, ao analisar seu papel e anseios diante das práticas produtivas, motivação para o trabalho e perspectivas de futuro em São Domingos do Capim, PA.

A relevância desta pesquisa insere-se num contexto, onde faz-se necessária a ampliação dos estudos sobre a categoria juventude no Pará no âmbito das relações rurais, possibilitando futuramente subsidio para novas políticas públicas, fortalecimento de movimentos sociais e estudos da academia.

³ Baixo Amazonas, Marajó, Mesorregião Metropolitana de Belém, Nordeste Paraense, Sudeste Paraense e Sudoeste Paraense

2 REFERENCIAL TEÓRICO

No presente capítulo tenho como objetivo a reflexão sobre as categorias teóricas utilizados na elaboração desta dissertação. Foram revisados autores que estudam a juventude rural, o trabalho de jovens e motivação, voltados em minha análise para o trabalho familiar e/ou assalariado. Este arcabouço teórico é imprescindível para a compreensão da juventude rural num contexto de Perseverança, influenciado pelos padrões locais de socialização pra o trabalho, mediante as demais transformações que ocorreram no meio rural brasileiro.

2.1. JUVENTUDE RURAL

Desvendar as dimensões em que a juventude rural está inserida na sociedade hoje, significa considerá-la na sua diversidade social e nas suas peculiaridades. Devido à complexidade do debate sobre o que é ser jovem, especialmente no que diz respeito a consolidação desta como categoria teórica, tendo em vista que a construção desta referência não depende apenas de uma cronologia biológica, mas sim de um espaço temporal que marca a trajetória biográfica de cada pessoa, identifiquei na bibliografia revisada, lacunas referentes a temática juventude rural.

Os estudos sobre a juventude rural são recentes se comparados aos trabalhos que envolvem outras categorias. Segundo, Marin & Andreu (2009), o olhar da academia se voltou a esta categoria nas últimas décadas do século XIX e se consolidou no século seguinte.

...com a industrialização tardia dos países latino-americanos e a correspondente modernização da sua agricultura, a ideia de juventude rural se inseriu nos discursos e práticas das instituições desenvolvimentistas... (MARIN e ANDREU, 2009, p. 622, tradução minha)

A luz da leitura de Marin & Andreu (2009) é possível compreender que o termo “juventude rural” surgiu para atender uma demanda do Estado, por meio de políticas públicas em torno da educação agrícola dirigidas aos jovens. Estas, tinham como objetivo a formação de futuros agricultores, e caminhavam juntamente com a noção de desenvolvimento, desencadeada pela expansão das relações capitalistas de produção no espaço rural. Para este autor, o jovem do espaço rural tornou-se um sujeito social a serviço do capitalismo industrial desde a invenção desta categoria nos países da Europa Ocidental e nos Estados Unidos, até a sua internalização

na América Latina.

Com o desenvolvimento das forças produtivas, os poderes públicos e privados começaram a investir na formação profissional da população rural, especialmente das jovens gerações, dirigindo-se a difusão de novos conhecimentos e tecnologias de aperfeiçoamento dos processos produtivos agrícolas apresentado como melhoria das condições de vida de da população rural. (MARIN e ANDREU, 2009, p. 619, tradução minha)

De acordo com Marin & Andreu (2009), houve a necessidade de se criar uma nomenclatura para os jovens do espaço rural serem identificados e enquadrados a políticas públicas específicas que se direcionavam a eles, mas isso não significa que antes do período de industrialização e modernização do campo não existiam jovens rurais. A juventude nas sociedades camponesas sempre fez parte do cotidiano da vida rural e das práticas de trabalho familiar, porém a juventude não era reconhecida de forma particular ou como uma fase distinta na vida dos indivíduos.

No plano teórico, é conveniente ressaltar que a caracterização de juventude rural não é estática e não pode ser dissociada do debate mais amplo sobre juventude. De acordo com os estudos de Groppo (2004), existem movimentos cíclicos na sociedade e fases em que a preocupação com a juventude é enfatizada.

Por exemplo, a partir do final do século XVIII e em todo o século XIX, diversos ciclos de preocupação com a “delinquência” e/ou promiscuidade juvenil das classes trabalhadoras se deram, conforme a industrialização e a urbanização iam se aprofundando e se estendendo pelos países da Europa e, logo, para todo o mundo. (GROPPO, 2004, p. 10)

O enfoque do tema no meio acadêmico suscita controvérsias sobre quais critérios utilizar para caracterizar juventude. Weisheimer (2005), explica os diferentes critérios no que se refere as definições conceituais sobre a juventude rural, as mais observadas na literatura revisada por mim, se enquadram em: faixa etária, ciclo da vida, geração, cultura ou modo de vida e representação social.

A abordagem por faixa etária, utilizada de forma recorrente nas políticas públicas e programas sociais define o que é ser jovem a partir de um recorte entre idades, entretanto essa abordagem suscita muitas críticas. Em entrevista⁴ Bourdieu (1983), tratou a juventude como uma categoria pré-construída, e enfatiza em sua análise que as divisões entre idades são arbitrárias. Para o autor estas formulações que a tornam um objeto que pressupõe conceitos

⁴ Entrevista de Anne-Marie Métaillé, publicada pela primeira vez em *Les Jeunes et le premier emploi*, Paris, *Association des Ages*, 1978.

generalizados, fazem parte do processo de construção de estruturas de controle social.

Esta estrutura, que é reencontrada em outros lugares (por exemplo, na relação entre os sexos) lembra que na divisão lógica entre os jovens e os velhos, trata-se do poder, da divisão (no sentido de repartição) dos poderes. As classificações por idade (mas também por sexo, ou, é claro, por classe...) acabam sempre por impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter em relação à qual cada um deve se manter em seu lugar. (BOURDIEU, 1983; p 01)

Para Weisheimer (2005) a classificação etária se torna arbitrária por não considerar todas as dimensões das diferenças entre idade biológica e idade social dos atores, mesmo quando há a necessidade de se estabelecer um público específico para a pesquisa. Este autor sugere que a melhor solução diante disto, é a análise de como os limites foram socialmente construídos referentes a grupos de idade e sendo assim, cria-se a possibilidade de transformá-los em critérios para a atribuição de papéis sociais.

Em relação ao ciclo de vida, Durston (1998) explica que, o importante para o dimensionamento do significado de juventude, não é a idade cronológica da pessoa em questão e sim o momento em que se encontra na vida. Segundo Camarano et al. (2006), nesta abordagem é comum que haja a divisão do ciclo da vida em fases, que estão acompanhadas sequencialmente por uma determinada idade da pessoa e que apresentam algum grau de previsibilidade em relação ao início e ao final dessa fase,

São marcadas, por um lado, por eventos biológicos, como puberdade, menarca, reprodução, menopausa, viuvez, senilidade, morte etc.; e por outro, por eventos sociais, como formatura, primeiro emprego, parentalidade, casamento, aposentadoria etc. A delimitação das fases da vida depende dos momentos em que acontecem cada um desses eventos. (CAMARANO et al. 2006; p 31)

Weisheimer (2005) esclarece que a abordagem que leva em consideração o ciclo de vida dos indivíduos está ligada a ideia de transição em diferentes períodos da vida, e por isto não é produtiva ao debate, porque se caracteriza pela atribuição de papéis sociais específicos para o que se define como período de transição. Porém, esse período pode ser percebido de diversas maneiras de acordo com os atores e o contexto em que estão inseridos, condição que dificulta sua utilização como critério para o recorte de juventude.

A imagem da juventude socialmente construída aponta comumente para um período da vida, como uma fase de transição entre o mundo infantil e o mundo adulto. Para Sposito (2009), nesse ponto os jovens são percebidos apenas sobre a ótica da transitoriedade de sua condição como sujeito, o que dificulta a percepção de juventude de uma forma mais aprofundada. Nesta perspectiva, os jovens são definidos pelo negativo, pela ausência, pelo que não são, nem

crianças e nem adultos, o que pode ocasionar uma certa invisibilidade destes como atores sociais.

Para Castro (2009) existe uma interpretação comum no campo temático da juventude que reforça relações de poder e hierarquia social ao caracterizar a juventude como um período de transição para a vida adulta.

Uma leitura comum atravessa o campo temático da juventude e reforça relações de poder e hierarquia social: juventude como um período de transição para a vida adulta. A valorização e a associação de fatores físico-biológicos a comportamentos psicológicos e sociais como chaves explicativas privilegiadas para se compreender a categoria estão na base de algumas formulações sobre juventude e se refletem em duas questões centrais: 1) a caracterização de padrões comportamentais que os jovens estão predispostos a reproduzir; 2) a valorização da transitoriedade dessa identidade social. A classificação etária é recorrente na definição de juventude, construída a partir de limites mínimos e máximos de idade. (CASTRO, 2009; p 41)

Em se tratando de uma abordagem geracional, é levada em consideração a similaridade de situação num mesmo tempo histórico, na qual o fato dos jovens terem a mesma idade e ter vivido na mesma época os classifica. Oliveira *et al.* (2012), explica que no pensamento que leva em consideração a geração, é necessário um recorte histórico e análise de memórias coletivas, onde determina-se que as pessoas que viveram em um mesmo período da história formam e assimilam valores semelhantes. Este princípio estabelece que os indivíduos com idades similares tenham memórias equivalentes quanto aos eventos que marcaram determinado período. No entanto, se levarmos em consideração autores como, Stropasolas (2006), Carneiro (2007), e Weisheimeir (2013), que analisam a juventude de forma heterogênea diante de seu universo plural, não identificaremos todos os jovens que nasceram em um dado período como pertencentes a um único grupo, pois esta análise ignora as amplas diferenças regionais e desigualdades de contextos sociais, econômicos, culturais a que se referem os jovens no Brasil.

Outro enfoque encontrado sobre juventude na literatura, é a utilização de cultura ou modo de vida, e representação social como parâmetros. De acordo com Wheisheimer (2005), esta abordagem insere a juventude dentro de critérios que identificam elementos como uma cultura jovem.

A mídia aparece então como o principal componente na construção do entendimento do que seja a juventude. A cultura juvenil emerge como um produto da abundância intimamente ligada à sociedade de consumo. Suas características incluem certo tipo de vestimentas, acessórios, linguagem, gostos musicais e práticas esportivas e de lazer. (WEISHEIMER, 2005, p. 23)

Abordagens como esta limitam a juventude a um estereótipo, onde os atores que não

estão inseridos no contexto “ideal” passam a não ser considerados pertencentes a esta categoria. Segundo Oliveira *et al.* (2012), as generalizações neste sentido seriam excludentes. Certa parcela de jovens poderiam estar de acordo com determinado perfil, e mesmo assim, seriam ignoradas outra grande parte de atores que, apesar da existência de redes sociais, internet e tecnologias que deveriam aproximá-los deste modelo, por vezes, reforçariam mais as distâncias entre os mesmos.

Dentre os enfoques apresentados existem ainda, situações em que não é estabelecida uma definição fechada sobre o que é juventude. Carneiro (1998), não classifica a juventude por parâmetros universais, para a autora a classificação é realizada pela própria sociedade do local onde a pesquisa é realizada. Sendo assim, de acordo com a realização e aprofundamento dos estudos, são consideradas as representações sociais de cada sociedade para a elaboração de um conceito particular do que é ser jovem.

Neste caminho Sposito (2002), compreende que a definição prévia da juventude não deva ser realizada, sob o risco de tornar estéril a investigação

a própria definição do tema Juventude encerra um problema sociológico passível de investigação, na medida em que os critérios que a constituem enquanto sujeitos são históricos e culturais. (SPOSITO, 2002. p. 08)

Diante disto, para que a juventude de Perseverança seja compreendida no seu sentido mais amplo, de forma aprofundada e para que haja uma construção teórica do que é ser jovem nesta localidade, levo este referencial em consideração no desenvolvimento desta dissertação.

2.2. TRABALHO FAMILIAR E JOVENS

O trabalho é intrínseco a sociedade camponesa e caracteriza-se por valores e representações sociais, que são diretamente associados a identidade, a inserção, a honra e a integridade individual (REDIN a, 2013).

Em relação ao trabalho familiar, Garcia (1983) o caracteriza como aquele em que as tarefas são organizadas e desenvolvidas por membros da família no qual a unidade de produção coincide com a unidade de consumo, tendo como uma das bases a reciprocidade das obrigações familiares. Nesta perspectiva, Redin a (2013), compreende esta modalidade de trabalho como uma das principais estratégias de reprodução social da família no campo.

Este produto é, pois, o resultado do esforço conjunto dos seus integrantes e é dividido entre seus membros somente no momento do consumo, sendo excluído do produto bruto, ou da renda equivalente, o necessário para repor os meios de produção. É o pai, como chefe de família, quem realiza tanto o cálculo do esforço necessário por parte dos membros da unidade de trabalho familiar, como o do produto a ser consumido por cada um deles. (HERÉDIA, 2013, p. 75)

O trabalho familiar, pressupõe uma lógica diferente do trabalho assalariado. Herédia (2013) explica que no trabalho familiar, todos os membros da unidade estão envolvidos nas tarefas e que não recebem nenhuma parte especial do que ali é produzido; o que é obtido é destinado ao consumo da própria família.

Diante disto, a luz de Chayanov (1981), destaco a indivisibilidade do produto no trabalho familiar, que pressupõe que os membros da família irão usufruir do produto de seu trabalho de acordo com as necessidades previstas pelo chefe da família. Sendo assim, o jovem não recebe pagamento específico no trabalho familiar e suas necessidades são atendidas de acordo com as prioridades estabelecidas pelos membros da família que possuem o poder de administrar os recursos advindos do trabalho familiar.

Nas situações analisadas pelos autores, no que tange a produção familiar, as crianças aprendem a conviver com o trabalho desde muito pequenas. Deste modo, o trabalho familiar se realiza de acordo com os saberes e práticas que são construídos e transmitidos através do próprio trabalho, o que lhe confere um caráter de ensino e aprendizado.

É no período que compreende infância e adolescência que de uma maneira geral os jovens aprendem a lidar com as regras estabelecidas na unidade familiar, onde os papéis são bem definidos diante de lógicas e dinâmicas traçadas segundo as experiências, necessidades das famílias e pressões do contexto. (STROPASOLAS, 2006; WEISHEIMER 2007; MALAGODI e MARQUES 2007; WANDERLEY, 2007)

De maneira mais específica Marin *et al.* (2014), explicam que o trabalho no âmbito familiar é visto como elemento indispensável no processo de formação de adolescentes, mas que por muitas vezes não é reconhecido, nem legitimado. Segundo estes autores, isto se deve a pressões externas. Neste sentido, as ações que visam extinguir o trabalho infantil passam a contribuir para uma visão negativa e desvalorização do trabalho de jovens, tratando-o como tarefas que dificultam o pleno desenvolvimento físico de crianças e adolescentes (MARIN *et al.* 2014).

Em relação a organização social do trabalho familiar, estudos referem-se ao jovem como aprendiz de agricultor em meio aos processos de socialização e de divisão social do trabalho na propriedade familiar, onde apesar da importância de sua força de trabalho ele não é

o protagonista no âmbito destas relações (CARNEIRO, 1998). Neste modelo de produção, o pai é o principal responsável na administração e condução das atividades referentes ao trabalho.

A análise de Weisheimer (2007) sobre a divisão do trabalho rural elucida aspectos relacionados as funções desempenhadas por jovens. Sua descrição aponta que os jovens homens desempenham tarefas com toda a família, com o pai ou sozinhos. Em determinada situação cabe ao filho a responsabilidade exclusiva em atividades agrícolas como o trato de pequenos animais, a limpeza do chiqueiro e do estábulo, o manejo do gado e o preparo do solo. Nas atividades desempenhadas por pai e filho, estão atividades consideradas mais difíceis, de certa forma a realização destas em conjunto é a maneira do pai ensinar ao filho a lidar com atividades mais complexas no futuro.

Outro aspecto das relações de trabalho no mundo rural são as comuns classificações bem como, “trabalho de jovens” e “trabalho de velho”, onde os papéis são bem delimitados. Como exemplo disto Weisheimer (2007), descreve que algumas tarefas são consideradas “trabalho de velho”, e outras consideradas mais “pesadas” são dedicados aos filhos (homens jovens), que seriam “trabalho de jovem”. Entretanto, essa diferenciação não está só relacionada a geração, também existem critérios bem definidos em relação ao trabalho desempenhado por homens e mulheres.

Esta participação envolve os filhos e filhas, porém considerando a distinção entre o trabalho na roça e na casa, o que parece prevalecer é uma divisão tradicional do trabalho, segundo o qual, os rapazes são ausentes das atividades domésticas, enquanto a maioria das moças realiza a dupla jornada de cuidar da casa e trabalhar no sítio. (WANDERLEY, 2007, p. 25)

Autores identificaram na divisão do trabalho questões que ressaltavam aspectos relativos a diferenciação de gênero, estas análises destacaram também as distintas maneiras de inserção no trabalho de homens e mulheres no âmbito familiar (BRUMER, 2004; PAULILO, 2004; STROPASOLAS, 2006; WEISHEIMER, 2007; CASTRO, 2009).

Para Paulilo (2004) isto se expressa na distinção entre trabalho “pesado” atribuída a homens e trabalho “leve” a mulheres que não está relacionada a qualidade do esforço despendido nas atividades em si, mas ao sexo de quem as executa. Sua análise identificou que independente do trabalho realizado, era considerado leve se feito por mulheres mesmo quando apresentava aspecto exaustivo, desgastante ou prejudicial à saúde. Deste mesmo modo a autora considerou a divisão entre trabalho doméstico e trabalho produtivo no espaço rural

É simples: é doméstico se é atribuição da mulher. Se ela vai para a roça com o marido, é trabalho produtivo, mesmo que o que for colhido seja tanto para vender como para

comer. Se cuida da horta e das galinhas sozinha, é trabalho doméstico. Se vende ovos de vez em quando, uma galinha ou outra, é tão pouco que não vale a pena teorizar sobre isso. Mesmo nos assentamentos de reforma agrária coletivos com os quais tivemos contato, onde tanta desigualdade foi questionada, ainda se diz que “os homens trabalham oito horas e as mulheres quatro, por causa do serviço de casa”. (PAULILO, 2004, p. 245)

Sendo assim, o trabalho doméstico que é de suma importância para a manutenção da vida familiar não é reconhecido como atividade produtiva. Weisheimer (2007) atribuiu ao que denomina desigualdade de gênero a questão da desvalorização das atividades desempenhadas por mães e filhas, uma vez que estão inseridas em um estado de invisibilidade e desvalorização social.

Por sua vez as filhas mulheres ocupam a posição mais baixa na hierarquia familiar, visto que não exercem nenhuma atividade sob responsabilidade exclusiva. Considerando a divisão do trabalho como indicador de posições ocupadas na hierarquia familiar, percebe-se que jovens mulheres se encontram duplamente subordinadas. (WEISHEIMWER, 2007, p. 244)

Neste sentido, as mulheres jovens desempenham o trabalho realizados por suas mães e tias. Estas tarefas geralmente são referentes a cuidados com a casa, a cria de pequenos animais, o cuidado com a horta e mesmo quando são realizadas atividades na roça, o trabalho realizado por mulheres é considerado ajuda.

A abordagem da juventude no âmbito do trabalho, provoca diferentes apreensões sobre este universo e as representações sociais que são inerentes a ele. Wanderley (2007), destaca que o compromisso do jovem para com as atividades da família é indispensável ao funcionamento e a reprodução da unidade produtiva.

Marin & Andreu (2009) analisaram que o estudo da juventude rural por si, requer a compreensão das especificidades das relações de dependência com a vida e o trabalho nos espaços agrários, por identificarem que o trabalho familiar é fundamental na formação do indivíduo nesse contexto. Bem como, as redes de relações econômicas, políticas e culturais em que os jovens e suas famílias estão inseridos. De acordo com estes autores, a juventude rural se ocupa de trabalhos primordialmente vinculados com as atividades agropecuárias, ainda que não se possa deixar de lado a possibilidade de sua inserção em outras esferas produtivas.

Para Stropasolas (2006), mesmo que se possa identificar alguns padrões a respeito dos jovens e sua participação no trabalho familiar, é fundamental que haja a apreensão de que existem situações distintas de acordo com cada contexto onde a participação e inserção dos atores no trabalho familiar ocorre de acordo com condições objetivas e subjetivas de cada família.

2.3 TRABALHO ASSALARIADO DE JOVENS RURAIS

De acordo com Antunes e Alves (2004), o assalariamento é caracterizado pela venda da força de trabalho, que não se restringe a trabalhadores manuais diretos, incorporando também a totalidade do trabalho social e a totalidade do trabalho coletivo em que a força de trabalho é disposta como mercadoria em troca de salário.

Castro (1999) explica as transformações ocorridas no espaço rural, principalmente a chegada de empreendimentos industriais, o ritmo acelerado das mudanças sociais, econômicas e ambientais encontradas principalmente na região amazônica suscitaram também transformações no mundo do trabalho.

As estruturas de produção tradicionais, em diversos setores - agricultura, indústria e serviços -, foram alteradas, em graus diversos e com intensidade variada. Por outro lado, nos últimos 20 anos consolidou-se um conjunto de empresas de grande porte, cuja gestão tem objetivado responder aos padrões de exigência do mercado mundial, mercados estes pela competição interfirmas e intercadeias produtivas. (CASTRO 2009, p.32)

Mesmo com as transformações que configuraram outras possibilidades de relações de trabalho no campo, ainda permanecem nesses espaços formas tradicionais das atividades laborais que já eram desenvolvidas.

No universo rural, a inserção de jovens no trabalho se dá muito cedo, geralmente isto ocorre quando ainda são crianças. É no trabalho familiar, que faz parte do universo rural, em que os indivíduos são estimulados a incorporar uma ética em que o trabalho tem um valor relevante como base de subsistência, como meio de ganhar a vida e honrar compromissos (STROPASOLAS, 2006).

Nesta perspectiva o jovem encontra-se em meio a antigas estruturas de produção e a possibilidade de assalariar-se. Para Marin & Andreu (2009), isto constitui que, mesmo em ocupações laborais que não estão necessariamente interligadas ao trabalho familiar, ou atividades agrícolas dentro ou fora do espaço rural, persiste o caráter de “juventude rural” dos atores se estes mantêm os vínculos essenciais da vida rural e os valores aprendidos no trabalho na agricultura.

Alves e Mota (2013) analisam que, apesar da importância da força de trabalho do jovem no trabalho familiar, é comum nas comunidades rurais os jovens saírem para outras localidades

em busca de atividades para obtenção de recursos mais rapidamente, diante disto a inserção do jovem no trabalho assalariado.

Em se tratando da inserção de jovens no trabalho e a transição do período escolar, Guimarães (2006) identificou no Brasil duas características muito importantes que particularizam este processo no espaço urbano

Em primeiro lugar, os indivíduos ingressam muito cedo no trabalho, o que torna as trajetórias ocupacional e escolar largamente conviventes para a maioria dos adolescentes e jovens – e por que não dizer, em muitos casos, também para as crianças. Em segundo lugar, só muito recentemente crescem os níveis de escolarização. Apenas no curso dos anos 1990, consolida-se a universalização do ensino básico e, no final dessa mesma década, ocorre uma expansão significativa do acesso ao ensino de nível médio. Dessa forma, o ingresso no mercado de trabalho – momento decisivo no processo de transição para a vida adulta – não apenas parece antecipado pelo engajamento laboral de crianças e adolescentes, como apresenta uma importante defasagem com respeito ao alvo de aquisição de credenciais escolares adequadas (GUIMARÃES, 2006, p. 172)

Este processo ocorre de maneira diferente no universo rural, o ingresso no trabalho ocorre predominantemente no período da infância, porém numa dinâmica pautada na socialização. A inserção de jovens urbanos no trabalho, difere da inserção dos jovens do espaço rural, ali os jovens de famílias agricultoras não se encontram excluídos do trabalho por conta dos processos e divisões que ocorrem no modelo familiar.

Mas para Capelo, Martins e Amaral (2007), no espaço rural a inserção do jovem no trabalho assalariado também ocorre de forma similar a inserção laboral do jovem urbano. Geralmente, o trabalho assalariado de jovens no espaço rural está atrelado a um contexto de pobreza e baixa escolaridade, associado a salários precários pagos aos trabalhadores (jovens) ou potenciais trabalhadores (crianças) que só dispõem da força de trabalho para vender. Para esses jovens, trabalhar de forma assalariada é viver uma rotina penosa como explicam (CAPELO; MARTINS; AMARAL, 2007).

As relações de trabalho assalariado diante do contexto descrito, podem ser relacionadas as transformações ocorridas no espaço rural. Como exemplo, destaco a análise de Novaes (2009) sobre a expansão e a modernização da agroindústria canavieira no Brasil, que ampliou o mercado de trabalho e o movimento migratório no século XXI, diante de um cenário de riqueza e de miséria. Este movimento se constituiu com a precarização do trabalho e modificação do perfil dos trabalhadores.

Os trabalhadores jovens e migrantes passaram a ser preferidos para o trabalho no corte da cana das modernas usinas paulistas. A força física passou a ser um critério relevante na seleção dos trabalhadores por assegurar melhores índices de produtividade. Nesse

cenário os jovens migram de suas regiões, trocam a enxada pelo facão, a liberdade pelo cativoiro nos canaviais. (NOVAES, 2009, p. 105)

Na mesma perspectiva, Mota (2005) indica em pesquisa realizada no nordeste⁵ que a composição de uma força de trabalho que priorize a juventude, tem como princípio básico o aproveitamento do vigor físico, porém esclarece que diante destes critérios existe a exclusão de mulheres. Outra percepção desta autora, está relacionada a manutenção de trabalhadores mais maduros com efeito disciplinar e cognitivo tal qual elementos culturais pertencentes a ordem social da agricultura familiar, se considerarmos que muitos destes jovens trabalhadores são advindos do trabalho com característica familiar.

Em se tratando de assalariamento de jovens no Pará, destacam-se o aumento das ocupações no cultivo do dendê. Nahum e Santos (2014), explicam que na segunda década do século XXI multinacionais, orientaram partes de seus recursos técnicos, humanos e financeiros para produção de óleo de palma de dendê utilizável na composição do biodiesel, edificando empresas no Estado. Este processo é atrelado a crescente valorização do óleo de dendê no mercado mundial, onde há a necessidade intensiva de mão-de-obra na produção da palma que privilegia a força física e requer um trabalhador que se dedique em tempo integral durante o ano todo.

Diante da nova dinâmica em que o monocultivo de dendê aparece como o principal fator de redistribuição da mão de obra local, a maioria dos trabalhadores nas áreas agrícolas das empresas do dendê seriam oriundos da agricultura familiar. Neste caso a força de trabalho jovens passou a ser privilegiada,

...filhos dos agricultores foram transformados em assalariados, deixaram de trabalhar com suas famílias, abandonando a sua trajetória de agricultores tradicionais e reduzindo a mão de obra na unidade camponesa, o que teve impacto na sua capacidade produtiva. (MONTEIRO, 2015, p. 263)

A luz de Castro e Acevedo (2014), analiso a absorção de jovens para o trabalho na indústria de dendê diante deste novo cenário onde a indústria regional opera sobre as forças de desestruturação dos setores ditos tradicionais. Porém, diverso no sentido da migração para o trabalho na indústria canavieira, pois a oferta de assalariamento de jovens na agroindústria de dendê é grande no próprio estado, neste sentido

...observa-se também, forte tensão entre as antigas estruturas produtivas, sobretudo consolidadas nas formas artesanais de trabalho e as novas, que introduziram

⁵ Pesquisa realizada no Projeto Platô de Neópolis na região dos tabuleiros costeiros sergipanos.

inovações tecnológicas e de gestão do trabalho. (CASTRO; ACEVEDO, 2014, p. 07)

Estas autoras analisam que o estado do Pará constitui uma região de expansão do regime assalariado, enquanto fronteira de recursos. Isto, diante dos planos de desenvolvimento da Amazônia, o que torna pertinente um rigoroso estudo sobre as relações de trabalho, tal qual novos empregos gerados e seus impactos sobre o mercado de trabalho, particularmente nos municípios onde se instalaram estes empreendimentos. O recorte que prioriza a juventude nesta perspectiva identifica o quadro de condições em que o trabalho assalariado ocorre no espaço rural, e as modificações de relações sociais advindas desta nova maneira de inserção produtiva. Neste caso, é mister a apreensão de como a família que vive no espaço rural e que tem o trabalho familiar como modelo de relações firmemente estabelecidas, vai se estabelecer perante esta nova forma de organização.

2.4. MOTIVAÇÃO DE JOVENS RURAIS PARA O TRABALHO FAMILIAR E/OU ASSALARIADO

Analisar a escolha de jovens rurais para o trabalho familiar e/ou assalariado implica o enfoque nas relações sociais. Levo em consideração esta dimensão em minha análise, onde optei pelo uso do termo motivação para auxiliar a responder as questões que pretendo desvendar em minha pesquisa.

Na literatura por mim revisada, a motivação consta no centro de interesse de ciências distintas⁶, diante de inúmeras abordagens teóricas no meio acadêmico. Este tema apresenta grande complexidade e seu conceito não é tratado de maneira específica. De acordo com a semântica⁷ da palavra e os apontamentos de estudos que realizam este enfoque no campo da psicologia, pude apreender que motivação é a exposição de motivos que pode determinar certo comportamento. Esta abordagem abrange o universo humano, de forma complexa, individual e social, informal e subjetivo; além disso a motivação é um fenômeno diretamente relacionado a impulsos e necessidades do indivíduo (DE AGUIAR *et al*, 2015).

⁶ Psicologia organizacional, psicologia social, administração e sociologia.

⁷ *sf (motivar+ção)* **1** Ato de motivar. **2** Exposição de motivos. **3** *Psicol* Espécie de energia psicológica ou tensão que põe em movimento o organismo humano, determinando um dado comportamento.

4 *Sociol* Processo de iniciação de uma ação consciente e voluntária disponível em <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portuguesportugues&palavra=motiva%E7%E3o> acesso em 31 de janeiro de 2016.

Para Maslow (1954), ao longo de toda vida do ser humano se manifestam necessidades com uma determinada sequência, necessidades que surgem primeiramente ligadas a sua condição biológica e vão se refinando, até atingirem um patamar mais elevado.

O homem é um animal que manifesta desejos e raramente atinge um estado de satisfação completa, exceto por um curto período de tempo . Quando um desejo é satisfeito, outro aparece para tomar o seu lugar . Então, este é satisfeito e outro passa para o primeiro plano e assim sucessivamente. (MASLOW, 1954, p. 24, tradução minha)

Diante desta perspectiva identifico que o trabalho assalariado pode significar a oportunidade para que os jovens realizem suas necessidades, tal qual a consolidação de seus projetos individuais, muitas vezes diferentes dos desejos relativos aos projetos da família (STROPASOLAS, 2006; BRUMER, 2007; WEISHEIMER 2007; COSTA & RALISH, 2013).

Mota (2005), elencou alguns dos motivos pelos quais as pessoas se assalariam no espaço rural. Sua análise identificou que independentemente do tipo de relação que elas tem com o trabalho, o trabalho assalariado é tido como fonte de segurança. Sobre os trabalhadores entrevistados em sua pesquisa destacou,

No discurso, o trabalho registrado está valorizado pelos benefícios legais. Tem também o aspecto do reconhecimento da ocupação e de certa tranquilidade em ter um salário por um período mais longo, o que permite se programar financeiramente. É a celebração de que o trabalhador está aprovado profissional e socialmente pelos vínculos exercitados no trabalho, além de ser um testemunho escrito da trajetória de o mesmo que pode ser utilizado como diferencial em relação a outros trabalhadores. (MOTA, 2005, p. 181)

Em relação aos jovens, a motivação principal está ligada à procura de direitos de cidadania, por “recursos” materializados na vida urbana através de instituições públicas ou particulares ligadas a educação, saúde, entre outros atributos que ressignificam sua relação com os espaços. (STROPASOLAS, 2006).

Pappámikai (2009) descreve que não se pode dissociar a noção de emancipação e autonomia em uma perspectiva conceitual, e portanto, que o conceito de autonomia está inserido dentro do conceito de emancipação e suscita análises que a posicionam como além da separação (relativa) do indivíduo de sua família de origem. Neste caso, tomo esta referência para a compreensão de que o assalariamento passa a ser sinônimo de que, as tomadas de decisões referentes a vida social desenvolvida nesta nova atividade serão somente responsabilidade do jovem, ou seja, o momento em que ele se torna um ser autônomo no sentido de sua condição financeira.

A motivação para o trabalho assalariado de jovens também pode ser explicada, em parte do arcabouço teórico oferecido por Chayanov (1981), em que o jovem não possui proventos financeiros pela sua força de trabalho no trabalho familiar, onde encontra-se desprovido de autonomia financeira. O que significa que mesmo que o jovem se encontre em momento de grande participação na produção na propriedade de sua família, ainda é o pai que decide sobre a parte financeira e o consumo socialmente necessário de toda a família, o que por muitas vezes o motiva a buscar novos meios de “conseguir seu próprio dinheirinho” trabalhando fora da propriedade.

Diferentemente, nos tempos atuais crianças e jovens também apresentam a possibilidade de prover financeiramente a família. Nesta perspectiva levo em consideração as políticas de transferência de renda, mais precisamente o Programa Bolsa Família. Se antes a renda vinha somente do trabalho familiar, hoje muitas famílias tem como complemento a renda advinda do programa. Apesar da administração do benefício ser de responsabilidade dos pais, as crianças e jovens são o público alvo principal desta política pública, que tem como regra o cumprimento de condicionalidades⁸ para seu acesso que são diretamente relacionadas a permanência dos filhos na escola e o acompanhamento na área da saúde.

Mesmo com as transformações ocasionadas pela inserção de políticas públicas no espaço rural (CACCIAMALI et al, 2010), analiso que este é um processo relativamente recente e demanda cautela na análise da juventude referente a sua inserção no mercado de trabalho, principalmente no meio rural. O cenário de desigualdades sociais existentes no Brasil, ainda influencia na saída de jovens da propriedade familiar em busca de trabalho assalariado.

Algumas características do assalariamento fazem com que este seja visto pelas pessoas socializadas no âmbito das relações familiares de produção, como um aprisionamento (MOTA, 2005). Esta visão se dá principalmente pelo do trabalho assalariado ter obrigatoriedades e regras diferenciadas das atividades desenvolvidas no trabalho familiar.

Sendo assim, muitos jovens defendem a vida rural e desenvolvem estratégias para a sua permanência na localidade em que cresceram ou buscam políticas públicas que lhe auxiliem neste processo. Para Sousa (2015) entre a criação de estratégias para garantir a permanência do jovem no universo rural, estão a melhoria dos sistemas de produção e geração de renda suficientes para sua manutenção neste espaço, a busca pela a organização social e cooperativa para melhorar suas condições e ainda, a busca do trabalho assalariado para investir na agricultura.

⁸ Exigências do programa para que a família receba o benefício. Compromissos que as famílias assumem junto ao governo federal que devem ser cumpridos para que o benefício não seja cancelado, bloqueado ou suspenso.

Sob outro olhar, Nogueira (2013) explica que a migração de jovens para o trabalho assalariado pode ser considerada também como estratégia para a construção de uma base para o retorno futuro a produção familiar

Especialmente para os jovens, sair para colher café vem se configurando a principal alternativa de trabalho e renda. O dinheiro que auferem no café é investido tanto na construção da casa de moradia e na compra de terra para o roçado – elementos necessários dentro do grupo, para poder se casar e constituírem seu próprio núcleo familiar fora da casa dos pais –, como na compra de bens de consumo, que antes tinham acesso somente os que se aventuravam pelo mundo, ou seja, que deixavam a terra familiar para viver alhures. (NOGUEIRA 2013, p. 23)

A literatura revisada, também destaca outro aspecto quanto a motivação para o trabalho assalariado em detrimento do familiar: a diferença de gênero. A saída de moças em busca de atividades fora da propriedade é atribuída a insatisfação com o papel que desempenham nas atividades rurais, no âmbito das relações estabelecidas entre homens e mulheres na organização do trabalho na produção familiar.

Estas questões estão ligadas principalmente a uma não valorização do trabalho doméstico desempenhado por elas. Brumer (2007), Stropasolas (2006) e Weisheimer (2007), descrevem que o desejo de mudança das jovens mulheres do campo para a cidade, do trabalho familiar para o trabalho assalariado, está atribuído aos papéis sociais que estas assumem no modo de vida camponês. Estes autores destacam que a função desempenhada por moças é por muitas vezes caracterizada como “ajuda”, o que causa uma certa invisibilidade do trabalho desempenhado pelas mesmas e uma insatisfação delas com a vida rural.

O investimento temporal nos estudos por parte das mulheres significa a perspectiva de inserção no mercado de trabalho não agrícola, a possibilidade de tornar realidade o projeto de vida onde não há continuidade ao trabalho na propriedade na fase adulta. Weisheimer (2007) observa este movimento de valorização dos estudos por parte de maioria das moças como uma estratégia de mudança de vida.

Em relação aos rapazes, a motivação para a mudança é explicada por Paulilo (2004), que destaca a dificuldade destes jovens assumirem a responsabilidade pelas atividades da propriedade. Isso geralmente ocorre quando o pai se retira do trabalho, fato que não está garantido acontecer no momento de sua aposentadoria, pois geralmente a renda da aposentadoria dos pais passa a ser uma complementação para a renda familiar. Assim, o pai continua como o ator principal na tomada de decisão relativas ao trabalho e administração da propriedade rural. Deste modo, o desejo de partida é atribuído ao não protagonismo dos filhos homens na propriedades familiar, e não somente a dificuldades econômicas.

As dificuldades financeiras aparecem pertinentes ao jovem que necessita sair do campo mas prefere ficar, sendo assim um elemento de motivação para a busca do trabalho assalariado. Costa & Ralish (2013) descrevem este como principal fator para a saída desse jovem, onde há busca de oportunidades de renda própria no ambiente urbano, geralmente de forma assalariada, seja para auxiliar a família ou para custear seus estudos.

Wanderley (2007) e Neves (2013) analisaram que, para além da garantia da sobrevivência no presente, as relações no interior da família têm como referência também os projetos para o futuro. Sendo assim, o trabalho assalariado de jovens pode fazer parte das estratégias da família em relação a sua reprodução social.

No panorama atual, desenham-se novas situações que podem motivar os jovens rurais para o trabalho familiar ou assalariado. Levo esta perspectiva em minha análise que compreende a juventude de hoje integrada a cultura da juventude local, rural ou urbana, o que amplia seu universo de relações sociais e culturais perante o mundo (globalizado) (MALAGODI; MARQUES, 2007; COSTA & RALISH, 2013; ALVES; MOTA, 2014)

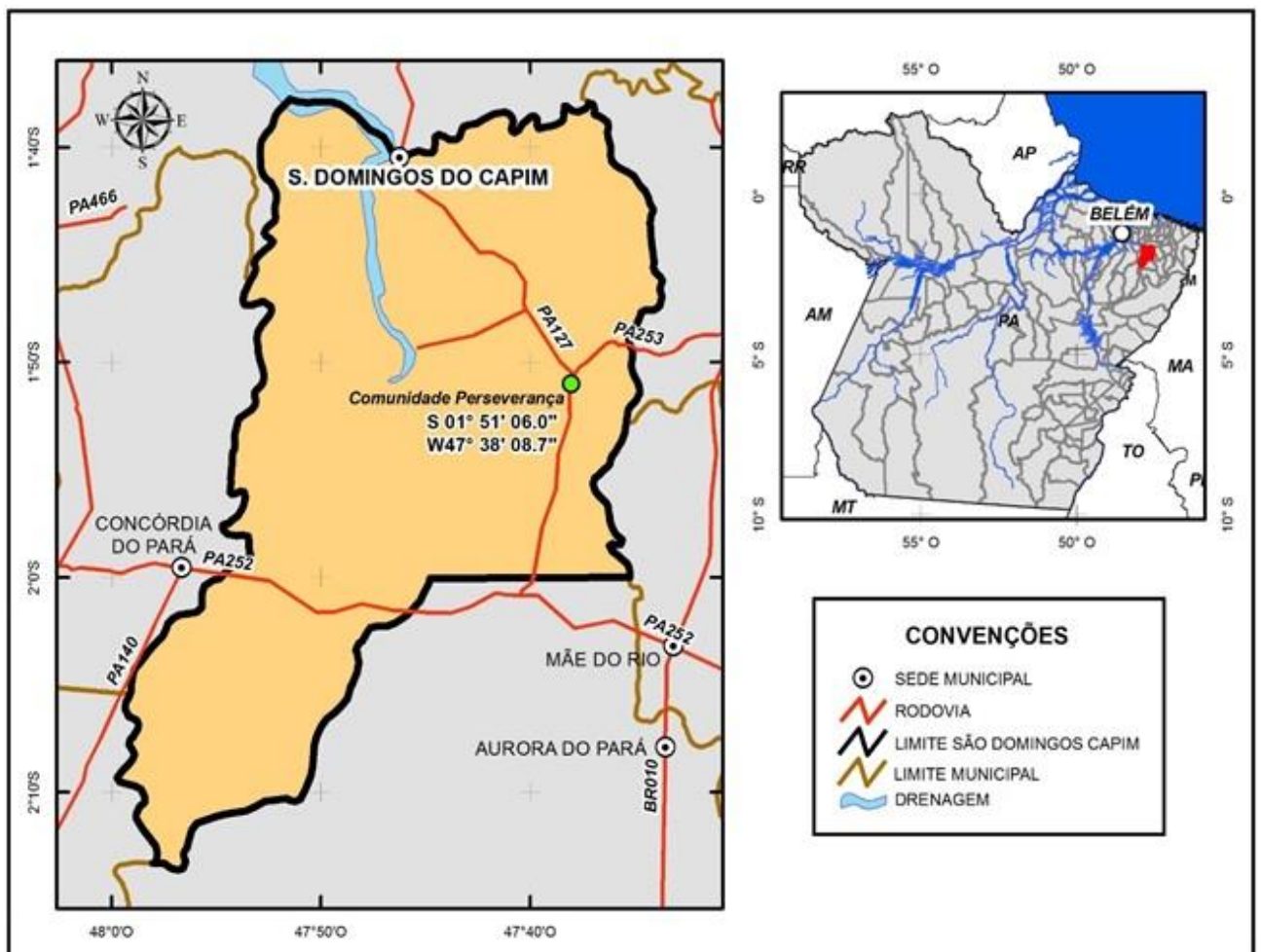
3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

Neste capítulo exponho as etapas e razões para a elaboração desta dissertação, a delimitação do universo de estudo, o contexto de pesquisa, minha inserção no campo e o caminho metodológico que percorri nesta jornada.

3.1. CONTEXTO DE PESQUISA

A comunidade Perseverança onde a pesquisa foi desenvolvida está localizada no município de São Domingos do Capim.

Mapa 1- Localização da área de estudo de Perseverança em São Domingos do Capim.



Fonte: Laboratório Embrapa, 2017.

O município de São Domingos do Capim localiza-se na mesorregião do Nordeste Paraense, que tem 49 municípios e é formada por cinco microrregiões: Bragantina, Cametá, Guamá, Salgado e Tomé-Açu. Esta ocupa uma superfície correspondente a 10,6% da área do estado do Pará (135.000 km²) e um contingente populacional de 1,6 milhão de habitantes, equivalentes a cerca de 27% da população paraense (IBGE, 2013).

A formação do Nordeste Paraense se deu sob influência das migrações de nordestinos e estrangeiros do século XIX. Rebello (2012), descreve que a vinda dos nordestinos e estrangeiros para tal região foi incentivada pela efervescência da economia da borracha e pelas secas no nordeste brasileiro no mesmo período. Com o crescimento populacional, foram se desenvolvendo cidades, as estradas e a economia baseadas na agricultura e no extrativismo

Assim, a base econômica, no início da organização espacial das cidades amazônicas, tinha nos rios a sua vida, sua dinâmica comercial, o crescimento da agricultura e do extrativismo. Atividades que se constituem como de subsistência para muitas localidades. Ao mesmo tempo, os rios possibilitaram a vivência religiosa e uma organização social através das ações católicas no espaço local. Seus conteúdos sociais também possuem sentido simbólico-cultural por aqueles que cotidianamente mantêm um tipo de contato terra-água (DE ALMEIDA SOUZA, 2009, p. 173).

No caso de São Domingos do Capim, o destaque está na utilização dos rios Guajará, Guamá e Capim que foram fundamentais para a fixação de seus primeiros moradores no local, e favoreceram as atividades econômicas desenvolvidas na época. Na literatura, o surgimento deste município está relacionada às primeiras explorações portuguesas na região do Nordeste Paraense no período colonial. De acordo com Pereira (1998), o local foi chamado inicialmente de Freguesia, uma vila fundada em 1758, na confluência dos rios Capim e Guamá, sob a invocação de São Domingos da Boa Vista.

A formação histórica e cultural de São Domingos do Capim é similar a outros povoados que surgiram na região do Grão-Pará e Maranhão, influenciados por uma política de colonização e abertura de fronteiras do governo brasileiro na década de 60.

As atividades econômicas encontradas ainda hoje conservam os traços culturais do passado como denominar a flora, a fauna e as localidades com termos de origem indígena (DE ALMEIDA LINS, 2010).

A organização social e espacial deste município está associada aos saberes diversos que se referem aos recursos da floresta ligados à vida cotidiana. De Almeida SOUZA (2009) explica que, em São Domingos do Capim as atividades econômicas como extrativismo e agricultura fazem com que muitas comunidades comercializem seus produtos florestais no trapiche

municipal, o qual exerce papel fundamental de articulação entre o espaço rural, urbano e ribeirinho.

O município passou por diversos ciclos econômicos até os dias atuais. Atualmente as atividades produtivas de São Domingos do Capim estão relacionadas ao extrativismo, pecuária, agricultura (dendê, pimenta-do-reino, mandioca e fruticultura), atividades comerciais e de serviços localizados na sede urbana da cidade, sobretudo na prefeitura do município (IBGE 2013).

A economia do município é também movimentada pelas mudanças ocorridas na cidade com o Festival e Surf na Pororoca, este que no ano de 2016 ocorreu no mês de abril em sua 18ª edição. De acordo com sites do governo do estado do Pará⁹, o evento movimenta a economia da cidade positivamente, com o chamado turismo de aventura, relacionado ao *Surf*¹⁰. Sendo assim, durante o período em que ocorre o festival aumenta a movimentação de atividades relacionadas a serviços de atendimento do público da cidade e visitantes.

3.1.1 A comunidade Perseverança

Antecipadamente, esclareço que adoto o uso do termo comunidade em detrimento de vila para me referir à Perseverança, pautada na caracterização realizada por Wagley (1988), que explica que é em comunidade que os habitantes de uma região ganham vida, educam os filhos, levam uma vida familiar, agrupando-se em associações, adoram seus deuses, tem suas superstições e seus tabus e são movidos pelos valores e incentivos de suas determinadas culturas.

Perseverança está localizada na Rodovia PA 127 que dá acesso aos municípios de Igarapé-Açu, Magalhães Barata e Maracanã, na região nordeste do estado, com cerca de 76 quilômetros de extensão, está a 26 km da sede do município São Domingos do Capim. Sua formação se deu através da migração de nordestinos que vieram para trabalhar na abertura da PA 127 que iniciou na década de 1950 no município e se estendeu até o ano de 1960.

Segundo um antigo morador, um dos primeiros a chegar foi o Sr. Manoel Joaquim que com a sua família “criou a vila” ainda como parte dos trabalhos braçais da abertura da estrada. A partir da construção da estrada, os próprios trabalhadores e seus “aparentados” chegavam e

⁹ Publicado em: <<http://surfnapororoca.pa.gov.br/pororoca-melhora-economia-de-sao-domingos-do-capim/>>. Acesso em: 16/11/2016.

¹⁰ O *surfe*, *surf* ou, ainda, *surfing* (dos termos ingleses *surf* e *surfing*), é uma prática desportiva.

se estabeleciam as margens da PA formando a comunidade. O fato dos demais familiares virem de outro estado denota a aproximação camponesa de acordo com as informações de famílias já existentes no local.

Como analisado em outros estudos que tratam da fundação de comunidades em municípios do nordeste paraense (ALVES & MOTA, 2013; RIBEIRO, 2016), em Perseverança a chegada de muitos para morar aconteceu por intermédio de amigos e parentes que já haviam se fixado na localidade. Os novatos na ocasião, visitavam ou passavam férias, acabavam por se agradar com a comunidade e o lugar e assim traziam suas famílias para “fazer a vida”.

Em termos populacionais, de acordo com informações obtidas com o Pároco da Igreja Católica e com duas agentes de saúde locais, atualmente, a comunidade possui entre 170 a 200 famílias em média, número este que flutua de acordo com a necessidade de alguns moradores se deslocarem por determinados períodos para as cidade de São Domingos do Capim e Belém, onde alguns possuem residência.

A comunidade foi se formando em volta da Igreja Católica de São Francisco de Assis, que fica na rua principal, onde as famílias mais antigas moram. Nesta rua, localizam-se uma única escola de ensino médio¹¹, uma igreja, uma mercearia e um bar.

Uma rua transversal e uma rua principal fazem com que se forme um centro pequeno em desenho de cruz, onde encontra-se uma pequena praça; uma quadra de futebol; uma loja de roupas, que funciona na casa de um morador; um pequeno mercado e uma lojinha de materiais de construção. Este lugar é considerado pelos moradores como ponto de referência, e também é visto como uma ótima localização para se morar, pois o ônibus que vem de São Domingos do Capim passa por essa rua, além de todos os outros meios de transportes, como carros e motos, que precisam trafegar por essa via para acessar as outras.

Na ocasião da pesquisa, Perseverança possuía 7 ruas não asfaltadas, a energia elétrica e água da comunidade eram fornecidas pela prefeitura de São Domingos do Capim, apesar de muitas casas possuírem poços artesanais.

O material utilizado para a construção das casas da comunidade é em sua maioria alvenaria, mas ainda se pode ver muitas casas confeccionadas com madeira. Pude observar que em algumas dessas casas havia a mistura de materiais, privilegiando a construção de cômodos como banheiro e cozinha em alvenaria. Em conversa com a dona de uma casa deste modelo, percebi que as moradias em Perseverança vão se modificando de acordo com a melhoria das

¹¹ Escola Estadual Professor Jhonatas Athias, na ocasião da pesquisa, estava funcionando provisoriamente no salão paroquial da Igreja Católica.

condições financeiras de seus proprietários. Em quase todas as casas independente de seu modelo ou material, pude observar antenas parabólicas para a televisão e para o uso de aparelhos celulares.

A comunidade possui muitas árvores frutíferas (jambeiros, mangueiras, laranjeiras e ameixeiras) em frente as casas, e em algumas destas também existem plantas ornamentais e flores de cores vivas na entrada.

Fotografia 1 - Árvores e flores em frente à casa de um morador de Perseverança.



Fonte: Pesquisa de campo da autora, 2016.

Geralmente, as casas não possuem muros que cerquem os terrenos, mas existem moradias que possuem cercas baixas de madeiras em volta de seu quintal. Pequenos animais da criação das famílias como galinha, porcos e patos circulam para além das propriedades individuais, porém cada pessoa sabe quais animais pertencem a quem.

Outros moradores de Perseverança têm as suas residências no próprio estabelecimento. Nestes, existem terrenos em que os pais costumam ceder uma parte da propriedade para que os filhos que estão constituindo família possam viver. Pude observar alguns espaços que possuem mais de uma casa. Estas moradias ficam na estrada, onde existem roças no mesmo terreno em que as pessoas vivem.

Alguns moradores cultivam seu roçado em outro lugar, geralmente porque suas casas estão localizadas numa área mais central da comunidade onde existe comércio, igreja, prédios públicos, como escola e posto de saúde, e assim não sobra terreno e espaço suficiente para o plantio.

Neste caso, buscam terras para o plantio em outras localidades, que são chamados de colônia, terreiro ou terreno, por eles. Estas colônias se encontram próximas, mas fora dos limites de Perseverança. Nelas as pessoas descreveram necessitar apenas de uma pequena estrutura de madeira, para a sombra e momentos de descanso, e as casas de farinha.

As casas de farinha, onde é produzida a farinha d'água¹² e outros produtos originários da mandioca, podem ser compartilhadas entre as famílias. Nem todas as famílias possuem sua própria casa de farinha no terreno. Os que possuem cedem o espaço para que as famílias de estabelecimentos próximos possam processar sua mandioca.

O cuidado com a roça, para estes que não possuem terreno em Perseverança, se dá de maneira cíclica, de acordo com o tempo de plantio e colheita (mandioca, milho e feijão) ou quando acham que há necessidade de ir para “tomar de conta”.

Em Perseverança a renda dos moradores, em sua maioria, advém de trabalho agrícola familiar, trabalho assalariado rural, aposentadoria rural, benefício da Previdência Social para idosos maiores de 65 anos¹³, políticas de transferência de renda do governo, emprego na prefeitura, trabalho no comércio local e trabalho na construção civil (obras particulares ou da prefeitura). E, apesar da presença marcante da empresa ADM do Brasil pela quantidade de terrenos que esta ocupa, somente duas pessoas são empregadas na empresa.

¹² A farinha d'água ou farinha de mandioca, é obtida quando as raízes de mandioca são deixadas de molho num processo que pode durar de três dias a uma semana, por conseguinte são amassadas e trituradas manualmente em vasilhames ou instrumentos próprios denominados tipiti. Por fim, a massa vai a um forno específico e precisa ser “virada e revirada” diversas vezes para torrar sem queimar. Fonte: Pesquisa de campo da autora, 2016.

¹³ É a garantia de um salário mínimo mensal ao idoso acima de 65 anos ou à pessoa com deficiência de qualquer idade com impedimentos de natureza física, mental, intelectual ou sensorial de longo prazo (que produza efeitos pelo prazo mínimo de 2 anos), que o impossibilite de participar de forma plena e efetiva na sociedade, em igualdade de condições com as demais pessoas. Para ter direito, é necessário que a renda por pessoa do grupo familiar seja menor que 1/4 do salário-mínimo vigente. Por se tratar de um benefício assistencial, não é necessário ter contribuído ao INSS para ter direito a ele. Publicado em: <<http://www.previdencia.gov.br/servicos-ao-cidadao/todos-os-servicos/beneficio-assistencial-bpc-loas>>. Acesso em: 29/12/2016

3.2 INSERÇÃO NO CAMPO: DESAFIOS DE UMA “JOVEM” PESQUISADORA

A escolha de Perseverança para o desenvolvimento da pesquisa se deu após um campo exploratório de cinco dias no mês de setembro de 2015. A decisão se relacionou a alguns fatores particulares anteriores a esta definição.

Pelo fato de eu ser uma novata no âmbito da pesquisa exploratória, inicialmente tive um certo receio em relação a algumas questões que envolvem a dinâmica da pesquisa de campo. Por essas aflições inerentes a inexperiência de viajar sozinha para colher os dados da pesquisa, encarei esta etapa crucial para a elaboração da dissertação como um desafio. Assim, vi-me como uma “jovem” pesquisadora, no sentido de estar em formação, num momento de transição entre o medo e a obrigação de desempenhar um bom trabalho, o que necessitava, entre outras qualidades, também de coragem.

Diante disto, o apoio da minha orientadora e a equipe do projeto AFINS¹⁴ foram fundamentais para que eu conhecesse a realidade que permeia a pesquisa de campo e para que eu pudesse compreender como deveria articular as minhas ida a campo. No período de Julho de 2015, realizei viagens exploratórias a localidades distintas¹⁵, no âmbito do AFINS para de identificar jovens rurais e as principais atividades desenvolvidas por estes. Deste modo, pude me aproximar do tema e do espaço rural. Estas viagens totalizaram 18 dias.

Em Perseverança notei um espaço fértil para a pesquisa, já que na comunidade não havia ainda a realização de trabalhos similares. Senti as pessoas da comunidade abertas ao diálogo e a pesquisa. Diante disto, algumas características me chamaram atenção, como:

- O número significativo de jovens residentes na comunidade;
- O número significativo de jovens trabalhando;

¹⁴ Projeto AFInS – Agricultura Familiar e Inclusão Social é a sigla de um projeto de pesquisa financiado pela Embrapa sob o título "Integração da Agricultura Familiar na Produção do Dendê no Pará: Possibilidade de Inclusão Social?" A execução do projeto ocorre por meio de parcerias com a Universidade Federal do Pará-UFGPA e Sindicatos Rurais do Nordeste paraense no período 2014/2017. A pesquisa privilegia: i) Agricultores e agricultoras familiares que têm contrato de integração à agroindústria de dendê; ii) Jovens que trabalham nos estabelecimentos familiares e como assalariados; e iii) Moradores das vilas situadas no entorno dos monocultivos. O sistema agrário, os estabelecimentos (grupos domésticos e sistemas de produção) e as vilas são as principais referências empíricas.

¹⁴ Estes jovens foram entrevistados de acordo com indicações deles mesmos no que identificaram como “pessoas jovens” independente de idade cronológica.

¹⁵ Moju; Tomé-Açu; Garrafão do Norte; Bonito e Capitão Poço. Municípios do Pará.

- A coexistência de jovens envolvidos em diferentes atividades produtivas e grupos sociais (agricultura familiar, agricultura empresarial, trabalho doméstico, trabalho no comércio local, trabalho autônomo etc.).

Estas situações encontradas foram pertinentes à escolha do meu tema que é a motivação de jovens para o trabalho familiar e assalariado no espaço rural.

O processo de escolha de Perseverança como localidade central para a pesquisa se iniciou com a busca de atores chave da comunidade para que eu pudesse me aproximar de seus moradores e, por conseguinte, conseguir hospedagem para alongar a minha permanência na mesma. Neste momento, tive o auxílio do NEA¹⁶ que já havia desenvolvido pesquisas no local, o que me possibilitou a indicação do contato telefônico do senhor Brasil, pessoa chave para a pesquisa.

Após contato prévio com o senhor Brasil, fui a campo pela primeira vez no mês de Abril de 2016. Primeiramente, fiquei hospedada na casa de sua família que vive em uma propriedade rural localizada no km 22 da PA 127. A convivência de uma semana e cinco dias com eles, fez com que eu conhecesse melhor o universo rural em São Domingos do Capim e quais eram as práticas de trabalho cotidianas de seus moradores. Neste período, acompanhei todas as atividades realizadas na propriedade e participei daquelas em que fui convidada. Dentre estas destaco a preparação da farinha de mandioca, uma das principais atividades produtivas da região, em que pude observar a dinâmica que ocorre no trabalho familiar e apreender mesmo que de forma concisa, o real significado da penosidade do trabalho descrita por Chayanov (1981).

¹⁶ Núcleo de Estudos em Agroecologia da UFRA – Campus de Paragominas e Tomé-Açu

Fotografia 2 - A pesquisadora e o trabalho de fazer farinha de mandioca.



Fonte: Pesquisa de campo da autora, 2016.

Ainda neste tempo de convivência, conheci propriedades de vizinhos, roças, jardins, hortas, criação de pequenos animais, tudo me apresentado por moradores em meio a muita conversa e observações de ambos os lados. Eles atentos a mim tanto quanto eu estava atenta a eles.

Mesmo em meio a experiências novas, muitas descobertas importantes para a pesquisa no convívio da família de seu Brasil, à distância de 4 km de onde eu estava hospedada no centro principal de Perseverança, indicaram-me que deveria permanecer de maneira mais intensa na comunidade.

Deste modo, seu Brasil me levou de moto a Perseverança pela primeira vez para que eu conhecesse alguns moradores, amigos seus. A PA 127 que leva a Perseverança não é asfaltada e como naquela época as chuvas eram frequentes, fiquei um pouco insegura quanto a estrada que estava muito ruim de trafegar. Nesses quatro quilômetros que ligam o local onde eu estava hospedada e a comunidade, observei pequenas propriedades do lado direito da estrada e uma fazenda de gado do lado direito – que segundo seu Brasil é uma propriedade de uma grande

empresa de carne do país e que também faz exportações – portanto, a vegetação predominante nesta direção era pasto. Nas pequenas propriedades a vegetação predominante era capoeira e capoeirão, jardins de flores próximos às portas e árvores frutíferas mais ao fundo dos terrenos.

Nos aproximamos da parte mais central de Perseverança e seu Brasil cumprimentou as pessoas. Isto me fez parecer que ele estava satisfeito em me levar para conhecer seus vizinhos e amigos da comunidade. Paramos na casa de uma jovem que participa ativamente do movimento jovem da igreja. Aos poucos fui apresentada para a família desta jovem, Vitória, e para alguns vizinhos que se aproximaram. Foram apenas os primeiros contatos para explicar do que se tratava a pesquisa e o trabalho que eu iria desenvolver na comunidade nas próximas semanas. Ofereceram-me café da tarde e conversei informalmente sem pressa com 3 jovens moças, enquanto seus pais estavam na sala. Todos estavam bem curiosos sobre a minha presença e a mãe de uma das moças de 19 anos apareceu na cozinha enquanto conversávamos para observar. Assim, combinei de voltar no dia seguinte para começar a andar pela comunidade e conhecer outras pessoas.

As próximas semanas foram de aproximação e interação com as pessoas da comunidade. Visitei algumas famílias indicadas por Vitória. Naquela ocasião, alguns moradores vizinhos das famílias que eu visitei, aos poucos, familiarizavam-se comigo e passaram a me indicar mais casas para serem visitadas.

No período de uma semana, as idas à comunidade foram pela manhã de moto por volta das 8 horas e o retorno à noite por volta das 22 horas no ônibus escolar que deixava os estudantes do ensino noturno que moravam em comunidades mais distantes.

Na companhia de Vitória, que também me indicou algumas famílias que possuíam um número “bom” de jovens para iniciar as entrevistas. Fizemos o trajeto entre uma casa e outra a pé. Desta forma, cumprimentei alguns moradores pelo caminho, conheci as pessoas que trabalhavam em estabelecimentos comerciais, o que foi muito importante para que em poucos dias a comunidade toda soubesse que eu estava lá e qual era o intuito do meu trabalho. Esta interação me possibilitou o diálogo com jovens da comunidade e de propriedades vizinhas a Perseverança, o que enriqueceu a minha percepção sobre a juventude local e sua vida no espaço rural.

Mesmo a com minha presença diária em Perseverança, observei a necessidade de uma permanência mais longa, pois os encontros dos jovens nas igrejas e na praça ocorriam a noite. Deste modo, tive que negociar a minha hospedagem na casa de um morador. Quando mencionei que precisaria ficar direto no local, Vitória, que já me acompanhava, ofereceu para que eu me hospedasse na residência de sua família e assim pude dar continuidade a pesquisa.

Minha permanência direta na comunidade, possibilitou liberdade para caminhar e organizar sozinha um roteiro diário de visitas e buscas por entrevistados. Deste modo, pude escolher em quais ruas caminhar, com quais pessoas conversar e assim surgiram convites para tomar café, reuniões na igreja, festas de aniversário. Entretanto, não foi em todas as casas que fui recebida de forma amistosa, mesmo conversando com os jovens (filhos), preocupei-me em explicar do que se tratava a pesquisa para os pais, para que ficassem tranquilos em relação a conversa. Muitos moradores temiam que aquela visita fosse a mando do governo federal para cortes no benefício Bolsa Família.

O contexto de incertezas gerado pelo atual cenário político no país, com noticiários sobre as grandes transformações na economia devido à “crise”¹⁷, fez com que muitos moradores abordassem em nossas conversas assuntos de cunho político. Percebi que, indiretamente, alguns moradores direcionavam a conversa de maneira a descobrir em qual posicionamento político eu me encontrava, do mesmo modo em relação a religião.

A influência da Igreja Católica é significativa na comunidade. Uma expressão disto é a organização das pessoas em relação à participação nos eventos, às responsabilidades que muitos têm quando ocorrem as Festividades do Padroeiro e a preocupação de estarem bem arrumados nos dias de missa.

Enquanto estava hospedada na comunidade, a família com a qual eu negociava uma entrevista recebeu a visita do Pároco da Igreja, fui apresentada a ele e integrada a conversa, de modo que, logo após as apresentações, a explicação sobre o que eu estava fazendo ali e o que estudava, me senti em um interrogatório. O Padre me fez inúmeras perguntas sobre o mestrado, a pesquisa, sobre a instituição que eu representava, sobre minhas experiências profissionais anteriores e sobre quais as cidades do estado do Pará eu conhecia. Percebi que foi uma forma de saber sobre os meus interesses e sobre quem eu era.

As minhas idas noturnas à praça também foram muito produtivas, esse foi o espaço onde encontrei o maior número de jovens concentrados quanto à socialização, lazer. A primeira vez que fui à praça pelo período da noite com a Vitória, aos poucos fui apresentada a alguns conhecidos dela. Conversamos informalmente, mas a aproximação foi bem tímida por parte dos jovens. A conversa saiu de amenidades no terceiro dia de encontro, os jovens já me conheciam, queriam conversar, mostrar fotos e vídeos dos seus celulares. A convivência que possibilitou que alguns já me reconhecessem como “amiga”, muitos me apresentavam para outros deste modo: “Essa é a Myrla, nossa amiga. Ela é estudante da UFPA e está fazendo uma pesquisa

¹⁷ Referente ao cenário político brasileiro nos anos de 2015/2016.

com jovens, vamos precisar ajudá-la, porque ela tem que fazer entrevistas”. Eu me senti completamente à vontade com alguns jovens e eles comigo. Assim, fiquei sabendo de histórias da comunidade, pessoas e acontecimentos cotidianos que até então não tinha conhecimento.

Percebi que as famílias que conheci e com as quais convivi eram extremamente preocupadas em relação ao que me oferecer de alimentação, com o meu conforto e bem estar. Na medida do possível aceitei os pratos que me foram oferecidos, as frutas, sementes de plantas, farinha, chás e muitas coisas para trazer à Belém.

De dia não senti insegurança alguma ao caminhar na comunidade, somente na parte da noite e em ruas que não eram bem iluminadas, nestas senti um certo temor, devido de muitos relatos de pequenos roubos que estavam ocorrendo. Todas as pessoas que falaram sobre assaltos fizeram questão de frisar que não era algo comum: “Em Perseverança não tem esses negócios de roubo não, quem rouba é de fora que vem aqui, mas logo alguém bota pra correr, não se criam aqui” falou uma senhora com a qual eu conversava pelo portão de sua casa.

Avalio que a minha inserção na comunidade foi tranquila, não tive muita resistência em relação a minha permanência nesta, desde que as pessoas estivessem informadas sobre o que eu estava fazendo por lá. Perseverança tem características rurais, as relações sociais são fortemente ligadas a códigos que valorizam a solidariedade, parentesco e amizade. Assim, a partir do momento em que as pessoas se sentiram seguras com a minha presença e me consideravam uma pessoa amigável, foram os mais solícitos possíveis em relação a ajudar o meu trabalho. Exemplo disto foi quando conheci um jovem rapaz, que era genro do pastor da igreja Assembleia de Deus da comunidade que pediu para que eu escrevesse num papel sobre a minha pesquisa e os propósitos de eu estar lá para que ele pudesse anunciar no culto que eu iria fazer visita as casas das pessoas para entrevistar jovens. Não fui convidada para nenhum culto, ou qualquer reunião da igreja evangélica, acredito que isso ocorreu por conta de eu ter sido apresentada a comunidade pelo senhor Brasil e pela jovem Vitória que têm participação ativa na igreja católica, pessoas que são reconhecidas na comunidade por conta disto.

Senti certa frustração de algumas famílias que acreditaram que meu papel ali seria ajudar em alguns problemas da comunidade de forma imediata, como por exemplo, denunciar a prefeitura do município pela falta de asfalto e alguns problemas de infraestrutura de sua responsabilidade.

Ao me despedir após 20 dias de convívio, recebi números de telefone, endereços virtuais e perguntas sobre a possibilidade de ser incluída em grupos de conversa de redes sociais. Parti com a sensação de que a minha estadia na comunidade foi de muitos mais dias do que o período que permaneci, por conta do acolhimento das pessoas de Perseverança.

3.3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo foi realizado por meio de revisão de literatura, levantamento de dados secundários, pesquisa exploratória, pesquisa de campo, sistematização, tratamento e interpretação dos dados e escrita da dissertação.

Considerando o tema desta dissertação e os objetivos do estudo, a pesquisa teve uma abordagem predominantemente qualitativa. Brumer (2008), explica que neste enfoque, estuda-se em extensão as qualidades de um fenômeno, onde são utilizadas entrevistas e observações. Para a autora, a característica principal nesta abordagem é sua menor rigidez, pois permite ao informante uma maior liberdade de manifestação e, por conseguinte, ao pesquisador, a identificação e compreensão de dimensões mais subjetivas e aprofundadas do universo dos atores. Dados quantitativos foram levantados para traçar o perfil dos jovens e as características da comunidade.

Utilizei o estudo de caso, de acordo com Becker (1994), para análise detalhada de um caso de modo individual, ou seja, o aprofundamento em um único caso, possibilita a compreensão de forma total do grupo estudado. Deste modo, foi possível a análise das situações encontradas, o reconhecimento e identificação dos jovens, como estes se relacionam socialmente e como estão inseridos na comunidade Perseverança.

Seguindo este caminho, não me preendi à ideias engessadas referentes ao grupo ou categorias que analisei, tendo em vista que o tema exigiu uma elaboração metodológica que priorizou a construção de um conceito de juventude de acordo com a visão e modelos locais do que é ser “jovem”. Para tanto, houve uma flexibilização dos processos metodológicos e das reflexões metodológicas mesmo com a pesquisa ainda em curso.

3.3.1 Levantamento de dados

O levantamento de dados ocorreu inicialmente com dados secundários, este contou com a revisão bibliográfica constante sobre a produção acadêmica relacionada ao tema: pesquisas nas bibliotecas da Universidade Federal do Pará, pesquisas virtuais a partir de palavras-chave em sites e bibliotecas de universidades, sites do governo, sites de intuições sindicais, anais de congressos, periódicos, revistas científicas e bancos de dados; elaboração de listagem de referências bibliográficas e elaboração de fichamentos do material com análises sobre temas

relacionados à pesquisa. Por ser uma região em que havia pesquisas do Projeto AFINS realizadas, utilizei seu banco de dados sistematizados que me indicaram o perfil social e econômico da comunidade Perseverança.

Os aspectos teóricos referentes aos estudos sobre juventude rural no Brasil, trabalho familiar, trabalho assalariado, motivação para o trabalho e informações sobre a localidade em que a pesquisa de campo foi desenvolvida, encontrou-se em constante aperfeiçoamento ao longo da dissertação.

O levantamento das informações primárias se deu na segunda etapa que envolveu o campo. Concomitante a outros procedimentos metodológicos, realizei a aplicação de questionários com membros de 22 famílias, com o objetivo de buscar informações sobre atividades desenvolvidas, condição econômica, social e divisão de trabalho na propriedade e em casa. Estas famílias foram selecionadas de acordo com os seguintes critérios:

- Indicação de moradores com os quais estabeleci o primeiro contato;
- Ter jovens em sua composição, preferencialmente de ambos os sexos;
- Receptividade e disposição dos membros envolvidos em participar do estudo.

Nesta análise, considerei como família aqueles que vivem na mesma propriedade, que dividem a responsabilidade das atividades produtivas, partilham seus recursos e que possuem ancestralidade comum, de um modo geral, pais e filhos mesmo que estes já estejam casados.

As entrevistas com moradores do local, e observações fizeram parte da dinâmica metodológica em todas as fases da pesquisa de campo.

A conversa informal com os moradores, principalmente com alguns jovens, atores que estão no centro de minha análise, permitiu-me a “aproximação à realidade social” descrita por Brumer (2008) e possibilitou *a priori* o reconhecimento da dinâmica social da juventude na comunidade e assim pude adequar e planejar a metodologia utilizada.

3.3.2 Entrevistas e observações

Nesta dissertação foram utilizadas entrevistas e observações que se tornaram complementares (BEAUD & WEBER, 2007). Optei preferencialmente por entrevistas

semiestruturadas e não diretivas. As primeiras, objetivaram levantar dados para traçar o perfil dos jovens. Foram realizadas entrevistas com 60 jovens seguindo o rigor de planejamento prévio. Dados objetivos e temas relativos a motivação para o trabalho foram organizados por mim, a fim de serem conduzidos de acordo com roteiro dirigido.

Foram realizadas 10 entrevistas não diretivas com moradores da comunidade objetivando a caracterização da vila, tal qual sua dinâmica social e cotidiano. De acordo com Michelat (1987), nestas entrevistas não existiu formulação de perguntas, foi sugerido um tema geral do estudo que foi previamente organizado, não para dirigir diretamente o entrevistado, apenas guiá-lo. Deste modo, os moradores ficaram livres para o relato de suas vivências e percepção sobre os assuntos abordados.

Foram também realizadas, cinco entrevistas históricas com pessoas idosas e antigos moradores para a caracterização da comunidade quanto a sua fundação e história.

As entrevistas e observações ocorreram de forma gradativa de acordo com a minha permanência em Perseverança. Este período foi essencial para a negociação das entrevistas pelo fato das famílias estarem mais à vontade com a minha presença. No primeiro contato com as pessoas, principalmente com os jovens, pude explicar sobre a pesquisa e como seriam as entrevistas e assim os encontros foram sendo previamente agendados nos horários indicados e quando os entrevistados se sentiram mais confortáveis para conversar.

Em se tratando da observação, fui ao encontro de grupos de jovens reunidos em locais de socialização em todos os dias da minha permanência em Perseverança. Sendo os espaços de socialização: festividades da igreja católica, grupo de jovens da Igreja Evangélica da comunidade, reuniões noturnas na praça da cidade, na saída da escola, campo de futebol, arena (enquanto havia a prática do esporte) e em bares.

As entrevistas com os jovens foram realizadas em suas respectivas residências ou no local de trabalho, preferencialmente sem a participação de nenhum membro da família ou conhecidos no intuito de que não houvesse interferências nas respostas. De maneira frequente, quando os encontros ocorriam na casa dos jovens, o contato inicial era realizado com a presença dos pais, após o desenrolar das conversas e a explicação do que se tratava a minha visita. Pude realizar entrevistas que ocorreram em outros espaços, no quintal, na mesa da cozinha, no ambiente de trabalho e através de agendamento prévio na praça da cidade.

A escolha dos entrevistados para a elaboração do perfil da juventude de Perseverança, se deu inicialmente através de indicação dos próprios moradores da comunidade do que seria “ser jovem”. Assim, identifiquei grupos etários de acordo com o quadro 1.

Quadro 1- Jovens entrevistados na comunidade Perseverança

Grupo Etário (GE)	Rapazes (36)		Moças (24)		Rapazes e Moças (60)	
	Absol.	%	Absol.	%	Absol.	%
GE. 1 15 a 18 anos	15	41,6	12	50	27	45
GE. 2 19 a 22 anos	03	8,3	04	16	07	11,6
GE. 3 23 a 26 anos	07	19,4	03	12,5	10	16,6
GE. 4 27 a 30 anos	11	30,5	05	20,8	16	25

Fonte: Pesquisa de Campo da autora, 2016

Este agrupamento não foi aleatório, foi considerado a similaridade da etapa de vida em que os jovens se encontravam nestes grupos. Deste modo, os jovens do GE. 1, de 15 a 18 anos, são aqueles que estudam e ou trabalham na comunidade e seguem vivendo com os pais.

Os jovens do GE. 2, de 19 a 22 anos, apresentaram uma autonomia parcial em relação aos pais, trabalham e ou estudam, alguns fora da comunidade e, em sua maioria, apresentam-se num movimento de transição entre a vida na comunidade e em outros municípios.

Os jovens que se encontram no GE. 3, de 23 a 26 anos, também possuem certa autonomia em relação aos pais, vivem e trabalham na comunidade, mas com movimentos de idas e vindas de acordo com as oportunidades de emprego que surgem em outros municípios.

Os jovens do GE. 4, 26 a 30 anos, de um modo geral, possuem autonomia em suas decisões em relação aos pais, mesmo que ainda compartilhem a mesma propriedade, geralmente já assumiram o comando das atividades produtivas da família.

Esta divisão me possibilitou o debate e aprofundamento sobre como os jovens são vistos no meio social onde vivem, como eles mesmo se veem de acordo com suas experiências e momentos de vida e, ainda, algumas diferenças da visão de juventude entre homens e mulheres no espaço rural.

Oliveira (1993) descreve a importância da associação do processo de entrevista e da observação no exercício da investigação. Este autor considera que o ouvir e o olhar são complementares, de modo que a entrevista pretende obter informações que não são alcançáveis somente pela observação, assim como a própria observação também possibilita a apreensão de informações sobre os atores que não são expostas.

3.3.3 Tratamento, interpretação de dados e escrita da dissertação

Nesta etapa da pesquisa ocorreu a sistematização dos dados qualitativos e quantitativos de acordo com os instrumentos utilizados e os objetivos de cada um. A análise foi realizada de forma horizontal e vertical de acordo com Michelat (1987), para a interpretação das falas dos entrevistados na sua totalidade e para a análise dos dados de acordo com os temas e assuntos abordados respectivamente.

No caso das entrevistas gravadas, as transcrições ocorreram a partir de seleção prévia de informações e atores chave, lidos e relidos para reflexão, interpretação e o diálogo com a teoria. Este processo foi desenvolvido de maneira similar à transcrição dos dados qualitativos obtidos através de observações e anotações do diário de campo. Para efeito de melhor visualização e análise dos dados, elaborei uma tipologia como recurso analítico fundamentada nos grupos etários. Como tal, trabalhei com quatro grupos.

O tratamento dos dados quantitativos foi feito nos programas Excel e Word para facilitar o acesso, interpretação e a elaboração de gráficos e quadros que foram, posteriormente, inseridos na dissertação.

A escrita ocorreu de acordo com a orientação de Oliveira (2000), que entende que o trabalho de pesquisa ocorre com o conjunto dos atos cognitivos de olhar, ouvir e escrever. Os temas centrais nesta análise foram pautados nas trajetórias dos atores de acordo com a sua inserção no trabalho familiar e assalariado, projetos de vida, lazer e sua percepção sobre motivação.

A incorporação das falas dos entrevistados ao texto da dissertação obedeceu ao critério estabelecido por alguns jovens na negociação das entrevistas, que somente concordaram em expor suas vivências e opiniões sobre determinados assuntos com a condição de não serem identificados. Portanto, optei pela utilização de nomes fictícios em todas as falas citadas no trabalho, apenas obedecendo o critério de utilizar para a mesma família a mesma inicial do sobrenome.

4 JUVENTUDE E TRABALHO EM PERSEVERANÇA

No presente capítulo identifico de acordo com a ótica local e dos próprios jovens, a percepção de juventude em Perseverança.

O diálogo com atores da comunidade foi estabelecido principalmente com o auxílio da minha aproximação com a temática específica sobre juventude rural, o que me possibilitou a identificação de traços do cotidiano e dinâmicas sociais deste universo de acordo com a perspectiva dos próprios jovens.

Ainda neste, dou início a caracterização do trabalho de jovens na comunidade com o enfoque em sua inserção produtiva, etapa esta fundamental para o entendimento das relações sociais e dinâmicas inerentes ao trabalho no espaço rural e as motivações para realizá-lo.

4.1. JUVENTUDE RURAL?

A abordagem de juventude rural que priorizei neste trabalho, considera e incorpora a percepção dos jovens sobre juventude em Perseverança.

Diante da abordagem sobre o rural e urbano (WANDERLEY, 2001; STROPASOLAS; 2006), identifico as particularidades que existem no espaço rural, sobretudo as relações sociais. Neste aspecto, destaco que *a priori* podemos até conhecer certa realidade “rural” e o que é ser jovem neste universo, mas devemos apreendê-la de acordo com a construção e representação social dos atores que ali vivem e sua identidade na totalidade de relações com o espaço e como ele está inserido.

Num total estimativo de 850 moradores de Perseverança, identifiquei uma faixa de 250 a 300 jovens, tendo em vista que este número flutua de acordo com o movimento da busca de alguns destes por oportunidades em outras cidades. Para fins de análise, atei-me aos atores que residiam no local na época do meu estudo. Assim, como mencionado no referencial metodológico, optei por entrevistar 60 jovens entre moças e rapazes, para destacar a juventude de Perseverança de acordo com minhas observações e de como estes se veem.

De acordo com inúmeras falas sobre o que é ser jovem em Perseverança, identifiquei que há uma construção social particular neste universo, onde a separação entre ser criança,

jovem ou adulto ocorre através de pontos marcantes na vida dos atores. A juventude em Perseverança não se molda de acordo com padrões específicos a determinada faixa etária, e sim, a fases de vida a qual as pessoas encontram-se. Quando as responsabilidades e deveres passam por se estabelecerem por completo em seu cotidiano, deixam de ser reconhecidos e se reconhecem como jovens. Por conseguinte, são identificados como adultos. No entanto, ainda que haja predominância deste modo de pensar e compreender a juventude entre os entrevistados, permanecem diferenças de percepção entre moças e rapazes sobre sentir-se como jovem ou encontrar-se na juventude.

De um modo geral, as moças da comunidade identificam a juventude até o marco das responsabilidades que lhes são atribuídas quando engravidam ou casam. Uma mulher jovem neste caso, é aquela que ainda não tem que “cuidar” do maridos e filhos em sua própria casa.

Das 24 moças entrevistadas, as casadas, 46% (11), responderam que uma pessoa é jovem enquanto pode “fazer coisas sem muita responsabilidade”, quando não tem marido, filhos e casa para cuidar. Ou seja, apesar de serem vistas como jovens por conta de sua idade pela sociedade de Perseverança, as mesmas não se enxergam assim. Para as moças que ainda não são casadas, 54% (13) do total, ser jovem significa ser livre para sair, estudar, passear, namorar e viver a vida com mais liberdade do que se estivessem casadas e com filhos.

O casamento é um marco muito importante na fala das jovens que vivem no espaço rural e delimita bem a passagem da juventude para a vida adulta. Apesar de estar presente na fala e nos planos das moças entrevistadas que ainda não se encontravam nesta condição, este não é uma prioridade. Conforme Stropasolas (2006), o casamento no universo rural tem o seu valor expresso na socialização e na inserção gradativa na vida social comunitária, o que lhe dá um caráter de grande importância. Contudo, este autor esclarece que, ao passo que ocorrem mudanças na sociedade e consequentemente nas relações sociais inerentes a ela, os jovens, principalmente as moças, redefinem a noção de família de forma a contemplar outros aspectos da vida cotidiana, em que o casamento faz parte de planos mais distantes do que na geração de seus pais, por exemplo.

No caso dos rapazes, a condição de ser jovem depende principalmente do vigor físico para o trabalho e do que caracterizam como “liberdade”, independentemente de estarem casados e terem filhos. Esta “liberdade” que apareceu em algumas falas, indica principalmente o tempo para o lazer bem como, participação nas partidas de futebol, festas em comunidades vizinhas e outros elementos que também se relacionam ao divertimento.

Dos rapazes entrevistados 77% (28), relacionaram a juventude como um período da vida bom para trabalhar pesado e construir o futuro. Ou seja, a juventude aparece como um período

de oportunidade para o início da concretização de seus projetos, vide a preocupação da garantia de se ter “força para trabalhar” e para garantir o futuro dos seus.

Há diferenças de percepções sobre a juventude entre moças e rapazes de Perseverança, o que reitera o debate de gênero no espaço rural e na sociedade em geral, no qual as atividades de produção são associadas aos homens e as de reprodução às mulheres, com valorizações monetárias e sociais diferentes. Estas diferenças são realçadas com a compreensão de ambos em relação aos papéis que lhes são atribuídos ao longo da vida.

Compreendo que, de um modo geral, ser jovem na comunidade é inerente a um período em que as pessoas constroem o seu futuro. De acordo com os moradores mais velhos (que não se enquadram em nenhum dos grupos demarcados para juventude), e que também me indicaram a quem entrevistar neste trabalho, jovens são pessoas “novas” aqueles que ainda tem a vida toda pela frente.

4.1.1 Como é ser jovem em Perseverança

A construção de um conceito de juventude rural ultrapassa os limites das considerações sobre o que é ser jovem ou não, abrangendo em si a discussão do que pode ser considerado rural ou urbano. No Brasil, ainda existem regiões onde podemos observar o contraste entre o urbano e o rural. Entretanto, diante do “novo rural” ou de uma nova ruralidade (WANDERLEY, 2013), apresenta-se uma questão difusa, no sentido de que as relações existentes entre áreas rurais e urbanas estão cada vez mais próximas. Não obstante, características como o interconhecimento, a importância das relações de proximidade e parentesco e o contato mais intenso com os recursos naturais os diferencia.

Em Perseverança por exemplo, a internet, televisões a cabo, aparelhos celulares, a facilidade de informação, que podem de certa forma influenciar em dinâmicas sociais que eram atribuídas exclusivamente ao espaço urbano, estão cada vez mais presentes no cotidiano local. Nas entrevistas realizadas com membros das 22 famílias, identifiquei que 95% (21) das casas têm antena parabólica e em 36% (8), possuem televisão por assinatura.

Por outro lado, observei que os jovens de Perseverança possuem uma forte ligação com a natureza e todas as vivências próprias do espaço rural amazônico. Freire (2009), descreve essa relação intensa com a natureza da juventude amazônica para com as comunidades em que vivem, através do próprio olhar destes jovens

São retratados dias ensolarados, rios abundantes em peixes, animais no pasto, plantações, pequenos animais no lote, árvores frondosas e frutíferas, festejos, cachoeiras, campo de futebol, chuva, sujeitos do campo com alegria. As comunidades rurais amazônicas onde vivem são retratadas como lugar de natureza exuberante, vida harmônica com a “mãe” natureza e de tranquilidade; espaço de produção de vida social e material; lugar de alimentação saudável, ar puro e vida sossegada, enfim, lugar bom de viver (FREIRE, 2009; p 284).

Fotografia 3 - Jovem de Perseverança assistindo um famoso desenho animado de uma rede americana.



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2016.

Ao mesmo tempo que existe um sentimento forte de pertencimento aquele espaço, no diálogo com os jovens em ambientes informais como praças e bares, com os quais eu tive contato mais frequente, observei a grande preocupação em demonstrar que estavam “atenados” com as coisas que ocorriam no mundo e que não estavam muito satisfeitos com o ideário em que ao rural é conferida a ideia de atraso, onde as pessoas não têm informação e nem acesso as “modernidades” que surgem no mundo.

Nesta perspectiva, muitos jovens relataram que já passaram por situações de preconceito ao se relacionar socialmente em áreas urbanas, fato este que se assemelha a situação encontrada por Freire (2009) em pesquisa com jovens no município de Igarapé-Miri, no PA

É encontrada ainda manifestação significativa de jovens que tem uma leitura crítica da realidade, que reconhecem todo o processo de discriminação e preconceito, mas compreendem como um processo social, determinados pelas desigualdades

econômicas e sócio-culturais e desse modo resistem a formas de exclusão. Sem ilusões, muitos reconhecem que são discriminados por serem do campo e que muitos jovens renegam essa condição para não serem diferentes, posto que tal diferença os inferiorizam, os subalternizam em relação ao jovem urbano (FREIRE, 2009; p 285).

Essa necessidade de romper paradigmas em relação à visão de terceiros sobre a comunidade Perseverança como um lugar atrasado, se reflete no comportamento dos jovens em relação à moda, preferências musicais, à busca por aparelhos celulares modernos e à interação com a internet, principalmente em redes sociais.

Os jovens que em suas entrevistas demonstram estar satisfeitos em viver e permanecer na comunidade, incomodam-se com a ideia de que quem vive no interior “não venceu na vida”, como se a cidade fosse um modelo ideal para viver,

As pessoas sempre vão falar mal do interior, o mundo fala mal do Brasil, o Brasil fala mal do Pará, o Pará fala mal do Capim, o Capim fala mal de Perseverança, Perseverança fala mal da Colônia... as pessoas tem que parar de achar que quem vive no interior é atrasado e não sabe de nada, hoje em dia aqui tem quase tudo que tem na cidade, claro que com os seus problemas... mas se você parar pra pensar, morreu um homem em São Domingos, daqui a pouco tem até foto no meu celular, é rápido, ninguém mais fica sem saber o que acontece no mundo aqui, só em lugares muito longe que não pega a antena. Aqui tem até vazamento de nudes (Elias –16 anos).

A preocupação dos jovens com o seu visual é constante. Isto foi percebido por mim tanto na fala de alguns entrevistados, quanto na observação realizada no período em que estive na comunidade. Essa preocupação se expressa também na busca de roupas e acessórios fora de Perseverança, porque segundo moças e rapazes as lojas que existem não contemplam suas necessidades, tendo em vista que as roupas comercializadas na comunidade não chamam a atenção e não estão muito na moda.

Para 20,4 % (34) dos jovens, o local preferido para a realização de compras de “roupas de marca” é o município de Mãe do Rio, porque segundo os mesmos, este município apresenta mais variedades em relação a vestimenta “*Em São Domingos ou aqui, pode ir em qualquer lojinha que vai conseguir comprar uma roupa, mas em Mãe do Rio tem multimarcas*” Jeane – Moça, 19 anos. Para os jovens é importante, se a roupa for “de marca”, que ela fique visível nas roupas, principalmente para aparecer na rede social. Isto também denota a necessidade da busca pelo reconhecimento de terceiros, sabendo-se que a rede social atinge um número significativo de pessoas, sejam da mesma localidade dos jovens em questão ou de outros lugares mais distantes.

A maior influência de moda para os jovens são as novelas e os programas de televisão, a que não se limita apenas a programações locais – tendo em vista que as empresas responsáveis

pelos serviços de televisão por assinatura estão na comunidade. Mais de uma empresa de “tv a cabo” oferece serviços que dão a oportunidade de algumas famílias terem o acesso à inúmeras informações nacionais e internacionais, o que forma uma vitrine sobre outros parâmetros de sociedade, comportamento e etc.

Em relação ao lazer em Perseverança, pude perceber que os espaços citados nas entrevistas foram semelhantes entre os jovens. Em primeiro lugar entre os rapazes, o divertimento mais citado foi o futebol. Existem dois espaços para a prática de futebol na comunidade, a arena e o campo, com times de moças e rapazes. Segundo os moradores de Perseverança, o espaço do campo é tomado pelos times que treinam e participam de competições com os times de outras comunidades, o agendamento dos jogos segue um cronograma e uma ordem estabelecida pelos próprios times locais.

Outro espaço é chamado de arena, onde os jogos são organizados informalmente, os grupos chegam sem agendamento prévio e utilizam o espaço, porém, de acordo com as moças entrevistadas é muito raro os times serem mistos, com exceção da participação de rapazes na trave do time das mulheres, eles que geralmente “agarram” a bola, porque as moças não gostam muito dessa posição.

Fotografia 4 - Jogo de futebol de moças na arena de Perseverança.



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2016.

Stropasolas (2004), explica que no espaço rural, o campo de futebol é invariavelmente um terreno privilegiado do lazer masculino, um local que passa a ser um espaço fértil no âmbito

cultural, que atrai atenções da sociedade em geral, mas que recentemente vem atraindo o interesse e o olhar crítico de mulheres também.

Houve uma época em que as mulheres estavam ‘acostumadas’ a serem meras expectadoras dos espetáculos realizados pelos jogadores, particularmente nos domingos de torneios envolvendo várias comunidades, comumente animados por ‘matinês’ (espécie de baile realizado geralmente nos domingos à tarde). Em tais oportunidades, não havia distinção de gêneros; ao contrário, a presença feminina sempre era bem-vinda. Atualmente, as moças assumem duas posturas em relação ao território alheio: procuram conquistar o seu espaço ‘por dentro’ dessa manifestação lúdica, praticando e constituindo equipes, ou buscam questionar ‘por fora’ das quadras esportivas o espaço e o tempo potencialmente perdidos, pela presença regular de seus parceiros (namorados, noivos, maridos, etc.) nesses eventos, e passíveis de serem oportunizados e expressos em campos diversos, formados pelas expectativas e desejos femininos (STROPASOLAS, 2004; p 260 -261).

Em Perseverança, notei a busca das moças pela legitimação de sua participação nos campos de futebol – que antes era um espaço exclusivamente masculino e agora passa a ser de ambos. É ainda dominado pelos rapazes, visto que no campo de grama, onde existem times e organização de campeonatos, as moças têm mais dificuldade em conseguir horários para jogar, por seus jogos e campeonatos não serem vistos com importância como o dos rapazes, fazendo assim com que elas não tenham prioridade para horários de treinos.

A igreja também aparece como local importante de socialização e lazer na comunidade. Para os moradores em geral e para os jovens, tanto a igreja católica quanto a igreja evangélica, são espaços preferidos de moças e rapazes para encontros com eventos culturais, além das atividades religiosas. Outros espaços de lazer citados pelos jovens entrevistados foram o igarapé, bares e a rua em que jovens se reúnem para conversar, em especial a praça chamada de pracinha pelos moradores.

A pracinha de Perseverança consta como o local preferencial para o encontro de moças e rapazes, sobretudo porque nesta os moradores podem acessar a internet. Ali existe uma antena de operadora de celular improvisada pela prefeitura, onde funciona o sinal com maior precisão, inclusive com o funcionamento de internet diariamente entre as 19 e 22 horas.

Os jovens se reúnem, sentam-se nas calçadas com seus celulares para acessar a internet e fazer ligações. Inclusive, um rapaz que mora próximo à praça e que tem rede *wi-fi*¹⁸ em sua casa, oferece o serviço de internet àqueles que preferem uma conexão mais rápida. O preço

¹⁸ *Wi-Fi* é uma abreviação de *Wireless Fidelity*, que significa fidelidade sem fio, em português. *Wi-fi*, ou *wireless* é uma tecnologia de comunicação que não faz uso de cabos, e geralmente é transmitida através de frequências de rádio, infravermelhos etc.

cobrado é de R\$ 2,00 para obter a senha e acessar a internet das 19 às 22 horas. A preferência dos jovens está em acessar redes sociais como *facebook* e *whatsapp*¹⁹.

Para irem à praça os jovens se arrumam com roupas da moda, porém pouco conversam entre si, cumprimentam-se quando chegam na praça, com a pergunta recorrente “tá funcionando o sinal?” e se concentram em seus celulares.

No período em que estive na comunidade também pude observar que nesse espaço de socialização os jovens trocam arquivos de vídeos e músicas, além de alguns grupos ouvirem músicas dos celulares. Quem não tem o aparelho celular pede emprestado o aparelho do amigo para entrar em suas redes sociais “mas tem que ser rápido”.

Para Redin (a) (2013), a comunicação no meio rural sempre esteve ligada a informação, vista sobre uma perspectiva técnica, tecnológica ou de lazer, como programas de rádio ou televisão, por meio das músicas e informes em geral. Porém, estes autores explicam que, neste prisma, a informação não pode ser reconhecida como comunicação, sobretudo pela passividade com que os sujeitos a recebem, em que não existe interação recíproca. No caso da internet, esse quadro de representações muda completamente seu foco,

...considerando-se a revolução da comunicação por meio da internet, percebe-se a possibilidade de interatividade entre os sujeitos, está dada pela troca em duas ou mais vias de diálogo. Este fenômeno de reciprocidade seria então capaz de promover comunicação, ou seja, se daria por meio de relações e significações sociais construídas de forma coletiva pelas partes envolvidas: emissores e receptores, tendo a máquina como meio de mediação (REDIN (a), 2013; p 230).

Deste modo, percebe-se que hoje existe uma grande proximidade entre os acontecimentos dos espaços urbanos e rurais por meio da interação e compartilhamentos de informações na internet. Principalmente o jovem, passa a ser um vetor importante das notícias e acontecimentos da sua comunidade, município, estado, país e até no mundo. Para Lima e Santos (2013), com a sociedade cada vez mais interconectada, o local passa a funcionar como uma “caixa de ressonância” do global, onde pode ocorrer o uso de ferramentas e exemplos globais para atender a uma demanda local ou para a construção de uma lógica identitária própria.

Em Perseverança, a socialização e vivências podem levar os jovens locais a optarem pela profissão dos pais, tanto quanto o olhar mais além proporcionado por viagens às cidades próximas ou novas possibilidades no campo pessoal e profissional. Ou seja, as influências e as novas maneiras de ver o mundo e de se relacionar com as coisas a sua volta, também podem

¹⁹ Ambas são redes sociais de comunicação, onde há a interação direta de pessoas.

modificar as relações do jovem com as dinâmicas locais, o trabalho, as atividades produtivas que desempenham e o tipo de vida que pretendem levar futuramente.

4.3 “DESDE PEQUENO EU JÁ AJUDAVA”: A INSERÇÃO DOS JOVENS NO TRABALHO EM PERSEVERANÇA

Partindo do pressuposto que a iniciação no trabalho no espaço rural, de forma geral, ocorre no seio da família, em que o jovem é socializado e se torna parte dos que aplicam um esforço comum para a realização das atividades na propriedade familiar, reconheci a necessidade da análise da inserção de jovens no trabalho na sua infância.

Para desvendar aspectos das relações sociais dos jovens de Perseverança no presente, fez-se necessário o resgate do passado. Diante disto, especulo que a motivação dos jovens para o trabalho familiar rural está relacionada à sua socialização para este na infância.

Sobre o trabalho infantil no campo brasileiro, Stropasolas (2012), ressalva que ao abordar a inserção de crianças e adolescentes nas atividades agrícolas é fundamental que haja diferenciação entre as atividades desenvolvidas no âmbito da agricultura familiar e do trabalho assalariado, tendo em vista que o trabalho no âmbito da família pressupõe uma lógica única e diferenciada de outros modelos de processos produtivos nos espaços rurais.

A inserção nas atividades produtivas em Perseverança ocorre ainda na infância. Minha estadia na localidade permitiu identificar alguns aspectos sobre a inserção de crianças no trabalho, que foram além das respostas dadas pela maioria dos entrevistados. Estes, de um modo geral, descreveram que as atividades realizadas quando iniciaram a trabalhar ocorriam juntamente com a família e eram ligadas à agricultura. Entretanto, em alguns casos a inserção no trabalho ocorreu fora desta atividade, no trabalho doméstico em casa de terceiros no caso das moças, e trabalho de vendas (salgados e doces) no caso dos rapazes.

Considero que a maioria das moças e dos rapazes entrevistados em Perseverança, mais precisamente 86,6% (52 jovens), realizaram algum trabalho na infância²⁰. As idades de inserção no trabalho são similares quando comparadas as modalidades realizadas, porém os relatos apresentaram maneiras de inserção distintas se comparados rapazes e moças. Ou seja, desde a

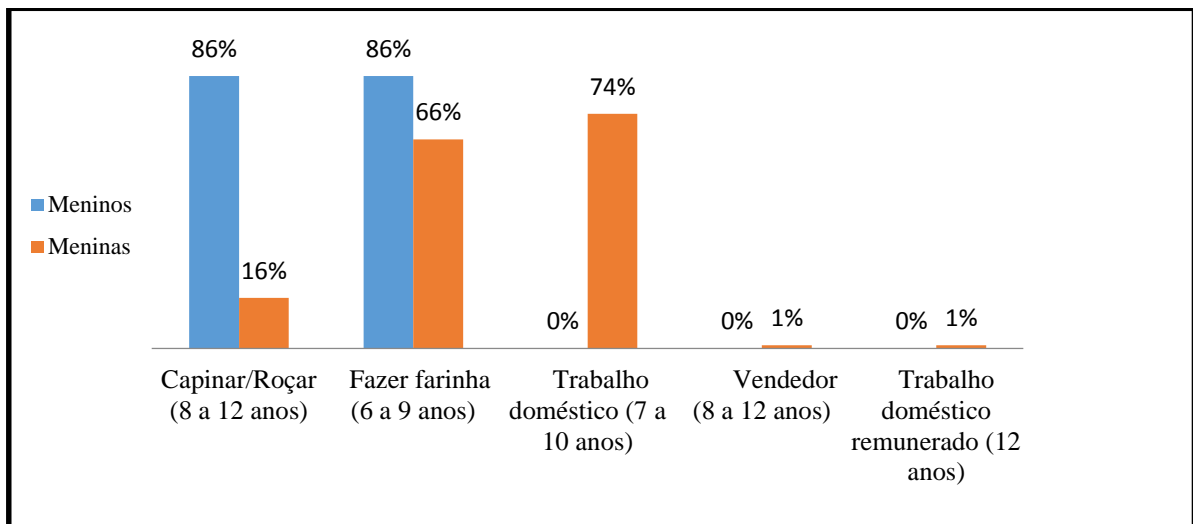
²⁰ Neste estudo identifiquei a infância de acordo com o ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente Brasileiro, o que se considera criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos.

infância já se observa a socialização para a divisão sexual do trabalho com atividades atribuídas a meninos e a meninas.

No diálogo com pais e familiares de jovens em Perseverança, observei que o trabalho doméstico é, por muitas vezes, tratado como “ajuda”, inclusive pelas próprias moças entrevistadas. Contrária a esta concepção, de acordo com Gonçalves & Hirata (2002), considero não apenas o trabalho profissional, mas também o doméstico na elaboração de minha análise.

No gráfico 1, exponho a inserção dos jovens no trabalho quando crianças, de acordo com a idade em que iniciaram este processo, o tipo de atividade realizada e o percentual de participação entre meninos e meninas.

Gráfico 1 - Atividades desenvolvidas e idades de inserção no trabalho.



Fonte: Pesquisa de campo da autora, 2016.

De acordo com as informações do gráfico 1, para a maioria dos rapazes, o início da socialização para o trabalho ocorreu na agricultura junto com o pai. Em relação as moças, ocorreu de forma mais expressiva no trabalho doméstico junto a mãe. Esta divisão é elucidada na fala dos pais como parte importante na educação das moças, que são ensinadas por suas mães à rotina dos cuidados com a casa como uma preparação para o futuro.

... é muito bom aprender logo as coisas da casa, porque é muito ruim uma moça que depois que cresce não sabe fazer nada, tem que saber lavar uma roupa, varrer a casa, porque quando não sabe fazer não dá nem pra pessoa casar, cuidar da família... (Fátima, 46 anos- Mãe de jovens).

A análise da socialização no trabalho de meninos e meninas mostra os papéis bem definidos relacionados à divisão sexual do trabalho, ainda que as pessoas pertençam ao mesmo grupo familiar. Em média aos dez anos de idade, as meninas de Perseverança já tinham a responsabilidade sobre as tarefas do lar e desenvolviam atividades como os cuidados com a casa e o preparo da alimentação da família, ainda que nas falas dos pais esse “serviço” não seja reconhecido como trabalho.

... quando ela já tinha uns nove anos mais ou menos, ela já me ajudava aqui. A gente ia pra roça (apontando para o marido), e ela que ficava e tinha que fazer tudo. Da varrição da casa e a feitura da comida, e fazia tudo direitinho porque eu ensinei ela a cuidar das coisas desde cedo... (Fátima, 46 anos- Mãe de jovens).

O trabalho doméstico realizado por moças é contínuo em sua trajetória de vida, estas acabam por ter a responsabilidade total sobre os cuidados com o lar independentemente de estarem também trabalhando fora de casa. Diferentemente dos rapazes que têm participação ínfima no trabalho doméstico em Perseverança.

Stropasolas (2012), analisa que se for considerado apenas o trabalho na agricultura, a maior parte das crianças que trabalham são do sexo masculino, as meninas entram em cena a partir do momento que é considerado o trabalho doméstico,

O fato de os rapazes aparecerem com maior frequência a desempenhar trabalhos na agricultura, sobretudo aqueles considerados perigosos e mais pesados, não significa dizer que trabalhem mais que as meninas e as adolescentes. As moças apresentam ritmos de trabalho mais regulares ao longo da semana e ao longo do ano. Os seus horários de trabalho mantêm-se muito extensos e preenchidos, mercê da sua constante intervenção nas rotinas inerentes à manutenção da casa e da família. Concentrando as suas atividades no domínio agrícola, os rapazes são mais influenciados pela sazonalidade desse trabalho. Por isso, embora possam apresentar índices de participação no trabalho mais elevados, nos momentos críticos da atividade agrícola, têm, na época de baixa atividade, horários e conteúdos laborais muito mais suavizados que elas. O que proporciona ao público masculino infantil e juvenil mais tempo para o lazer e maior flexibilidade e autonomia para participar das atividades vinculadas ao espaço público (STROPASOLAS, 2012; p. 259).

Para Brumer (2004), de um modo geral as crianças e jovens ocupam uma posição subordinada no espaço rural e seu trabalho geralmente é identificado como “ajuda”. Quanto ao início no trabalho, as respostas dos jovens e seus pais se distinguem. A maioria dos jovens entrevistados responderam que iniciaram as atividades de trabalho na infância, mas seus pais indicaram na maioria das respostas que os jovens quando crianças não trabalhavam, e que iniciaram os trabalhos a partir dos 15 anos de idade. Esta disparidade nas respostas entre pais e filhos sobre as idades de início das atividades realizadas, está relacionada ao não reconhecimento destas como trabalho e sim como ajuda, além da percepção que existe hoje

sobre o trabalho infantil²¹ que o considera como lugar de exploração e maus tratos no contexto da pobreza e miséria.

Segundo Neves (1999), o trabalho infantil aparece muitas vezes associado aos princípios do capitalismo e o trabalho das crianças é tido como resultado da violência e exploração que se fundamenta, historicamente, na dissociação entre trabalhadores e meios de produção. Entretanto, no trabalho familiar especificamente, as dinâmicas existentes não obedecem essa lógica. Para esta autora

...há formas de trabalho infantil, fundamentais na transmissão do patrimônio de saberes e disciplinas de certas profissões e de construção do herdeiro e, principalmente, do sucessor, no caso do trabalhador artesanal, profissional ou camponês. Sob a orientação e supervisão dos pais ou de gerações anteriores de trabalhadores, os adolescentes ou pré-adolescentes se incorporam ao processo de socialização profissional e de ritualização da mudança de posição, ingressando-se na idade adulta (NEVES, 1999, p.10-11).

Diante destas duas visões sobre o trabalho infantil, em que uma o considera exploração e a outra relativiza seu significado de acordo com os traços culturais e econômicos em que ele é estabelecido, compreendo que os jovens entrevistados em Perseverança se inscrevem na perspectiva que encara o trabalho realizado na infância como processo de socialização, contato com tradições, cultura e aprendizado.

Em relação ao processo em que os jovens iniciam o trabalho familiar, Wanderley (2013), identificou três momentos marcantes: o primeiro, que ocorre na infância, onde sua participação e esforço no trabalho é reduzida e expressa mais as relações de socialização e aprendizado no seio familiar. Nesta ocasião da vida da criança, a autora explica que a educação formal fornecida pela escola ocupa a maior parcela do tempo e é considerada pela família de suma importância para seu processo de formação.

A análise desta autora e as entrevistas realizadas em Perseverança com pais das moças e rapazes revelaram a importância que estes atribuem a escola na vida de seus filhos. Os jovens entrevistados também sobre as atividades realizadas na infância, citaram a escola como a principal delas e muitos reconheceram o rigor que foi relatado pelos seus pais em relação a frequência escolar. Predominantemente, 97% (58) dos jovens de Perseverança quando crianças, estudavam em uma parte do dia e realizavam as tarefas de trabalho na outra, bem como um rapaz descreveu sua rotina aos 9 anos de idade.

²¹ Refiro-me ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a Organização internacional do trabalho (OIT).

... falando assim de fazer as coisas quando a gente era criança, a gente aqui não fazia por necessidade, era mais pra acompanhar o pai e a mãe mesmo. De manhã a gente ia pra escola porque isso sim era a nossa obrigação, umas sete horas a gente já estava no colégio. Umás onze horas a gente já estava em casa e depois de comer, se o pai voltasse pra roça ou se fosse fazer alguma coisa a gente ia junto. Passava a tarde todinha com ele e assim a gente aprendeu a fazer tudo que sabe hoje... se eu sei as coisas tudo é porque eu tava no meio olhando e fazendo o que dava pra ajudar (Anderson – 24 anos).

Em relação a escolaridade, analisei que a família percebe a educação formal como algo imprescindível para a formação de crianças e jovens. Isto é expresso no fato de não existirem quadros de jovens analfabetos ou de evasão escolar (considerando o ensino básico brasileiro) entre os grupos etários selecionados para este estudo. Em relação a este tema, Freire (2009), identificou em outro contexto²² ainda na Amazônia, que a questão educacional não se configura de forma tão agravada nas famílias dos jovens camponeses, considerando-se a média nacional. Atribuo esta realidade à criação de programas de combate à fome e transferências de renda no Brasil, em especial ao Programa Bolsa Família- PBF²³, que teve o início de sua implementação no país no ano de 2004.

Em Perseverança, 61% (37), dos jovens entrevistados foram beneficiários do PBF, no período de infância de acordo com o quadro.

Quadro 2 - Percentual de jovens de Perseverança beneficiados pelo PBF no período da infância/adolescência.

	Grupo Etário	Rapazes (36)		Moças (24)		Rapazes e Moças (60)	
		Absol	%	Absol	%	Absol	%
JOVENS BENEFICIADOS PELO PBF NA INFÂNCIA/ADOLESCÊNCIA	GE. 1	13	36,1	11	45,8	24	40
	GE. 2	03	8,3	04	16,6	07	11,6
	GE. 3	04	11,1	01	4,1	05	8,3
	GE. 4	01	2,7	0	0	01	1,6

Fonte: Pesquisa de Campo da autora, 2016.

²² Sua pesquisa foi desenvolvida nos municípios do Baixo Tocantins, Igarapé-Miri e Moju – Pará.

²³ Criado em 2003, por Medida Provisória, e instituído em lei regulamentada pelo Decreto nº 5.209, de 17 de setembro de 2004.

Este percentual aumenta quando os grupos etários são analisados separadamente, atribuo isto às idades diferenciadas em que se encontravam os jovens no momento em que o PFB entrou em vigor. O acesso destas famílias à complementação de renda através do PFB e que, por sua vez, pressupõem um controle da frequência escolar das crianças e adolescentes, rígido e fiscalizado, influencia a visão dos pais em relação aos estudos como prioridade.

O segundo momento relacionado à inserção dos jovens no trabalho caracterizado por Wanderley (2013), diz respeito a fase em que existe um aumento do envolvimento do jovem no esforço do trabalho familiar, mesmo quando concilia suas atividades com o processo educativo. Para esta autora é nesta fase que os jovens tem suas primeiras experiências na organização de uma atividade produtiva com uma certa autonomia, cujos proventos podem ser apropriados individualmente ou empregados para toda a família.

Em relação ao conjunto de atividades realizadas, existe ainda a modalidade de alternância forte entre o trabalho familiar e o assalariado que ocorre na propriedade dos pais e na propriedade de terceiros, em que os jovens geralmente procuram esses “bicos” para o complemento da renda familiar conforme informações o quadro 3.

Quadro 3- Trabalho familiar de Jovens em Perseverança

MODALIDADE DE TRABALHO	RAPAZES (36)		MOÇAS (24)		MOÇAS E RAPAZES (60)	
	Absol.	%	Absol.	%	Absol.	%
Somente trabalho familiar	11	30,5%	22	91,6%	33	55%
Somente trabalho assalariado	04	11,1%	02	8,3%	06	10%
Alternância entre trabalho familiar e assalariado	21	58,3%	24	100%	45	75%

Fonte: Pesquisa de Campo da autora, 2016

O quadro 3, identifica que em sua maioria os jovens alternam entre o trabalho familiar e o trabalho assalariado em Perseverança, sendo o número de moças maior nessa dinâmica. Das meninas, 100% (24) indicou realizar atividades familiares bem como a obrigação do serviço de casa, mesmo enquanto exercem atividades remuneradas fora.

De acordo com Brumer (2004), os jovens são considerados parte da ajuda familiar e que trabalham como os outros para ter suas necessidades básicas atendidas, bem como as dos demais membros da família. A visão desta autora pode ser aplicada a realidade de Perseverança, no contexto social e econômico em que estão inseridos os seus moradores. Percebi que na

maioria dos casos estudados, os jovens que trabalham na agricultura e ainda vivem com os pais também realizam tarefas remuneradas fora da propriedade, o fazem, para complementar a renda e ajudar suas famílias independentemente do tipo de “serviço” realizado.

No terceiro momento identificado por Wanderley (2013), o jovem passa a se desvincular de sua família em busca da realização de seus projetos individuais, que em sua maioria vem acompanhados da emancipação e formação de família. Este é um processo que inicia com o casamento, quando este envolve a saída dos jovens da propriedade dos pais.

Quadro 4 - Jovens casados em Perseverança.

	Grupo Etário	Rapazes (36)		Moças (24)		Rapazes e Moças (60)	
		Absol.	%	Absol.	%	Absol.	%
JOVENS CASADOS	GE. 1	0	0	02	8,3	02	3,3
	GE. 2	03	0,5	01	4,1	04	6,6
	GE. 3	05	8,3	03	12,5	08	13,3
	GE. 4	10	27,7	05	20,8	15	25

Fonte: Pesquisa de Campo da autora, 2016.

Em relação aos jovens casados, 48,3% (29), identifiquei em Perseverança uma grande dependência dos filhos para com seus pais. Destes, um número pequeno vive em propriedades independentes de seus pais. Muitos jovens tem o trabalho agrícola como principal atividade produtiva e não possuem terras, continuam na propriedade dos pais. Mesmo que tenham certa autonomia para administrar uma parte do roçado que lhes cabe dentro do estabelecimento, a palavra final nas decisões da propriedade continua sendo dos pais.

Dos jovens casados que são independentes em relação a seus pais, somente 17, 2% (5) possuem suas terras por meio de herança, por motivo de falecimento dos pais, porque estes se mudaram pra cidade ou porque adquiriram um lote por meio de venda de moradores antigos.

De uma forma geral, Wanderley (2013), relaciona estas fases dos jovens em relação ao trabalho realizado no espaço rural sem deixar de alertar que as dinâmicas podem ocorrer de formas diferenciadas de acordo com cada família, cada universo e de acordo com as peculiaridades dos locais onde as análises são desenvolvidas.

4.3.1 “Serviço de jovem”: o trabalho dos jovens em Perseverança

O trabalho e sua valorização no espaço rural são diretamente associados à identidade, à inserção, à honra e à integridade individual. Os jovens geralmente iniciam suas atividades produtivas no trabalho familiar, este que pressupõe uma lógica diferenciada do trabalho assalariado, onde todos os membros estão envolvidos nas tarefas que são organizadas e desenvolvidas pela família, no qual a unidade de produção coincide com a unidade de consumo e tem como principal base a reciprocidade das obrigações familiares (GARCIA, 1983; HERÉDIA, 2013; REDIN (b), 2013).

No período da minha pesquisa de campo, pude observar a rotina dos jovens de Perseverança e sua relação com atividades produtivas desenvolvidas no local. Optei por analisar as questões que envolvem o trabalho de acordo com Alborno (1998), que compreende este como esforço e resultado de um processo, com ação e obra concluída, o identificando como um elo de ligação entre as pessoas e o meio, natureza e sociedade.

Na literatura sobre juventude no espaço rural, muitos autores reconhecem o trabalho do jovem como parte importante da contribuição para a manutenção de suas famílias, (STROPASOLAS, 2006; BRUMER, 2007; CAPELO *et al* 2007; CASTRO, 2007; COSTA & RALISH, 2013; WANDERLEY, 2013; MALAGODI e MARQUES, 2014; MARIN *et al* 2007).

No período de minha permanência na comunidade, fiquei hospedada numa área mais central, onde concentravam-se os comércios locais, escola e igreja e assim, pude observar a diversidade do trabalho realizado por eles. Identifiquei novos modelos de trabalho que se mesclam com as antigas atividades realizadas tradicionalmente, como os serviços oferecidos em grandes de cidades.

Para Stropasolas (2006), a aproximação crescente entre campo e cidade, propõe aos moradores dos espaços rurais o acesso ao conjunto de serviços e bens disponíveis na sociedade, que acabam por integrar estes universos. De maneira complementar a este pensamento, Carneiro (2007), utiliza o termo “novas mentalidades no cenário rural” quando identifica o conjunto de transformações em curso no espaço rural como pertencentes a um processo, o que para esta autora implica na incorporação de “novas atividades”, que não são tipicamente rurais.

Sendo assim, ainda que as principais atividades produtivas desenvolvidas por jovens em Perseverança estejam relacionadas ao trabalho familiar, que é passado de pais para filhos e que, em muitos casos, permanece no cotidiano da maioria de seus moradores, também existem novas

formas de trabalhos que surgem de acordo com a nova configuração do cenário rural que vem se estabelecendo ao longo dos anos.

Neste aspecto, percebi as relações de trabalho dos jovens engendradas no trabalho familiar, que tem como sua característica principal os moldes de sua organização, onde as tarefas são divididas e desenvolvidas por membros da família de forma que a unidade de produção coincide com a unidade de consumo, tendo como uma das bases a reciprocidade das obrigações familiares (GARCIA, 1983).

Sobre trabalho familiar das moças em questão, o trabalho doméstico está inserido no contexto em que fica explícita a dupla jornada. Cyrino (2009), na análise das diferentes formas do uso do tempo no trabalho sob a ótica do gênero, considera as jornadas de ocupação (feminina e masculina) em sua totalidade, incluindo os esforços despendidos tanto no âmbito domiciliar quanto fora dele. No caso de Perseverança, ambas as atividades possuem importância fundamental para a manutenção da família, mas somente o trabalho assalariado é indicado como atividade laboral. A responsabilidade dos serviços realizados por moças no âmbito doméstico (para a sua própria família) e que são conferidos às moças desde a sua infância, são tidos como “obrigatórios” apenas pelo fato destas serem mulheres.

5 MOTIVAÇÃO DE JOVENS PARA O TRABALHO EM PERSEVERANÇA: AS DIFERENÇAS DE PERSPECTIVAS EM RELAÇÃO AO TRABALHO FAMILIAR E ASSALARIADO

Neste capítulo tenho como objetivo analisar as motivações dos jovens para o trabalho familiar e assalariado em Perseverança, assim como as perspectivas de moças e rapazes sobre estas modalidades.

A caracterização do trabalho para este estudo, foi realizada por meio da identificação de todas as atividades remuneradas e não remuneradas realizadas por jovens na comunidade e o percentual de cada modalidade de trabalho por sexo.

Deste modo, estão no centro de minha análise os processos que ocorrem tanto no trabalho familiar como no trabalho assalariado, tais como: rotina, administração de horários, controle, arranjos, organização familiar, negociações e salários, para possibilitar a compreensão das motivações para ambos.

Para o desenvolvimento do tema motivação para o trabalho familiar e assalariado, foi necessária a compreensão desses dois modelos a partir das suas diferenças e semelhanças. Sendo assim, analisei a sua relação ou não com padrões incorporados desde a infância, a inserção no trabalho, a relação com a família, a dependência ou autonomia que existe nas práticas realizadas em cada um deles.

Nesta construção, compreendi motivação como parte do conjunto de princípios básicos que representam necessidades, motivos, ou que também podem indicar a existência de alguma ordem dimensional relacionada a valores que são vistos como princípios-guia disponíveis para todos os seres humanos, mas que podem ser assumidos em magnitudes distintas, uma vez que emergem associados às experiências de socialização e dependem do contexto em que está inserida cada pessoa (GOUVEIA, 2003).

Em relação aos projetos futuros dos jovens, a análise se deu entre a comparação de respostas nas entrevistas e observações de seu cotidiano em Perseverança. Deste modo, foi possível identificar e caracterizar seus anseios para o futuro e como estes vêm se organizando para atingir seus objetivos.

Organizei o capítulo em quatro partes, na primeira caracterizo e analiso o trabalho assalariado de jovens em Perseverança, na segunda caracterizo e analiso a participação de jovens no trabalho familiar, na terceira parte apresento os projetos de vida dos jovens de

Perseverança e na parte final aponto as tendências recentes no mundo acadêmico para o estudo da juventude e trabalho no espaço rural brasileiro.

5.1 “TRABALHAR DE SALÁRIO É SEGURANÇA”: JOVENS E MOTIVAÇÃO PARA O TRABALHO ASSALARIADO EM PERSEVERANÇA

A partir de certa fase da vida, os jovens permanecem no limiar entre a dependência do trabalho com a família e a sua emancipação e então emerge a necessidade de terem a sua própria renda, o seu próprio “dinheirinho”. É neste período que o trabalho assalariado entra em cena. No caso de Perseverança, pude observar a busca dos jovens por independência da família de acordo com o momento e as fases da vida e o trabalho que realizavam.

De acordo com as informações obtidas na pesquisa, o trabalho assalariado começou a fazer parte do cenário de Perseverança de maneira gradual num contexto de transformações que acometeram o espaço rural do nordeste paraense nas últimas sete décadas. Pela memória oral, as atividades assalariadas iniciaram com a construção da PA 127, que de certa forma influenciou o estabelecimento da pecuária nas margens da estrada, segundo o modelo estabelecido no nordeste paraense a partir dos anos 60. Em outro momento, ocorreram transformações, a exemplo da expansão da agricultura, especialmente pela expansão de monocultivos de dendê²⁴, que é notada mais recentemente.

As opções relacionadas ao trabalho assalariado também na perspectiva dos moradores que já estavam estabelecidos na comunidade anteriormente, nos anos 2000, relacionavam o trabalho assalariado àquele ligado a Prefeitura Municipal de São Domingos do Capim, com cargos referentes principalmente a serviços de educação e saúde.

Para fins de análise, considerei como trabalho assalariado toda atividade remunerada de maneira regular ou não, independente de formalidades contratuais regidas pelas leis trabalhistas. Deste modo, identifiquei as atividades encontradas para compreender como é o trabalho assalariado realizado por jovens na comunidade.

Os resultados que encontrei mostram as atividades realizadas de maneira concomitante a outras, o que demonstra a pluralidade de situações que existem em Perseverança e a

²⁴ Nahum e Santos (2015), chamaram esse período de “boom” do dendê na Amazônia, que compreende seu auge nos anos de 2004 a 2013. São Domingos do Capim também faz parte deste contexto, onde as transformações reorganizam a paisagem, as relações e ofertas de trabalho, a economia local e as relações sociais em si.

possibilidade de moças e rapazes se articularem e desenvolverem estratégias para se encaixarem no cenário produtivo.

Dos 60 jovens entrevistados, 35% (21) realizavam alguma atividade assalariada em Perseverança na ocasião de minha pesquisa. O quadro 5, mostra os tipos de trabalhos assalariados de acordo com as diferentes participações de rapazes e moças em cada trabalho.

Quadro 5 -Tipos de atividades remuneradas realizadas pelos jovens em Perseverança.

Modalidade de trabalho	Rapazes (36)		Moças (24)		Total (60)	
	Absol.	%	Absol.	%	Absol.	%
Trabalho rural assalariado na agricultura	15	42,6%	4	16,6%	19	31,6%
Trabalho doméstico	0	0	7	29,1%	7	11,6%
Ajudante de pedreiro	8	0	0	0	8	13,3%
Prestadores de serviços para internet	2	22,2%	1	4,1%	3	5%
Cabeleireiro e manicure	1	5,5%	3	12,5%	4	6,6%
Atendente de lanchonete	0	0	1	4,1%	1	1,6%
Zelador de empresa de ônibus	1	2,7%	0	0	1	1,6%
Trabalho na prefeitura local	1	2,7%	0	0	1	1,6%
Total	28	77,7%	16	66,6%	44	73,3%

Fonte: Pesquisa de Campo da autora, 2016.

Diante destas informações, identifiquei que existem atividades realizadas exclusivamente por rapazes e exclusivamente pelas moças, e também pelos dois. Neste caso, chama a atenção a prestação de serviços domésticos e de pedreiro, espelho da tradicional divisão sexual do trabalho em que às mulheres compete a esfera doméstica e aos homens a esfera pública tendencialmente.

O trabalho assalariado na agricultura é preponderante aos rapazes na comunidade 42,6% (15). Este tipo de trabalho detém o maior número se considerados apenas os rapazes. Este geralmente ocorre em propriedades de fazendeiros, especialmente no cultivo da pimenta-do-reino, fruticultura, dendeicultura, mas também pode ocorrer no estabelecimento familiar de terceiros.

A remuneração desta atividade ocorre de duas maneiras: sistema de diárias, aquele em que o trabalhador recebe a quantia monetária de acordo com o número de dias em que realizou

determinado serviço; ou “trabalho alugado”. Nesta última, a remuneração pode ser definida de acordo com o período em que o trabalho foi realizado ou de acordo com o desempenho.

O percentual de jovens que se reveza entre o trabalho assalariado em propriedades de terceiros e o trabalho familiar é de 58,3% (21). Ou seja, o trabalho assalariado não é a única ocupação destes. Esta situação foi abordada por Wanderley (1996), há mais de 20 anos e é frequente no campo pesquisado.

Em relação aos jovens de Perseverança, uma das motivações que encontrei para o trabalho fora da propriedade está de acordo com a visão da autora,

...deve-se considerar que, tendo em vista, a precariedade e a instabilidade da situação camponesa, o trabalho externo se torna, na maioria dos casos, uma necessidade estrutural. Isto é, a renda obtida neste tipo de trabalho vem a ser indispensável para a reprodução, não só da família, como do próprio estabelecimento familiar (WANDERLEY, 1996; p. 14).

Em relação aos jovens que realizam o trabalho agrícola como assalariados regidos pela CLT²⁵, identifiquei dois tipos de atividades diferentes: técnicas agrícolas, posto ocupado por duas moças; e mecânico de trator, ocupação de um rapaz, somando junto um percentual de 5% (3) no total.

Segundo os entrevistados pertencentes a este percentual, quando o trabalho é “de carteira assinada” possibilita o planejamento futuro para aquisição de bens de consumo, o investimento financeiro em estudos e até mesmo o casamento.

O percentual das moças entrevistadas em Perseverança que realizam o trabalho doméstico remunerado na casa de terceiros, em modalidade de recebimento de diárias ou um salário combinado, é de 29,1% (7). Em nenhuma das situações observadas, o “contrato” ou “combinação” se enquadram nos padrões de remuneração mínima afixados pela CLT. Quando questionadas sobre este tipo de trabalho, se gostavam ou o porquê de terem optado por este tipo de atividade, 87,7% (20) responderam gostar muito de realizar o trabalho doméstico, principalmente por terem uma remuneração toda semana.

O trabalho de babá é realizado por 16,6% (4) das moças entrevistadas de Perseverança e também está atrelado às atividades domésticas, pois não existe uma divisão certa entre estas duas modalidades. Assim, quando a família com quem elas trabalham tem crianças pequenas, as moças também são as responsáveis pelos cuidados com os filhos.

²⁵ A Consolidação das Leis do Trabalho - **CLT**. A **CLT** surgiu pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1 de maio de 1943, foi sancionada pelo então presidente Getúlio Vargas, unificando toda legislação trabalhista existente no Brasil. In: <www.guiatrabalhista.com.br/tematicas/clt.htm>. Acesso em: 15/03/2017.

Eu gosto muito desse trabalho que eu faço (...) porque eu saio de casa, chego aqui faço o que tem que fazer, geralmente é limpeza e lavação de louça, olho os meninos... Ninguém me tira o meu, aqui o meu é meu, até ajudo lá em casa, mas quem decide o que vai fazer com o que ganha é eu. Compro coisa da natura, roupa e assim vou tendo as minhas coisas... (Ana.-17 anos).

Neste caso, constatei que a principal motivação das moças em Perseverança, para a realização deste trabalho está relacionada à busca por independência financeira. Porém, assim como observado na pesquisa de Alvez & Dayrel (2015) sobre jovens rurais do município de Governador Valadares em Minas Gerais, as possibilidades de conquistar alguma autonomia financeira são escassas.

Para as moças solteiras que vivem em Perseverança, uma faxina, um trabalho como manicure ou outra ocupação que lhes garantam uma renda, é importante para a satisfação de suas necessidades e para complementar a renda da família. Entretanto, ainda não as deixam seguras financeiramente para deixar a casa de seus pais.

No caso dos rapazes solteiros, a dinâmica de interdependência da família é similar. Os trabalhos assalariados que se alternam com os trabalhos na propriedade rural da família são um complemento para a renda, mas não o suficiente para que deixem o trabalho na propriedade da família, o que lhes daria mais autonomia.

Em relação ao trabalho na prefeitura local, que é realizado por apenas um rapaz, representa 2,7% dos jovens. Este desempenha o trabalho de vigia, possui salário fixo e todas as garantias. Neste caso, notei a satisfação em trabalhar em algo considerado estável. Da mesma forma, identifiquei que muitos jovens do local almejam o mesmo trabalho e aguardam a oportunidade de trabalho na prefeitura.

Trabalhar de salário é segurança, porque na prefeitura se tem o certo no mês, fora o décimo terceiro... se tem doença séria não é descontado. Se não fosse esse trabalho eu não ia ter nem como casar e nem fazer a minha faculdade de educação física. Ia ter que sair daqui de Perseverança, ia ter que ir pra Castanhal arrumar um trabalho pra poder estudar... (Josué.- 25 anos).

Na fala do rapaz que trabalha há dois anos como vigia na Escola da comunidade, concursado pela Prefeitura, pude perceber a motivação para continuar nesta atividade que está ligada à segurança financeira de ter um salário fixo, de custear os estudos do ensino superior e ainda permanecer na comunidade, com a manutenção do estilo de vida e próximo da família. Para além da segurança e do salário, valores associados ao modo de vida se evidenciam.

Outra forma de trabalho assalariado que identifiquei na comunidade de Perseverança foi o de zelador de uma empresa transporte, em que o ponto de partida para o trabalho ocorreu principalmente pela admiração do jovem entrevistado pela beleza dos ônibus de viagem, sua motivação principal para este trabalho se relaciona a possibilidade de crescimento na empresa:

Eu comecei nesse trabalho com 12 anos, porque um dia o cobrador perguntou se eu não queria lavar e limpar o ônibus pra ele, eu quis porque toda vez que o ônibus chega aqui em Perseverança tem a precisão de limpar, o ônibus vem todo dia, pensei que se ele me chamasse todo dia eu poderia fazer esse serviço e um dia crescer na empresa. Mas isso eu faço enquanto eu não tiver trabalho de verdade... trabalho de verdade é ser no mínimo um motorista, que esse tem carteira (Rodrigo– 15 anos).

Diante dos novos tipos de trabalhos emergentes no espaço rural ligados ao consumo, o trabalho no comércio local como vendedor de loja e atendente de lanchonete aparecem como “bicos” para a geração de uma renda própria. Podem ocorrer de acordo com a oportunidade de se empregar nos estabelecimentos comerciais que, na maioria das vezes, não são estáveis e nem fixos para que deixem as atividades na agricultura e terem uma renda própria.

A procura de atividades assalariadas em Perseverança se enquadra na análise de Mota (2005), que destaca que, para sair da agricultura, os jovens criam alternativas em busca de outra ocupação assalariada, mesmo que localmente. Nesses casos, o trabalho “de salário” fora das propriedades rurais, aparece principalmente como uma estratégia pessoal de moças e rapazes para deixar as atividades na agricultura.

Em meio aos questionamentos sobre o trabalho assalariado de jovens, ao entrevistar os demais membros de suas famílias compreendi as dinâmicas relacionadas ao movimento de saída dos jovens da comunidade à procura de melhores condições de trabalho assalariado, que podem ser conciliados ou não, com a formação educacional.

Confirmado o movimento em que muitos jovens, principalmente os rapazes, se alternam entre o trabalho assalariado fora de Perseverança (ou no município) com o trabalho familiar, identifiquei um processo que se dá diferentemente dos jovens que se assalariam somente na comunidade. Nesta distinta situação que ultrapassa as fronteiras de Perseverança, a estratégia não é mais caracterizada como pessoal, e sim das famílias, inclusive no que tange o provisionamento dos que permanecem na comunidade.

A maioria dos pais entrevistados, 78% (17), que possuem ao menos um filho entre 19 e 22 anos, independente do sexo, descreveram o desejo de saída de seus filhos da comunidade para trabalhar de forma assalariada, tendo como principal motivação o complemento da renda e em segundo, o prosseguimento dos estudos dos filhos.

As entrevistas com os membros destas famílias, também possibilitaram identificar que quando os filhos encontram um trabalho assalariado considerado “bom” fora da comunidade, no sentido de obterem estabilidade financeira e garantia trabalhistas formais, não pretendem mais voltar, a não ser em férias e comemorações.

5.1.1 O trabalho assalariado de jovens e sua relação com a família

O trabalho assalariado de jovens em Perseverança é frequente quando consideradas todas as atividades no local e que, ainda que informal, exerce função importante para a renda dos jovens. Mesmo assim, na maioria das famílias com as quais a pesquisa foi realizada, 95,4% (21) o trabalho assalariado é alternado com o trabalho familiar.

A constatação me motivou a selecionar um caso para ilustração, o exemplo da família Domingues, cujos membros têm renda (aposentadoria rural e trabalho assalariado) independentemente do trabalho familiar, mas produzem mandioca para o processamento e obtenção de seus derivados para consumo próprio. Deste modo, o trabalho entre os membros da família Domingues se organiza, i) O pai é aposentado rural e se dedica ao preparo da farinha na colônia, mas este período tem largos espaços, por conta da pequena produção de mandioca; ii) A mãe é aposentada rural e juntamente com a irmã de 17 anos são as responsáveis exclusivas pelo trabalho doméstico, conciliam este com as idas para a colônia da família para fazer farinha; iii) O filho casado de 25 anos, que ainda mora com os pais é funcionário concursado da prefeitura de São Domingos do Capim e trabalha como vigia na comunidade, mas em tempos, trabalha fazendo farinha junto a família; iv) A nora de 24 anos, concilia o trabalho doméstico com o trabalho de atendente de lanchonete, mas não participa das atividades relacionadas à farinha.

A família também é composta por mais 3 filhos homens (19, 21, e 29 anos respectivamente), os dois primeiros não participaram da pesquisa porque não viviam em Perseverança quando ela foi realizada, o outro mora em um estabelecimento com a família da esposa, mas também participa do trabalho da farinha na colônia de seus pais.

Esta alternância ocorre por diferentes motivos; o principal encontrado é relativo ao complemento da renda familiar no caso do trabalho assalariado, quando o trabalho familiar é a principal atividade da família. O outro, está ligado aos valores intrínsecos ao trabalho familiar, ocorre quando a família tem renda estável advinda de aposentadoria rural e trabalho assalariado e não precisa financeiramente do trabalho familiar, mas este continua sendo realizado em conjunto.

5.2 “BEM MELHOR FAZER O NOSSO HORÁRIO TRABALHANDO COM O PAI”: JOVENS E A MOTIVAÇÃO PARA O TRABALHO FAMILIAR EM PERSEVERANÇA

Como analisei no capítulo 4, a socialização dos jovens para o trabalho, de modo geral ocorreu na agricultura, no trabalho familiar. Crianças e jovens são força de trabalho importante para a realização das atividades na propriedade ainda que, em raras situações na perspectiva dos pais, sejam vistos como sucessores na reprodução deste modo de vida.

O trabalho familiar é inerente à sociedade rural, isto acrescenta que mesmo que o trabalho assalariado tenha surgido em Perseverança anterior ao trabalho familiar, me refiro ao período de sua fundação, os pioneiros na abertura da PA 127 eram remunerados. Mas, a partir do momento que estes trabalhadores se estabeleceram na comunidade com suas famílias, se voltaram para o trabalho na agricultura, e conseqüentemente para o trabalho familiar. Este modelo se figura desde então como a principal atividade produtiva do lugar.

Em dados gerais, identifiquei que, em Perseverança, um total de 55% (33) dos jovens entrevistados realizam somente o trabalho familiar. Destes, 18,33% (11) são rapazes e 36,6% (22) são moças. Nas atividades relacionadas a agricultura, os rapazes trabalham no cultivo da mandioca e em todas as etapas que envolvem o preparo da farinha, também com o cultivo da pimenta do reino, fruticultura (cacau, cupuaçu e maracujá em sua maioria), feijão, milho, hortaliças e dendê no sistema de integração.

Por sua vez, a atividade principal das moças no trabalho familiar é o trabalho doméstico, que coincide com outras atividades, sendo estas: preparo da farinha, agricultura (colheita da pimenta do reino, cultivo de feijão e milho) e outras (criação de pequenos animais e administração de hortas e pomares) que são tratadas pelas famílias como parte do trabalho doméstico ou “ajuda”.

Para Brumer (2004), existem dois aspectos que devem ser considerados para a compreensão da divisão do trabalho que se estabelece entre homens e mulheres no estabelecimento familiar. O primeiro é a particularidade do modo de produção no trabalho familiar, em que a unidade de produção é caracterizada por reunir os esforços de todos os membros da família para o benefício de todos, havendo uma necessária aproximação entre unidade de produção e unidade de consumo. O segundo aspecto apontado por esta autora, é inerente à sociedade paternalista, em que se atribui aos homens o papel de responsável pelo provimento da família e às mulheres o trabalho doméstico.

Ocorre que as atividades geralmente desenvolvidas pelas mulheres na esfera produtiva dos estabelecimentos agropecuários requerem algumas qualidades que supostamente

as mulheres (adultas e jovens) possuem (por natureza ou por aquisição, através do processo de socialização) ou que sua situação de trabalhadoras eventuais propicia (devido à manutenção de suas obrigações na esfera da reprodução) (BRUMER, 2004; p. 212).

As atividades do trabalho familiar realizadas por moças e rapazes entrevistados em Perseverança são apresentadas no quadro 6.

Quadro 6 - Trabalho de moças e rapazes no estabelecimento familiar em Perseverança.

Modalidade de trabalho	Rapazes (36)		Moças (24)		Total (60)	
	Absol.	%	Absol.	%	Absol.	%
Preparo da Farinha	11	30,5	19	79,1	30	0,5
Trabalho doméstico	0	00,0	22	91,6	22	36,6
Criação de pequenos animais	06	16,6	08	33,3	14	23,3
Agricultura	11	30,5	19	79,1	30	50

Fonte: Pesquisa de Campo da autora, 2016.

Segundo a minha interpretação dos dados do quadro 6, compreendo o trabalho de moças na esfera agrícola, mesmo quando este é considerado “ajuda” pelos familiares. Em minha perspectiva, as tarefas que envolvem a horta e o cuidado com as árvores frutíferas ao entorno da casa, foram vistas como atividade agrícola.

Diante disto, as atividades na agricultura, que envolvem roçado, plantio e colheita, ocorreram em maior número para as moças, 79,1 % (19). Cabe destacar que, em todos os estabelecimentos familiares as moças conciliavam trabalhos domésticos com a participação na agricultura.

O único trabalho que é visto de maneira mais igualitária em termos de divisão e organização de tarefas no estabelecimento familiar, é o que envolve o preparo da farinha. A casa de farinha ou retiro, como chamam os moradores de Perseverança, é um espaço em que todos que contribuem para o trabalho são valorizados.

Assim como apresentou Murrieta (2001) em seu estudo intitulado “*Dialética do Sabor*”, realizado no Baixo Amazonas²⁶, o papel da mandioca e seus derivados, vai além da alimentação. A relação que os moradores desenvolvem com a farinha em Perseverança, se estabelece de maneira profunda que vai além do sabor e do produto em si.

Toda a produção e os aspectos que envolvem a relação alimentar, econômica e social da produção de farinha, está fortemente conectada às rotinas da vida cotidiana e às regularidades dos ciclos sociais e relacionados a natureza, que lhe confere o sentido de lugar, pertencimento. Isto se expressa na fala dos pais e de jovens entrevistados que explicam que mesmo quando alguns filhos ou parentes não residem mais na propriedade familiar ou migraram para cidade, a cada volta ao estabelecimento, contribuem no trabalho de fazer farinha.

A maior parte das moças entrevistadas em Perseverança, 91,6% (22), realizam o trabalho doméstico como principal atividade. Aos 16 anos de idade em diante estas já são vistas pelos seus familiares como as principais responsáveis pelos cuidados com a casa, seja morando com seus pais ou casadas.

Diante da constatação em que a maioria esmagadora das mulheres é responsável pelo trabalho de casa, fica clara a distinção dada pela divisão do trabalho na família e a cultura local em relação ao que é considerado “serviço” de homem e de mulher.

A motivação de moças e rapazes para o trabalho familiar em Perseverança está centralizada na manutenção de costume e valores do campo socialmente estabelecidos e pela permanência no espaço rural.

O casamento é em certa fase da vida determinante para a permanência dos jovens na comunidade e, conseqüentemente, nas atividades agrícolas. Mesmo com as mudanças ocorridas no cenário local atreladas à emergência de atividades remuneradas, as oportunidades de trabalho ainda ocorrem em meio à precarização e falta de regulamentação que garantam a estabilidade financeira necessária. A permanência no trabalho familiar é a garantia do sustento da família.

5.2.1 A participação dos jovens no trabalho familiar em Perseverança

Dada a complexidade do trabalho da família e a frequente intercessão que existe nas situações relacionadas à participação dos jovens neste modelo, identifiquei que em Perseverança esta ocorre com uma certa equivalência entre as famílias entrevistadas.

²⁶ A mesorregião do Baixo Amazonas é uma das seis mesorregiões do estado brasileiro do Pará. É formada pela união de quinze municípios agrupados em três microrregiões.

Me aprofundei no diálogo com alguns jovens e seus familiares sobre o modo como estes organizam o trabalho no estabelecimento, para possibilitar a análise sobre a motivação de rapazes e moças para o trabalho familiar. O exemplo da família Silva me auxiliou na compreensão sobre a organização do trabalho familiar e a participação de seus jovens.

O trabalho nesse núcleo familiar, se dá da seguinte maneira: i) o pai é o responsável pela tomada de decisões da propriedade e pelas negociações referentes à venda dos produtos. No presente, os filhos mais velhos assumem as tarefas na propriedade, e o seu Brasil apenas coordena a produção e realiza as atividades a fim de instruir seus filhos; ii) A mãe e a nora de 22 anos são as responsáveis pelos cuidados com a casa (trabalho doméstico familiar); iii) os filhos rapazes, com idades de 24, 22 e 20 anos são responsáveis pelo trabalho na propriedade, com as obrigações da capina, preparação do solo e plantio; iv) o filho mais velho de 29 anos, é o segundo responsável pela tomada de decisões na propriedade juntamente com o pai, participa efetivamente com a sua força de trabalho, mas já possui parte de um terreno no mesmo local e administra negócios separadamente dos da família (dendeicultura integrada por meio da empresa ADM do Brasil); e v) o filho mais novo de 14 anos de idade, reveza-se entre as atividades escolares e o aprendizado do trabalho na agricultura.

Tendo em vista a analogia entre as 22 famílias entrevistadas no quesito trabalho na agricultura, o relato das atividades desenvolvidas pelos membros da família em questão identifica alguns pontos relativos ao trabalho familiar em Perseverança e o papel dos jovens neste processo.

5.3. “A VIDA QUE EU QUERO LÁ NA FRENTE”: PROJETOS DE VIDA DOS JOVENS DE PERSEVERANÇA

De acordo com Furlani e Bonfim (2013), compreendo o termo “projeto de vida” como a antecipação de questões variáveis, de acordo com eixos organizacionais, que vislumbram o futuro com uma perspectiva criada a partir do momento presente. No caso deste trabalho, os identifiquei também como projetos pessoais ou da família, aqueles que são construídos de acordo com as vivências dos indivíduos e seu momento particular de vida.

O projeto de vida é um campo onde se criam diversas possibilidades que podem ou não serem organizadas e trabalhadas a fim da concretização de um objetivo, assim, a ideia de projetos de vida está claramente associada à uma perspectiva futura.

A escolha deste recurso, em que o jovem dialoga com o seu presente e futuro a fim de vislumbrar a vida que quer “lá na frente”, auxiliou a minha compreensão sobre a motivação que estes têm para o trabalho em Perseverança.

Para os jovens da comunidade, 55% (33) dos que participam do trabalho agrícola no âmbito familiar, o planejamento em relação a continuidade de vida no espaço rural ao que tange o exercício das atividades produtivas realizadas por seus pais não é algo frequente. As perspectivas de vida variam de acordo com grupos etários, sexo e a condição social e econômica das famílias dos entrevistados.

Entre os jovens de 15 a 18 anos, Grupo etário 1, percebi um universo de expectativas em relação a formação superior e conseqüentemente para futuro, vistas como claras e alcançáveis, em minha análise atribuída ao período da vida em que se encontram, em que a escola aparece como atividade prioritária em seu cotidiano.

Quadro 7 - Destaque Grupo etário 1.

Grupo Etário (GE)	Rapazes (36)		Moças (24)		Total (60)	
	Absol.	%	Absol.	%	Absol.	%
GE. 1 15 a 18 anos	15	41,6	12	50	27	45

Fonte: Pesquisa de Campo da autora, 2016.

Quando entrevistados sobre seus objetivos futuros, 88% (24) dos rapazes e moças indicaram o desejo de sair da comunidade para dar continuidade aos estudos, relacionado à formação de nível superior ou para trabalhar de forma assalariada em outro município que ofereça oportunidades consideradas melhores do que as da comunidade. Apesar do planejamento de estudar ou trabalhar fora de Perseverança, diante do percentual dos que pretendem sair para concretizar seus objetivos fora da comunidade, 87,5% (21) não descartam a possibilidade de voltar para morar na comunidade.

Neste sentido, não se pode associar a escolha de outros trabalhos por parte dos jovens como um momento de rompimento com os pais, pois os projetos de vida deles contam com a influência familiar.

A escolha de outras profissões, fora da agricultura, recebe, igualmente, uma forte influência familiar, dependendo nesse sentido, de decisões tomadas internamente no seio da família. Porém, ela depende igualmente das oportunidades oferecidas no próprio local ou da disposição dos jovens

para se deslocarem temporária ou permanentemente (WANDERLEY, 2013, p. 206).

Dos 27 jovens entrevistados neste grupo, o desejo de permanência no trabalho familiar é de 53% (15), entretanto em 93% (14) das respostas dos que planejam ficar, a condição para sua permanência está atrelada a conseguirem adquirir uma propriedade, ou permanecerem por um período trabalhando fora para “juntar dinheiro” e voltar. Para os que possuem famílias com uma condição econômica mais elevada, a permanência está diretamente ligada aos cuidados com as propriedades da família, sempre após formação superior.

Para 73% (11) dos rapazes deste grupo, uma possível permanência no trabalho na agricultura está atrelado as seguintes situações: futura integração da dendeicultura, melhores condições de trabalho em relação ao acesso a assistência técnica e ou compra de terras no campo.

A produção agrícola que almejam realizar é diferenciada daquela de seus pais, se faria com a contratação de trabalhadores e a utilização de maquinário, para que possam priorizar apenas a administração da propriedade.

Ao destacar as moças neste grupo etário, identifiquei o desejo de dar continuidade a rotina do trabalho familiar de apenas de 33% (4) destas, ainda sim as que têm a intenção de continuar vivendo em Perseverança e trabalhando na agricultura, condicionam sua permanência à formação superior. Situação esta, que identifiquei na fala de uma moça na saída da escola e tive a oportunidade de conhecer a sua família em outro momento.

Eu gosto muito de morar aqui, gosto de estudar aqui, por mim não saia de Perseverança não, nem pra fazer faculdade. Mas assim, tem a promessa de que vai ter faculdade pra cá e nada... mas também se tiver não adianta pra mim porque só vai ser letras ou pedagogia e essas eu não quero fazer. Eu gosto do trabalho na roça, só não gosto da lida de fazer farinha porque é muito pesado... a gente tem um trabalho muito grande e as vezes não dá nem pra vender...acho que ninguém gosta, faz porque tem que fazer e a família precisa, mas sempre gostei do resto e quando dava eu ajudava, não no pesado porque eu não dou conta de roçar, já tentei mas não dou conta de segurar na enxada não, a minha mãe sabe e já trabalhou muito, agora não é mais de roça só cuida da casa. Mas pra hora de colher eu pego pimenta, faço contas dos pés porque aqui tem que contar porque tem gente que mexe, ajudar pra contar os que já tavam bom pra tirar... e o pai me dava uma comissãozinha. Se eu pudesse escolher, escolher mesmo eu faria o técnico agrícola, mas quando eu fiz a prova eu não estudei e não passei porque é difícil, agora que eu já to na fase do ENEM to estudando pra fazer agronomia pra Tomé-Açu, eu tenho uma tia que mora lá que é irmã da minha mãe e disse que me ajuda se eu passar. Aí eu formada, volto pra morar aqui com a minha família, dar melhoria de vida pra eles, poder ajudar.

O que que a sra faz mesmo?(...) Pois é, posso ser isso também (risos) (Isis.– 18 anos).

Nesta fala, observei que mesmo com a identificação da moça com os padrões locais, o estilo de vida no espaço rural e o trabalho agrícola, este, ainda aparece nos projetos de vida como assalariada. A formação escolar está em seu projeto futuro como estratégia para que esta possa oferecer melhores condições de vida aos pais.

Ainda sobre o GE 1, identifiquei que as moças que se dedicavam exclusivamente as atividades relacionadas aos trabalhos domésticos, 25% (3), tem como meta principal a saída da comunidade, seja para trabalhar de forma assalariada na sede do município, em outra cidade ou para se dedicar aos estudos.

De acordo com Brumer (2007), a predominância de moças entre os que saem das áreas rurais e que acarretou a chamada masculinização do campo, existe principalmente pela diferença dos processos de socialização entre moças e rapazes. A invisibilidade que ocorre no trabalho doméstico, realizado em sua maioria por moças, é um fator que faz com que estas se dediquem a buscar novas estratégias para viver e trabalhar fora da comunidade, com um movimento menor de ida e volta do que dos rapazes, por exemplo, o que acarreta uma diminuição da população feminina no campo nesta idade.

Paulilo (2004), explica que no trabalho doméstico a mulher historicamente desempenha o papel de principal responsável pela casa e cuidados com os filhos, onde o lar passa a ser o seu principal espaço. As moças socializadas no trabalho doméstico se desinteressam pela reprodução desse padrão, perante a não valorização do trabalho e seu caráter repetitivo.

Considerando o exposto no capítulo anterior, referente a idade de meninas para a iniciação no trabalho doméstico (7 a 10 anos), as moças entrevistadas em Perseverança, realizam este trabalho há pelo menos nove anos. Deste modo, tendem a buscar outras alternativas que se diferenciem do trabalho familiar.

Neste, 16% (2) das moças de 15 a 18 anos de idade, manifestaram o desejo de permanecer na comunidade e de continuar com as atividades que já vinham realizando (trabalho doméstico). Este é o caso de uma jovem de 18 anos, casada e que vive com o marido, os pais do marido e um filho de 2 anos de idade. Nesta situação, o que difere o desejo de permanência em relação a outras é a valorização do casamento, que mesmo com todas as mudanças ocorridas no espaço rural nos últimos anos, ainda segue como importante no processo de reprodução dos valores culturais das famílias de agricultores (STROPASOLAS, 2006).

Os jovens de faixa etária de 19 a 22 anos de idade (G.E. 2), foram encontrados em menor número para a realização das entrevistas. Espelho, de acordo com informações de familiares, que estes estão em menor número porque saíram para trabalhar ou estudar em outros municípios. São 11% (7) do total das moças e rapazes entrevistados.

Quadro 8 - Destaque Grupo etário 2.

Grupo Etário (GE)	Rapazes (36)		Moças (24)		Total (60)	
	Absol.	%	Absol.	%	Absol.	%
GE. 1 19 a 22 anos	03	8,3	04	16	07	11,6

Fonte: Pesquisa de Campo da autora, 2016.

Em relação a projetos de vida identifiquei a seguinte situação: 66% (4) dos que estão na comunidade, elaboraram um projeto de vida baseado em sua permanência em Perseverança, no trabalho familiar. Esta opção está atrelada a semi-dependência de seus pais, pois se encontram com família (esposa e filhos), mas não têm como prover seu sustento sem a ajuda dos parentes.

Todos os rapazes deste grupo, optaram por ficar em Perseverança e trabalhar no local por não se identificarem com o cotidiano urbano. Deste modo, à luz de Wanderley (2013), analiso que a permanência no espaço rural não se restringe apenas a razões profissionais, mas também se relaciona especialmente aos vínculos pessoais e a qualidade das relações sociais existentes neste universo.

Não somente os jovens com atividades relacionadas a agricultura apresentaram como escolha a permanência na comunidade, 28% (2) dos rapazes nesta idade responderam desenvolver atividades no comércio local, como vendedores ou comerciantes juntamente com seus pais e não pretendem sair para se dedicar a uma nova profissão. A opção de continuar administrando o comércio dos seus pais lhes parece positiva.

A totalidade das moças entrevistadas deste grupo que responderam sobre seus projetos de vida, relacionaram sua permanência na comunidade à falta de perspectiva fora dela ou ao medo de sair e tentar um trabalho longe e não conseguir se sustentar. Todas as entrevistadas apresentaram como perspectiva para o futuro uma posição assalariada diferente do trabalho doméstico já realizado por 75% (3). Elas explicam que se tivessem oportunidades consideradas boas de assalariamento, sairiam para ter esta experiência, mas que se não desse certo ou não gostassem, voltariam.

Os projetos de vida dos jovens da faixa etária que engloba os períodos de 23 a 29 anos de idade, (grupo 3) diferem entre moças e rapazes em relação ao trabalho e permanência na comunidade.

Quadro 9 - Destaque Grupo etário 3

Grupo Etário (GE)	Rapazes (36)		Moças (24)		Total (60)	
	Absol.	%	Absol.	%	Absol.	%
GE. 1 23 a 26 anos	07	19,4	3	12,5	10	16,6

Fonte: Pesquisa de Campo da autora, 2016.

Neste grupo 57% (4) dos jovens tem como projeto de vida a permanência em Perseverança e a continuidade do trabalho na agricultura, mas esta não foi a opção prioritária na vida destes. Neste mesmo grupo, 60% (6) já tiveram a experiência de sair de Perseverança para se assalariar em profissões não relacionadas a agricultura (pedreiro, vendedor, padeiro, mecânico, trabalho em olaria e mineração) e voltaram por não terem se adaptado à rotina do trabalho formal e a ficar longe da família.

Mais da metade dos rapazes deste grupo, 42,8% (3), planejam se mudar assim que tiveram uma oportunidade de emprego em outros municípios, porém nem todos os entrevistados demonstraram a vontade de se desligar permanentemente da comunidade. Os laços de parentesco e amizade em Perseverança são muito valorizados por estes jovens e o sentimento de pertencimento os fazem não se desligarem do rural, mesmo que vivam no espaço urbano.

Em relação às moças, todas as entrevistadas neste grupo pretendem permanecer na comunidade e continuar com o trabalho que já realizam, em muito por já estarem acostumadas com a rotina e dinâmicas locais e por estarem casadas e com filhos. Entretanto, a continuação dos estudos está nos planos, tendo em vista que mesmo com idade para já terem terminado o ensino médio, as entrevistadas ainda estão na escola. Deste modo, ainda que conciliem o trabalho doméstico e o trabalho na agricultura, a finalização²⁷ dos estudos aparece como forte desejo nas falas destas moças

No grupo etário 4, os jovens encontram-se com seus projetos de vida em processo de consolidação.

Quadro 10- Destaque Grupo etário 4.

Grupo Etário (GE)	Rapazes (36)		Moças (24)		Total (60)	
	Absol.	%	Absol.	%	Absol.	%

²⁷ Finalizar os estudos nesta perspectiva é terminar os estudos no ensino médio.

GE. 1 27 a 30 anos	11	30,5	05	20,8	15	25
---------------------------	----	------	----	------	----	----

Fonte: Pesquisa de Campo da autora, 2016.

São 17% (4) os entrevistados neste grupo que querem permanecer vivendo no espaço rural, mas não pretendem trabalhar até o fim da vida como agricultores, questão esta justificada pela penosidade do trabalho na agricultura. As opções destes, alternam-se entre administração de propriedade rural, ou seja, aumentar o terreno e a produção para contratar mão de obra, como lojista, organizar uma pequena venda ou comércio para administrar e a sua formação escolar (técnico agrícola).

Este grupo etário possui o maior número de jovens casados, ao todo 93% (15), sendo a totalidade das mulheres nesta condição. Nestes casos, o casamento e filhos foram fundamentais para a permanência na comunidade. Os projetos de vida dos jovens deste grupo se voltam para a manutenção da família e da vida no campo com enfoque na educação de seus filhos.

Independente dos grupos, os projetos de vida dos jovens de Perseverança, aparecem nas entrevistas realizadas em sua maioria atrelados aos dilemas referentes a permanência ou saída do espaço rural. Isto ocorre fundamentalmente por conta da escassez de opções de trabalhos diferentes da agricultura na comunidade, não atribuem o desejo de sair a falta de identificação com o estilo de vida do campo e a agricultura, principalmente porque de acordo com as respostas das entrevistas, esta visão não apareceu de forma expressiva.

Dos 60 entrevistados, 63,33% (38) dos jovens, entre moças e rapazes, têm o projeto de permanecer em Perseverança, esta situação ocorreu em todos os grupos etários, porém as motivações são distintas se considerada a etapa de vida em que os jovens se encontravam no momento da pesquisa e o tipo de trabalho que pretendem realizar.

O desejo de manutenção da vida no espaço rural contribui, na visão dos jovens, para a permanência no trabalho familiar. No total, 46% (28) dos entrevistados têm o objetivo de permanecer trabalhando em Perseverança e uma alternativa para a permanência no campo é o trabalho familiar, ainda que este seja a última opção para a maioria dos jovens entrevistados 28,3 % (17).

Este percentual apresentou uma diferença quando analisei separadamente moças (24) e rapazes (36). As 25% (6) das moças sinalizam o gosto pelo trabalho agrícola por estarem conformadas, uma vez que o fazem por falta de outra oportunidade de emprego na própria comunidade em atividades diferenciadas das atividades agrícolas.

Por outro lado, os rapazes que optaram pela permanência na comunidade e para o trabalho familiar corresponderam a 61% (22) dos entrevistados, o casamento é fator decisivo

para permanecerem. Com a responsabilidade de gerir família e filhos estes não descartam a possibilidade da alternância com atividades assalariadas dentro da própria comunidade.

Em Perseverança aplica-se a análise que, em ambos os casos, moças e rapazes que pretendem continuar vivendo na comunidade e no trabalho familiar, têm como motivação principal aspectos relacionados à valorização da localidade de origem, com a condição de ser uma pessoa que tem raízes, fazer parte de uma família, onde todos sabem seu endereço, onde “nasceu e foi criado” (CARNEIRO, 2005).

Minha análise em relação ao trabalho assalariado, ocorre de acordo com as considerações de Malagodi & Marques (2007) sobre ficar ou sair do espaço rural. Estes dois movimentos, podem ser estratégias complementares, pautados por condições estabelecidas pelas próprias moças e rapazes ou em conjunto com a sua família. Assim, os projetos de vida diferenciam-se entre os jovens rurais, mesmo que a socialização e as vivências das pessoas sejam similares, tendo em vista a peculiaridade das relações humanas e o contexto em que se desenvolvem.

As motivações principais para esta permanência, bem como a continuação do trabalho de acordo com na produção familiar, é viver perto da família, com seus pais e por se dizerem “acostumados” com o trabalho que já realizam.

5.4 JUVENTUDE RURAL E TRABALHO: TENDÊNCIAS APONTADAS NO MUNDO ACADÊMICO.

A bibliografia revisada por mim, compreende o período de 2010 a 2016 para a construção de tendências no mundo acadêmico a respeito da temática trabalho e juventude no Brasil. Deste modo, considero que este recorte temporal, abarca a produção acadêmica recente que possui relação com as mudanças ocorridas no espaço rural e a juventude diante destas.

A análise sobre a juventude rural nas pesquisas e estudos acadêmicos no Brasil apresenta como questão crucial o trabalho (WANDERLEY, 2013; MARIN *et al*, 2014), principalmente a relação dos jovens entre a continuidade das atribuições no trabalho familiar e a saída deste para alçar novos objetivos, distinguindo-se dos projetos familiares ou do estilo de vida de seus pais.

Wanderley (2013), ressalta que não se pode tratar os jovens rurais de modo a diluí-los em uma certa homogeneidade, porque isto desconsidera as formas particulares do que é ser

jovem nas áreas rurais brasileiras. É necessário a compreensão da diversidade nesta esfera para que não se ignore as múltiplas situações que envolvem as experiências vividas pelos jovens em tal contexto. Não se trata mais de separar os jovens do campo e da cidade de modo engessado e dicotômico. Entretanto, no espaço rural permanecem alguns dilemas relacionados à juventude que são bem peculiares a este universo.

As principais questões que constatei em relação aos jovens rurais e trabalho que ainda estão em voga no debate atual perpassam as seguintes temáticas: questões de gênero (PAULO, 2010; SALES, 2010; HERÉDIA 2012), reprodução do trabalho na agricultura (BRUMER, 2012; REDIN, 2014), as dinâmicas de mobilidade rural de jovens para a cidade (GODOY et al, 2010; ZAGO, 2012), masculinização do campo (SILVA e SCHNEIDER, 2010; COSTA et al, 2016).

Constatei uma crescente produção acadêmica sobre juventude rural nas diferentes regiões do Brasil, (SPANEVELLO *et al*, 2012; COSTA, 2012; TAUKE SANTOS, 2010; MENEZES, 2013), mas não identifiquei estudos na região centro oeste. No estado do Pará, a produção sobre juventude também encontra-se em ascensão, os temas frequentes de estudos hoje no estado são: inclusão social e educação (NEVES, 2014) e trabalho (SANTOS & MOTA, 2013).

Identifico que outros temas também mereçam ser estudados no cenário paraense, a participação da juventude rural em movimentos sociais, juventude indígena, a participação de jovens na agroecologia e políticas públicas para a juventude no estado do Pará.

De acordo com minha análise, o que ocorre hoje na pesquisa acadêmica sobre jovens e juventude no espaço rural do Brasil, reitera ainda os resultados que começaram a surgir a partir dos anos 2000. As questões relativas a juventude e trabalho no espaço rural, em muito se estabelecem a partir da visão conflituosa dos jovens em relação ao trabalho realizado. Trata-se, principalmente, do trabalho familiar que é passado dos pais para os filhos, as diferenças de gênero na formação social de moças e rapazes, principalmente relativas à falta de identificação de moças com o trabalho doméstico e ainda, as transformações ocorridas no espaço rural que modificam o cenário e suscitam mudanças no cotidiano e vida destes jovens.

6 CONCLUSÕES

O objetivo geral desta dissertação é analisar a motivação de jovens para o trabalho. De modo mais específico, analisei porque os jovens se motivam a trabalhar com a família ou para terceiros por meio do assalariamento.

A pesquisa foi realizada na comunidade Perseverança, localizada no município de São Domingos do Capim, estado do Pará. Em se tratando das conclusões deste estudo, as organizei em três partes: a comunidade, os jovens e suas trajetórias e inserção no trabalho e, por fim, motivação dos jovens para o trabalho familiar e assalariado e seus projetos de vida.

O estudo de caso foi realizado em Perseverança, comunidade do espaço rural do município. Nesta identifiquei a coexistência entre modelos familiares e empresariais de produção, ambos com atividades na agricultura e pecuária respectivamente. Estas, geram novas, mas restritas, possibilidades de inserção no mercado de trabalho para os jovens, reforçando a problemática da relação entre juventude e trabalho na sociedade global.

Em relação ao trabalho assalariado na comunidade, identifiquei novas modalidades de atividades geradoras de renda, que anteriormente eram próprias dos espaços urbanos, denominadas por mim de prestação de serviços para a internet (pesquisas virtuais, digitação de trabalhos escolares e o aluguel de computadores ou de *wi-fi* para o acesso a redes sociais). A necessidade destes novos tipos de serviço são, por sua vez, caracterizados pelas mudanças ocorridas na sociedade em geral, e por conseguinte, no espaço rural.

Em se tratando dos jovens e de suas trajetórias, as principais conclusões sobre o que é ser jovem em Perseverança indicam que, ainda que as pessoas façam parte de uma mesma sociedade, as experiências pessoais e a temporalidade influenciam no seu modo de ver o mundo e conseqüentemente, de pensar sobre o que é a juventude.

Rapazes e moças diferem principalmente em relação à compreensão do que consideram ser jovem ou não. Para os rapazes, o fator principal levado em consideração para caracterizar uma pessoa jovem é o vigor físico para o trabalho. Ser jovem é o período em que se tem força para a realização de trabalhos considerados pesados e a construção de um futuro que esteja condizente com os seus objetivos. No caso das moças, a juventude está associada a não ter “responsabilidade” com marido e filhos, sendo o casamento, para estas, o marco que delimita a juventude e a vida adulta.

Quanto às trajetórias de inserção no trabalho, concluo que elas são marcadas por sexo, por gênero e idade no processo de socialização de trabalhos considerados de homens e de mulheres.

Sobre as motivações para o trabalho na comunidade, concluo que em se tratando do trabalho familiar, a motivação principal para a sua continuidade ou para o seu ingresso no trabalho assalariado ocorre de acordo com a análise de Wanderley (2013). A autora explica que a escolha dos jovens para a profissão de agricultor (trabalho familiar), encontra-se diretamente relacionada à valorização que estes atribuem à atividade e, em grande parte, também por influência da visão de sua família a respeito deste trabalho.

Em Perseverança, a visão das atividades agrícolas como um serviço “pesado”, de certo modo passada de pais para os filhos, é um elemento motivador para os jovens vislumbrarem profissões assalariadas que se diferenciam do trabalho realizado com sua família. O esforço despendido na “lida na roça” está relacionado às limitações físicas e doenças que aparecem com a idade por conta do esforço no trabalho na agricultura. Apesar da maioria dos entrevistados reconhecerem o trabalho familiar como responsável por uma certa segurança, principalmente em se tratando da alimentação de cada dia, muitas famílias preferem que seus filhos ingressem em outras atividades após a formação escolar, porque acreditam que os estudos são a melhor maneira de se garantir um bom futuro.

Quando os pais não consideram a continuidade nas atividades agrícolas uma boa perspectiva de vida para os seus filhos, traçam um projeto para que estes consigam alcançar outras oportunidades fora do trabalho familiar. O investimento nos estudos se torna uma possibilidade. Neste caso, os jovens crescem com a ideia de que trabalham apenas para ajudar seus pais na propriedade de forma temporária. A educação formal é priorizada e contribui na motivação para a saída destes jovens da comunidade em busca de formação técnica e superior. Para além das motivações construídas na família, concluo que existem outras que impulsionam os jovens para o trabalho assalariado, dentre as quais a (as):

i) Necessidade de ter uma renda própria. A maioria dos jovens alterna entre atividades familiares e remuneradas na comunidade. Porém, no caso dos rapazes, isto não significa que estejam insatisfeitos com a rotina ou com as tarefas do trabalho familiar, mas almejam ganhos próprios.

ii) Falta de reconhecimento das atividades domésticas como trabalho. A saída de moças em busca de atividades fora da propriedade é atribuída à insatisfação com o papel que desempenham nas atividades rurais, principalmente ligadas à falta de reconhecimento das

atividades domésticas como trabalho, além das moças as considerarem um serviço maçante e repetitivo.

iii) **Vantagens trabalhistas.** O trabalho assalariado pode proporcionar certa segurança em se tratando das vantagens trabalhistas oferecidas, como o décimo terceiro salário²⁸ e férias remuneradas.

Em relação à motivação dos jovens para a permanência no trabalho familiar concluo que esta relaciona-se as seguintes razões:

i) Possibilidade de flexibilização do tempo. Sem o controle de um horário fixo tal qual em um trabalho “de salário”, os jovens possuem liberdade para o trabalho com uma rotina que estabelece o melhor momento para a realização de cada tarefa ou descanso.

ii) Proximidade com a família e valorização das relações com o lugar em que vivem. Muitos jovens que optam por continuarem no trabalho familiar não se adaptam à vida distante da família e da comunidade, acreditam que Perseverança hoje possui tudo o que precisam para viver, apenas com a necessidade de poucas melhorias que estão próximas. Para estes jovens, viver nesta localidade lhes traz segurança e tranquilidade que não existe na vida nas cidades.

iii) O casamento. Por conta de já estarem casados e com sua própria família, moças e rapazes precisam permanecer na comunidade, e como as oportunidades de emprego fixo em Perseverança não são muitas, optam por trabalhar na agricultura onde existe a garantia de sustento, e atualmente boas perspectivas do trabalho ocasional na pipericultura²⁹, por exemplo.

Mesmo que tenha concluído que existem diferentes motivações para o trabalho familiar e assalariado entre os jovens de Perseverança, na comunidade existe um número significativo de jovens que alternam entre estas diferente modalidades de trabalho de acordo com as necessidades pessoais e familiares.

Para finalizar, no espaço rural a juventude é abordada como uma etapa da vida marcada pela precoce inserção no trabalho e pelo convívio social com os adultos, onde os jovens ocupam posições de subordinação e de dependência, tanto na família quanto na sociedade (FEIXA, 2004; CASTRO, 2007). Neste aspecto, as atribuições que lhes cabem no cotidiano familiar estão de acordo com as necessidades da família e a organização do trabalho estabelecida pelos seus pais.

²⁸ O décimo terceiro, é uma gratificação instituída no Brasil, que deve ser paga ao empregado em duas parcelas até o final do ano, no valor corresponde a 1/12 (um doze avos) da remuneração para cada mês trabalhado. O cálculo é feito por mês trabalhado ou fração do mês igual ou superior a 15 dias

²⁹ Cultura de pimenta- do- reino

À juventude de Perseverança não resta apenas um futuro imposto, por falta de escolhas ou pelos pais. Juntamente com a noção que têm de que o campo não é um local de atraso, o jovem que ali vive, é consciente de que existem possibilidades para além da agricultura quando elaboram seus projetos de vida. Na maioria dos casos, o trabalho na agricultura é visto pelos jovens como última opção.

Os jovens da comunidade se encontram numa condição de completa integração a muitos aspectos do universo urbano, em sua maioria estão satisfeitos com a vida no campo e indicam que sua saída ou permanência depende mais da falta de oportunidades de estudo e trabalho na própria comunidade do que a insatisfação com o universo rural em si.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. ANPEd n° 5 e 6, p. 25-36. 1997.

ALBORNOZ, S. **O que é trabalho/ What is work**. Brasília: Brasiliense; 1988.

ALVES, K. S.; MOTA, D. M. Trabalho familiar ou assalariamento? Dilema de jovens em comunidades rurais. **Novos Cadernos NAEA**, v. 16, n. 1, p. 163-180, jun. 2013.

ALVES, M. Z; DAYRELL, J. T. Transnacionalismo, juventude rural e a busca de reconhecimento. **Educação e Pesquisa**, v. 41, n. spe, p. 1455-1471, dez. 2015.

ANTUNES, R.; ALVES, G. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educação e Sociedade**, v. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago. 2004.

ARENHARDT, D. L. *et al.* O Jovem Rural E Seu Olhar Sobre O Futuro: A Busca Por Melhor Condição De Vida Nos Centros Urbanos. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, v. 6, jun. 2014.

BÉAUD, S.; WEBER, F. **Preparar e negociar uma entrevista etnográfica**. In: BÉAUD, S.; WEBER, F. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 95-117

BECKER, H. S. **Observação social e estudos de caso sociais: métodos de pesquisa em ciências sociais**. Tradução Marco Estevão e Renato Aguiar. São Paulo: Hucitec, 1994.p.117-133.

BOURDIEU, P. *et al.* A juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, P. *et al.* **Questões de sociologia**, Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.

BRUMER, A. A elaboração de projeto de pesquisa em ciências sociais. In: GUAZZELLI, C. A.; PINTO, C. R. J. B. (Org.). **Ciências humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: UFRGS. p. 125-147. 2008

BRUMER, A. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. **Juventude Rural em Perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 35-51

BRUMER, A. *et al.* A elaboração de projeto de pesquisa em ciências sociais. In: GUAZZELLI, C, A; PINTO, C. R. J. B. (Org). **Ciências humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. p. 125- 146

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Estudos feministas**, v. 12, n. 1, p. 205-227. Jan./abr. 2004.

BRUMER, A; ANJOS, G. Gênero e reprodução social na agricultura familiar. **Revista Nera**, Ano 11 n° 12, p. 6-17. 2012.

CAMARANO, A A. *et al.* Do nascimento à morte: principais transições. In: **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição**, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2006 p. 31-60.

CAMARANO, A. A; ABRAMOVAY, R. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 15, n. 2, p. 45-65. 2014.

CAPELO M. R. C.; MARTINS S. A.; AMARAL W. R., Juventudes do campo: refazendo caminhos pesquisados. In: JEOLÁS, L. S.; PAULILO, M. A. S.; CAPELO, M. R. C. **Juventudes, desigualdades e diversidades estudos e pesquisas**. Eduel, 2007. p. 205-258.

CARNEIRO, M. J. O ideal urbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: COSTA, L. F. C.; CASTRO, A. C. Editora Campus, 1999. **Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Campus, p. 95-118, 1998.

CASTRO, E. G. de. (Org). **Juventude Rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.p.128-135

CASTRO, E. G., Os jovens estão indo embora?: juventude rural e a construção de um ator político. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. **Juventude Rural em Perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CASTRO, E. Tradição e modernidade a propósito de processos de trabalho na Amazônia. **Novos Cadernos NAEA**. v. 2, n.1, dez. 1999.

CASTRO, E.; ACEVEDO, R. O lugar da mulher e do negro no mercado de trabalho no Pará. **Novos Cadernos NAEA**, v. 1, n. 2, 1998.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; DA SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidade**. Brasília. UNESCO. 2004.

CHAYANOV, A. V. (1924) Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas. In: SILVA, J. G.; STOLCKE, V. (Orgs.). **A Questão Agrária** - Weber, Engels, Lenin, Kautsky, Chayanov, Stalin. São Paulo: Brasiliense, 1981.

COSTA, F. L. M; RALISCH, R. A juventude rural do Assentamento Florestan Fernandes no Município de Florestópolis (PR). **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 51, n. 3, p. 415-432, 2013.

COSTA, J. P. R. **Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul-EFASC**: uma contribuição ao desenvolvimento da região do Vale do Rio Pardo a partir da Pedagogia da Alternância. Dissertação Mestrado em Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, 2012.

CYRINO, R. Trabalho, temporalidade e representações sociais de gênero: uma análise da articulação entre trabalho doméstico e assalariado. **Sociologias**, v. 11, n. 21, 2009.

DE AGUIAR, S. K.; DA SILVA, A. R. L.; FANTINEL, L. D. As relações simbólicas e a motivação no trabalho voluntário. **Revista de Administração Mackenzie**. v. 16, n. 3, p. 171, 2015.

DE ALMEIDA LINS, A. U. F. Representações sociais e hanseníase em São Domingos do Capim: um estudo de caso na Amazônia **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 20, n. 1, p. 191-194. 2010.

DE ALMEIDA SOUZA, J A. A Espacialidade de uma Amazônia Ribeirinha Face ao Urbano: o exemplo de São Domingos do Capim (PA) e o desenvolvimento do turismo. **Revista Turismo em Análise**, v. 20, n. 1, p. 168-189. 2009.

DE CASTRO, Elisa Guaraná. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão ea construção de um ator político. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**. v. 7, n. 1, p. 179-208. 2009.

DE SOUZA NASCIMENTO, A. Juventude rural na Amazônia: mobilidade de jovens rurais entre o lote e a sede de Rorainópolis/RR. **Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**. v. 2, n. 3, p. 49-70. 2015.

DE SOUZA, S. B; DOULA, S. M; CARMO, P. M. Jovens rurais da zona da mata mineira e projetos de vida profissional. **Redes**. v. 21, n. 1, p. 233-249, 2016.

DURSTON, J. **Juventud y desarrollo rural**: marco conceptual y contextual. 1998. In: <http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/6257/S9800085_es.pdf?sequence=1. Acesso em: 21/10/2015>

Estatuto da criança e do adolescente: lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata – 9. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010.

FEIXA, C. A construção histórica da juventude. In: **CACCIA-BAVA; A. Feixa, C. P; CANGAS, Y. G. Jovens na América Latina**. São Paulo: Escrituras, 2004.

FERRARI, D. L. *et al.* Dilemas e estratégias dos jovens rurais: ficar ou partir? **Estudos Sociedade e Agricultura**, v 12, n° 2. 2004.

FREIRE, J. C. da S. **Juventude camponesa e políticas públicas**: pertinência social do Programa Saberes da Terra na Amazônia paraense. **Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Belém-Tese de Doutorado**, - Universidade Federal do Pará, 2009.

FREIRE, J. S.; CASTRO, E. Juventude na Amazônia Paraense: Identidade e cotidiano de jovens assentados da reforma agrária. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. **Juventude Rural em Perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

FURLANI, D. D; BOMFIM, Z. Á. C. **Jovens de ambiente rural e urbano e sua relação com projetos de vida**. In: LEITE, J. F.; DIMENSTEIN, M. (Orgs.). *Psicologia e contextos rurais* ., Natal: EDUFRN 2013. p. 117-143.2013.

GARCIA JR, A. R. **Terra de trabalho: trabalho familiar de pequenos produtores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GODOY, C. M. T. *et al.* Juventude rural, envelhecimento e o papel da aposentadoria no meio rural: a realidade do município de Santa Rosa/RS. In: SOBER, 48, 2009, Campo Grande. *Anais eletrônicos...* Campo Grande: UFSM, 2009. Disponível em: Acesso em 15 out. 2016.

GONÇALVES, M. T; HIRATA, H. **Nova divisão sexual do trabalho**: um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Editora Boitempo, 2002.

GOUVEIA, V. V. A natureza motivacional dos valores humanos: Evidências acerca de uma nova tipologia. **Estudos de psicologia**, v. 8, n. 3, p. 431-443, 2003.

GROPPO, L. A. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do cogeime**, ano. 13, n. 25, 9- 22. Dez. 2004.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia; CINTRÃO, Rosângela Pezza. Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro. **Revista Nera**, ano 9 n. 8, p. 1-28, 2012.

KISCHENER, M. A; KIYOTA, N; PERONDI, M. A. Sucessão geracional na agricultura familiar: lições apreendidas em duas comunidades rurais. **Mundo Agrário**, v. 16, n. 33. 2016.

KUMMER, R; COLOGNESE, S. A. Juventude rural no Brasil: entre ficar e partir. **Tempo da Ciência**. v. 20, n. 39. p. 201 – 220, 2013..

LIMA, N. de Q; SANTOS, M. S. T. dos. Redes Sociais e Juventude Rural: apropriações de propostas de Comunicação para o desenvolvimento em redes globalizadas. **Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 35, n. 2, 2013.

MALAGODI, E.; MARQUES, R. Para além de ficar ou sair: as estratégias de reprodução social de jovens em assentamentos rurais. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. (Org.) **Juventude Rural em Perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 197 -214

MARIN, J. O. B.; ANDREU, F. Juventud rural: una invención del capitalismo industrial. **Estudios Sociológicos**, Vol. 27, No. 80 (May - Aug. 2009), pp. 619-653 p. 619-653, 2009.

MARIN, J. O. B.; REDIN, E.; DA COSTA, F. F. Juventude rural e trabalho no cultivo do tabaco. **Revista Latino-americana de Estudos do Trabalho**, v. 19, n. 31, p. 159-194. 2014

MASLOW, A. H. Motivation and personality. Nova York: Harper & Row. 1954.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, v. 5, n. 6, p. 5-14, maio/ago.1997.

MENDONÇA, K. F. C. *et al.* Formação, sucessão e migração: trajetórias de duas gerações de agricultores do Alto Jequitinhonha, Minas Gerais. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 30, n. 2, p. 445-463, 2013.

- MENEZES, M. A. Família, juventude e migrações. **Revista Antropológicas**, ano 16 v. 23, n. 1 p. 113-136. 2013.
- MICHELAT, G. Sobre a utilização da entrevista não diretiva em sociologia. In: THIOLENT, M. J. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1987.
- MONTEIRO, M. A. Mudar para persistir: uma experiência de resistência camponesa e a expansão do dendê na Amazônia. In: Seminário Internacional América Latina: política e conflitos contemporâneos – SIALAT, Belém 2015 . **Anais...** 2015. p. 255-264.
- MOTA, D. M. Trabalho e sociabilidade em espaços rurais – Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil. **Embrapa Tabuleiros Costeiros 2005**. n. 29, p. 7-13, jun. 1999.
- MURRIETA, R. S. S.. Dialética do sabor: alimentação, ecologia e vida cotidiana em comunidades ribeirinhas da Ilha de Ituqui, Baixo Amazonas, Pará. *Revista de Antropologia*, v. 44, n. 2, p. 39-88, 2001.
- NAHUM, J. S; BASTOS, C S. dos. Dendeicultura e descampesinização na amazonia paraense/La cultivation de la palme à huile et la dépayssannisation dans l'amazonie au Pará. *Campo-território: revista de geografia agrária*, v. 9, n. 17, 2014.
- NEVES, D. P. Agricultura familiar e mercado de trabalho. **Estudos sociedade e agricultura**, *Revista Estudos Sociedade e Agricultura*, 8: 7-25, abr, Rio de Janeiro. 2013.
- NEVES, D. P. A perversão do trabalho infantil: lógicas sociais e alternativas de prevenção. **Intertexto**, 1999.
- NEVES, J. d. de V. *et al.* **Juventude e inclusão**: representações sociais sobre a condição juvenil no campo. 2014.
- NOGUEIRA, V. S. Trabalho assalariado e campesinato: uma etnografia com famílias camponesas. **Horizontes Antropológicos**, v. 19, n. 39, p. 241-268, 2013.
- NOVAES, J. R. P. Trabalho nos canaviais: os jovens entre a enxada e o facão. **RURIS-Revista do Centro de Estudos Rurais-UNICAMP**, v. 3, n. 1 p.103-27, jan./mar., 2009.
- OLIVEIRA, R. C. de. **O trabalho do antropólogo**. Editora Paralelo 15 / Editora da Unesp, 1998

PAIS, J. M. **Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro**. Lisboa, Âmbar. 2003.

PAULILO, M. I. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, n. 1, p. 229-252, 2004.

PAULO, M. de A. L. de. Juventude rural, sexualidade e gênero: uma perspectiva para pensar a identidade. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R; DE M., Marilda. **Gênero e geração em contextos rurais**. Editora Mulheres, 2010. **Gênero e geração em contextos rurais**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010. p. 289-313,

PEREIRA, R. Capim, sua história, contos e mitos. **São Domingos do Capim: Cartopack**, 1998.

REBELLO, F. K. **Da lenha ao óleo de Palma: a transformação da agricultura no Nordeste Paraense**. 2012. 321f. Tese (Doutorado em Agroecossistemas da Amazônia) - Universidade Federal Rural da Amazônia, 2012.

REDIN, E. Juventude rural e novas formas de sociabilidade mediadas pelas tics. **Signos do consumo**, v. 5, n. 2, p. 225-244, 2013a.

REDIN, E. O futuro incerto do jovem rural. **Informativo Técnico do Semiárido**, v. 8, n. 1, p. 37-43, 2014.

REDIN, E. Trabalho na roça e organização da produção da família rural. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia**, Maringá, v. 5, n. 2 , p. 166-186, 2013b

RIBEIRO, B. L. **O trabalho sob influência da dendeicultura em vilas rurais paraenses** Dissertação de mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável. Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas, NCADR, Universidade Federal do Pará. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Amazônia Oriental. Área de concentração: Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável. 2016.

OLIVEIRA R., S; PICCININI, V. C; BITENCOURT, B. M. Juventudes, gerações e trabalho: É possível falar em geração Y no Brasil?. **Organizações & Sociedade**, v. 19, n. 62, p. 551-558, 2012.

SALES, C. de M. V. Gênero e juventude rural: permanência de traços da herança cultural camponesa e a produção de novos valores na construção do presente. In: VII Seminário Fazendo Gênero. v. 28, Universidade Federal do Ceará–UFC. **Anais...**, 2010. p. 29.

SILVA, C. B. de C; SCHNEIDER, S. Gênero, trabalho rural e pluriatividade. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R; DE M., Marilda. **Gênero e Geração em Contextos Rurais. Florianópolis-SC**: Ed. Mulheres. 2010. p. 183-207.

SILVA, M. C. L e. Da casa da família à casa da escola: dimensões de gênero na experiência educativa em alternância no Município de Cametá-Pará. 2008.

SIQUEIRA, D; OSÓRIO, R. O conceito de rural. In: **Una nueva ruralidad en América Latina**, p. 67-80, 2001.

SOUSA, R. P. **Educación profesional y Sabidurías de los jóvenes campesinos en la Amazonía**: Una reflexión desde la Agroecología política. 2015. Tese (Doutorado) – Universidad Pablo de Olavide, 2015.

SPANVELLO, R. M. *et al.* A migração juvenil e implicações sucessórias na agricultura familiar. **Revista de Ciências Humanas**, v. 45, n. 2, p. 291-304, 2012.

SPOSITO, M. P. Jovens, mundo do trabalho e escola. Juventude e escolarização (1980-1998). Brasília, DF: MEC/INEP/COMPED, p. 95-134, 2002.

SPOSITO, M. P. O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006). **Argumentvm**, Belo Horizonte, v. 1, p. 2, 2009.

SPOSITO, M.P. Educação e juventude. Belo Horizonte: Educação em Revista (UFMG), Belo Horizonte, v. 26, p. 7-14, 1999.

STROPASOLAS, V. L. **O Mundo Rural no Horizonte dos Jovens**: O caso dos filhos (as) de agricultores familiares de Ouro/SC. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

STROPASOLAS, V. L. O valor (do) casamento na agricultura familiar. **Revista de Estudos Feministas**, v. 12, n. 1, p. 253-267, 2004.

STROPASOLAS, V. L. Trabalho infantil no campo: do problema social ao objeto sociológico. **Revista Latino-americana de Estudos do Trabalho, Ano**, v. 17, p. 27, 2012.

TAUK SANTOS, M. S. Juventude rural e cibercultura: a inclusão digital é ainda um sonho. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO NORDESTE. Comunicação e juventude: questões para a cidadania e o desenvolvimento regional. Anais... Intercom XVIII Congresso de Ciências da . 2010.

WAGLEY, C. **Uma comunidade Amazônica**: Estudo dos homens nos trópicos. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1988.

WANDERLEY, M. de N. B. A ruralidade no Brasil moderno: por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: **Una nueva ruralidad en América Latina**, 2001, p. 31-44.

WANDERLEY, M. de N. B. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In: In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. **Juventude Rural em Perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 35-51

WANDERLEY, M. de N. B. Raízes Históricas Do Campesinato Brasileiro. In: XX Encontro Anual da ANPOCS. GT 17. Processos Sociais Agrários. **Anais...**Caxambu, MG. Outubro, 1996.

WANDERLEY, M. de N. B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. **Agricultura familiar: realidades e perspectivas**, v. 3, p. 21-55, 1999.

WANDERLEY, M. N. B. **Juventude rural: vida no campo e projetos para o futuro**. 1. ed. Recife: Editora da UFPE, 2013. 270p

WEISHEIMER, N. Socialização e projetos de jovens agricultores familiares. In: CARNEIRO, M. J; CASTRO, E. G. **Juventude Rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

WEISHEIMER, N. **Juventudes rurais: mapa de estudos recentes**. IICA, 2005.

ZAGO, N.; BORDIGNON, C. Juventude rural no contexto da agricultura familiar: migração e investimento nos estudos. **Reunião da Associação Nacional De Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, 2012.